



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO  
E INTERNACIONALIZAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ

**SUZANA ROSSI PEREIRA CHAVES DE FREITAS**

**CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA REPENSARMOS A  
EDUCAÇÃO A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DE IMPERATRIZ MARANHÃO**

IMPERATRIZ  
2024

**SUZANA ROSSI PEREIRA CHAVES DE FREITAS**

**CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA REPENSARMOS A  
EDUCAÇÃO A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DE IMPERATRIZ MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

IMPERATRIZ  
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Freitas, Suzana Rossi Pereira Chaves de.

Contribuições do Feminismo Negro para repensarmos a educação a partir de vivências com estudantes de uma escola municipal de Imperatriz Maranhão / Suzana Rossi Pereira Chaves de Freitas. - 2024.

111 p.

Orientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas - Ppgepe/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Feminismo Negro. 2. Educação. 3. Gênero. 4. Raça. 5. Classe. I. Carvalho, Herli de Sousa. II. Título.

**SUZANA ROSSI PEREIRA CHAVES DE FREITAS**

**CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA REPENSARMOS A  
EDUCAÇÃO A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DE IMPERATRIZ MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

Aprovada em 12/06/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente e Orientador(a): Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho  
Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Membro Titular Externo Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja  
Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Membro Titular Interno: Profa. Dra. Betania Oliveira Barroso  
Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Suplente Membro Titular Externo: Prof. Dr. Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo  
Doutor em Ciências Políticas  
Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT

Suplente Membro Titular Interno: Profa. Dra. Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira  
Doutora em Informática na Educação  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

A todas as mães, mulheres, meninas e pessoas negras que anseiam por uma sociedade equânime.

## AGRADECIMENTOS

O processo de escrita pode ser solitário, por vezes as lágrimas se fizeram presente, porém, também é um momento de descobertas e trocas de aprendizados, a construção desse texto se deve a junção de forças e energias de diversa pessoas que de forma direta e indireta estiveram dando apoio para que fosse concluído.

Agradeço minha mãe, Maria Pereira Chaves, pelos incentivos, pelo exemplo de força e coragem desempenhados em minha vida, por sua escuta e confiança de que seria capaz de concluir essa etapa por mais que estivesse sendo difícil.

Agradeço meu filho, Oliver Ricardo Chaves Silva, pois sem ele não seria capaz de levantar durante os momentos de abalo emocional, nos quais meus medos e aflições pareciam me sufocar. A maternidade é um divisor de águas, a forma que passei a encarar a pesquisa foi completamente modificada com a chegada do meu filho, por isso sou grata a ele, sua existência me proporcionou um novo olhar, um senso crítico, empatia e sensibilidade que desconhecia.

Agradeço meu esposo Fausto Ricardo Silva Sousa, sei que por vezes gostaria de ter feito mais, sido mais presente no processo, mas as demandas da vida adulta nem sempre possibilitam isso. Obrigada por ler, ouvir e ajudar no processo de escrita, ficar acordado durante a madrugada mesmo com sono e cansaço apenas ao meu lado, dando seu apoio, segurando minha mãe e enxugando minhas lágrimas, e como tiveram lágrimas não é mesmo? Obrigada por não permitir que deixasse de acreditar em mim mesma.

Agradeço a minha orientadora Herli de Sousa Carvalho, pelas orientações, cuidados e principalmente paciência e respeito pelo momento que estava vivendo, por vezes senti vergonha por não estar conseguindo realizar algo que parecia ser simples, e com seu abraço e sorriso, voz mansa me fazia perceber que não tinha motivos para tantos medos. Agradeço as mensagens que foram mandadas, os vídeos e músicas que traziam conforto.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma em especial a Maria dos Reis Dias Rodrigues por suas mensagens motivacionais, pelo acolhimento, empatia, leitura de parte do meu texto e pelos ouvidos sempre abertos para minhas falas em momentos de crise. Obrigada por todo cuidado, por acreditar em mim e não soltar minha mão.

Por fim, mas não menos importante agradeço a minha banca avaliadora pela paciência, empatia, acolhimento, respeito e trocas de experiência. Obrigada professoras Betânia Oliveira Barroso e Vanda Maria Leite Pantoja que desde o processo de qualificação estiveram comigo, Agradeço também ao professor César Figueiredo por ter colocado uma pulguinha em minha orelha ainda na graduação e fazer com que olhasse as questões de gênero juntamente com raça.

A gente nasce preta, mulata, parda,  
marrom, roxinha dentre outras, mas  
tornar-se negra é uma conquista.

(Lélia Gonzalez)

## RESUMO

**Nome da autora:** Suzana Rossi Pereira Chaves de Freitas

**Título do trabalho:** Contribuições do Feminismo Negro para repensarmos a Educação a partir de vivências com Estudantes de uma Escola Municipal de Imperatriz-Maranhão

**Linha de pesquisa:** Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares

A presente dissertação, sob o título “Contribuições do Feminismo Negro para repensarmos a Educação a partir de vivências com Estudantes de uma Escola Municipal de Imperatriz-Maranhão”, é a materialização de uma trajetória de autoconhecimento e de insurgência negra feminina no que se refere a ponderar o compromisso educacional frente a realidade subalternizada que as mulheres negras vivenciam cotidianamente na sociedade brasileira. Tendo por objeto de estudo o Feminismo Negro, o trabalho se justifica pela complexa relação interseccional entre gênero, raça e classe, que nos leva a compreender o racismo, o sexismo, o machismo e as classes sociais como estruturantes das relações sociais brasileiras e construtores de desigualdades, inserindo-se também no ambiente escolar, que tanto pode agir para a manutenção desse cenário quanto pela transformação, pela libertação social ao trazer as lutas contra-hegemônicas para dentro de suas práticas pedagógicas. Assim, os objetivos que guiaram o estudo são “analisar como o Feminismo Negro pode contribuir para a construção de uma educação com ênfase nas questões raciais”; “explicitar como o feminismo negro se apresenta em minha história de vida”; “conceituar racismo, machismo, feminismo, feminismo negro e interseccionalidade como base para a compreensão da trajetória de lutas das mulheres negras”; “compreender como o feminismo negro pode contribuir de forma epistemológica para a educação”; e “desenvolver atividades fundamentadas no Feminismo Negro de modo a subsidiar a produção de fanzine educativo”. Para tanto, Vilma Piedade (2017), Nilma Lino Gomes (2010; 2017), bell hooks (2023), Lélia Gonzáles (1979; 2011), Carolina Pinho (2022) e outras intelectuais foram cruciais para a trajetória de pesquisa realizada tanto no momento de elucidações teóricas quanto para embasar as intervenções realizadas na escola/campo, possibilitando assim uma firmeza teórico-metodológica, até mesmo prática, para interpretar as vivências produzidas ao longo do estudo. Na metodologia fizemos uso da Pesquisa (Auto)biográfica em Educação, da Pesquisa Bibliográfica e da Pesquisa de Campo, a partir da abordagem qualitativa, com foco em quatro momentos de contato direto com 41 estudantes do 9º ano de uma escola pública municipal de Imperatriz, Maranhão, durante o ano de 2023. De maneira geral, a trajetória da pesquisa e de vivências no percurso do mestrado possibilitou um enriquecimento epistemológico pessoal e contribuições nas perspectivas social, acadêmica, educacional e profissional, tendo por fio condutor o repertório epistemológico do feminismo negro para a educação escolarizada, possibilitando que descortinemos as mazelas sociais que subjugam as mulheres negras, e ao mesmo tempo potencializemos práticas educacionais que se guiam pela equidade e pela justiça social. Mesmo que de forma tímida, as alunas e os alunos que participaram da pesquisa nos trouxeram bases importantes para inferirmos que a educação, sem generalizações, não vem cumprindo com sua função social de humanizar nossa sociedade, pelo contrário, vem atendendo a estrutura hegemônica, como pontua Gomes (2017). Desta forma, o estudo nos mostra a necessidade de continuarmos atuando na contra-hegemonia educacional, trazendo visibilidade às vivências negadas, empoderando aquelas e aqueles que não se veem representadas/os, a necessidade de, juntamente com os conhecimentos produzidos pelo feminismo negro, esperarmos por uma educação libertadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo Negro. Educação. Gênero. Racismo. Classe.

## ABSTRACT

**Author name:** Suzana Rossi Pereira Chaves de Freitas

**Title of work:** Contributions of Black Feminism to rethink Education based on experiences with Students from a Municipal School in Imperatriz-Maranhão

**Line of research:** Pluriculturality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices

This dissertation, under the title “Contributions of Black Feminism to rethink Education based on experiences with Students from a Municipal School in Imperatriz-Maranhão”, is the materialization of a trajectory of self-knowledge and black female insurgency with regard to consider the educational commitment in the face of the subordinate reality that black women experience on a daily basis in Brazilian society. Having Black Feminism as its object of study, the work is justified by the complex intersectional relationship between gender, race and class, which leads us to understand racism, sexism, machismo and social classes as structures of Brazilian social relations and builders of inequalities, also inserting itself in the school environment, which can act both to maintain this scenario and for transformation, for social liberation by bringing counter-hegemonic struggles into its pedagogical practices. Thus, the objectives that guided the study are “analyzing how Black Feminism can contribute to the construction of education with an emphasis on racial issues”; “explain how black feminism presents itself in my life story”; “conceptualize racism, machismo, feminism, black feminism and intersectionality as a basis for understanding the trajectory of black women’s struggles”; “understanding how black feminism can contribute epistemologically to education”; and “develop activities based on Black Feminism in order to support the production of educational fanzine”. To this end, Vilma Piedade (2017), Nilma Lino Gomes (2010; 2017), bell hooks (2023), Lélia Gonzáles (1979; 2011), Carolina Pinho (2022) and other intellectuals were crucial to the research trajectory carried out both in moment of theoretical elucidations to support the interventions carried out in the school/field, thus enabling theoretical-methodological, even practical, firmness to interpret the experiences produced throughout the study. In the methodology we used (Auto)biographical Research in Education, Bibliographical Research and Field Research, based on a qualitative approach, focusing on four moments of direct contact with 41 9th year students from a municipal public school in Imperatriz, Maranhão, during the year 2023. In general, the trajectory of research and experiences during the master's degree enabled personal epistemological enrichment and contributions from social, academic, educational and professional perspectives, having as a guiding thread the epistemological repertoire of black feminism for school education, enabling us to uncover the social ills that subjugate black women, and at the same time, let us enhance educational practices that are guided by equity and social justice. Even if in a timid way, the students who participated in the research provided us with important bases to infer that education, without generalizations, has not been fulfilling its social function of humanizing our society, on the contrary, it has been serving the hegemonic structure, as points out Gomes (2017). In this way, the study shows us the need to continue acting in educational counter-hegemony, bringing visibility to denied experiences, empowering those who do not see themselves as representatives, the need, together with the knowledge produced by black feminism, to hope for a liberating education.

**KEYWORDS:** Black Feminism. Education. Gender. Racism. Class.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: OS ENTRELACES DAS MEMÓRIAS E O FEMINISMO NEGRO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1. Meu primeiro lar .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2. A educação que liberta .....</b>	<b>24</b>
<b>1.3. Sou eu professora? .....</b>	<b>31</b>
<b>1.4. Construindo meu ninho .....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO 2: ENTRELACANDO O FEMINISMO NEGRO NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 3: ENTRELACANDO VIVÊNCIAS, TEORIAS E APRENDIZAGEM .....</b>	<b>60</b>
<b>3.1. Vamos falar sobre preconceito e racismo? .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2. A que classe você pertence? .....</b>	<b>73</b>
<b>3.3. Será que somos todas e todos iguais? .....</b>	<b>80</b>
<b>3.4. O que você tem para falar? .....</b>	<b>86</b>
<b>INCONCLUSÕES .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada “Contribuições do Feminismo Negro para repensarmos a Educação a partir de vivências com Estudantes de uma Escola Municipal de Imperatriz-Maranhão”, é resultado de um processo formativo junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Tem como objeto de estudo o Feminismo Negro, sendo pensado a partir de obras de pesquisadoras negras, em especial brasileiras, latino-americanas e africanas. Tal objeto de estudo é de meu interesse por possibilitar uma forma de abordagem na educação que vai ao encontro de uma sociedade equânime, inteirando em seu processo de construção temáticas como o antirracismo, antimachismo e o antisexismo, questões essas que fazem parte da realidade brasileira e que por intermédio de mulheres feministas negras, conseguem gerar contribuições que podem ser utilizadas nos espaços escolares, desde a Educação Básica à Educação Superior.

A preocupação com essa temática surge por meio de inquietações que foram plantadas durante minha avaliação de TCC na graduação de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (UFMA) na qual realizei uma pesquisa sobre gênero e no entanto, deixei de lado as questões étnico raciais. A partir da semente plantada por César Figueiredo um dos avaliadores daquele trabalho, passei então a refletir sobre o meu local não apenas como mulher, mas sendo mulher negra e a responsabilidade que carregava por estar inserida em espaços acadêmicos.

Assim, por meio das reflexões acerca da minha vida e de outras mulheres pretas consegui enxergar o ambiente escolar como sendo um divisor de águas, portanto, um espaço que pode tanto contribuir para o reconhecimento étnico-racial como também pode ser encarado como um local de hostilidade. Pois, a escola sendo um dos primeiros espaços de socialização pelo qual as crianças passam pode ser local promotor as diferenças, mas também de reproduzidor de preconceitos e racismo.

Levar o feminismo negro para o cotidiano escolar é um desafio, visto que, para muitas pessoas não há necessidade de se estudar sobre o tema, pois muitos não reconhecem os grandes males causados pelo racismo e machismo estruturais.

Compreendo que a educação brasileira no que se refere as temáticas de gênero e raça ainda está longe de cumprir com uma função de emancipação, ou seja, fazer com que estudantes repensem seus modos de agir e encarar uns aos outros e realizar uma quebra dos preconceitos e por consequência romper com a estrutura existente no país, na qual o preconceito herdado ao

longo dos séculos deixa negras e negros em uma condição de vulnerabilidade. É esse cenário que nos faz perceber a necessidade de estudos direcionados ao Feminismo Negro.

O ambiente escolar está bombardeado de imagens de mulheres em livros didáticos e histórias infantis que nada possuem de semelhante a nós, meninas/mulheres pretas. Em sua maioria as histórias possuem personagens brancas, loiras, cabelos lisos, magras e altas, como consequência não nos sentimos representadas e passamos por um processo de danificação da autoestima. Como forma de recuperação ou adequação ao padrão de beleza estabelecido passamos entre tantos processos o de alisamento dos fios capilares. Esse processo causa uma falsa sensação, a de que seremos menos excluídas. Tal processo mostra a necessidade de repensar a educação para a diversidade.

Além disso, vale frisar que falar sobre questões de gênero é também falar sobre um problema público, sobre um alto índice de mulheres que são assassinadas diariamente vítimas de violência. Encontramos nos dados fornecidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, utilizando o mapa da violência no Brasil, uma média de 2946,6 óbitos de mulheres entre os anos de 2015 à 2019 sendo elas de cor/raça preta ou parda<sup>1</sup>. Quando comparamos ao número de mulheres não negras registradas no mesmo período encontramos uma média nacional de 1425 registros de óbitos entre os anos de 2015 à 2019, nesse grupo estão incluídas mulheres de cor/raça branca, amarela e indígena<sup>2</sup>. Por meio desses dados é possível perceber que a violência atinge em maior número um determinado grupo, o que torna necessária a discussão não apenas de gênero, mas de gênero e raça, o que é possível por meio do feminismo negro.

Assim, ao pensar em pesquisadoras negras como uma diretriz na educação nos permitimos passear por diferentes áreas das quais o Brasil ainda necessita de melhorias, uma vez que tais pesquisadoras abordam as questões étnico raciais não limitando-se aos problemas raciais e de gênero, mas trazem reflexões sociais, religiosas, educacionais, dentre outras. E se tratando especificamente de Feminismo Negro, objeto de estudo nessa pesquisa, levá-lo ao ambiente escolar é nos preocupar com a estrutura educacional, que se faz a partir da social, em que as práticas e saberes são elaborados com subjugo de nós, mulheres negras, desrespeitando a pluralidade e impraticando a emancipação por meio da educação. Logo, estudar as obras de mulheres negras torna-se primordial para uma compreensão acerca da realidade brasileira e os efeitos do racismo.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/142>> Acesso em: 15 de jan. de 2023

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/143>> Acesso em: 15 de jan. de 2023

Por mais que nas academias a discussão sobre feminismo negro seja recorrente, ainda são poucos os trabalhos que trazem essa temática no ambiente escolar o que pôde ser constatado por meio da pesquisa de Estado da Arte, na qual realizei um levantamento no banco de dados da plataforma de teses e dissertações da CAPES no programa de pós-graduação em educação entre os anos de 2017 e 2021 no qual foi constatada uma pequena quantidade de produções que envolvem a temática. Desse modo, a pesquisa que aqui segue possui o intuito de servir como fonte de novas informações sobre o tema e possibilitar que o Feminismo Negro seja encarado como um recurso didático e dialético na educação em todos os níveis e não permaneça limitada ao ensino superior.

A caracterização do objeto de estudo levantado na presente proposta de pesquisa firma-se por compreender o feminismo negro tendo as obras e vida de mulheres negras, pesquisadoras como fonte de uma perspectiva emancipadora. Tendo em vista o alto índice de violência contra mulher no Brasil, sendo considerado, portanto, uma questão pública, temos por meio da definição do problema o objetivo de trabalhar com a temática do feminismo, em especial o feminismo negro, como forma de combate as opressões sofridas pelas mulheres negras no decorrer dos anos.

Como já mencionado, durante a escolarização, mas não somente nela, nós mulheres passamos por situações constrangedoras. O simples fato de nascermos mulher já nos coloca em uma condição de vulnerabilidade. Se formos uma mulher negra enfrentaremos alguns acúmulos, nesse caso não apenas o machismo, mas juntamente o racismo.

Nesse sentido, partimos da pergunta guia “Como o Feminismo Negro pode contribuir para a construção de uma educação com ênfase nas questões raciais” Para a obtenção de tal resposta, desejamos responder aos seguintes questionamentos: 1º Como o feminismo negro se apresenta em minha história de vida?; 2º Como a compreensão de conceitos como racismo, machismo, feminismo, feminismo negro e interseccionalidade podem ser usados como base para a compreensão da trajetória de lutas das mulheres negras?; 3º Como o feminismo negro pode contribuir de forma epistemológica para a educação?; 4º Quais atividades são necessárias para a realização de uma educação com viés no feminismo negro?

Levando em consideração que meu objeto de estudo é o Feminismo Negro, tendo as obras e vida de mulheres negras como fontes, compreendo a necessidade de traçar objetivos de estudo para que a pesquisa possa ser efetuada de forma significativa, para tanto, tenho como objetivo geral nessa pesquisa “Analisar como o Feminismo Negro pode contribuir para a construção de uma educação com ênfase nas questões raciais”. Compreendendo que tal tema envolve dois sérios problemas sociais que estão enraizados na sociedade brasileira por séculos

e para conseguir abarcar de forma concisa percorri caminhos, nos quais busquei: Explicitar como o feminismo negro se apresenta em minha história de vida; Conceituar racismo, machismo, feminismo, feminismo negro e interseccionalidade como base para a compreensão da trajetória de lutas das mulheres negras; Compreender como o feminismo negro pode contribuir para a educação; Desenvolver atividades fundamentadas no Feminismo Negro de modo a subsidiar a produção de fanzine educativo.

Dessa maneira, tendo a pesquisa sido delineada pelos objetivos citados, busquei desenvolver um estudo de modo a alcançar os conhecimentos necessários para a prática de uma educação que respeite as diferenças e reconheça o Feminismo Negro como fonte de conhecimentos. Tendo em vista a necessidade de um suporte teórico que trouxesse como base os princípios encontrados no Feminismo Negro, parti de autoras e autores que pudessem contribuir com o tema de modo a subsidiar a construção de uma abordagem que fosse acessível aos jovens e ao mesmo tempo geradora de reflexões críticas.

Por tratar-se de uma pesquisa do âmbito educacional, resolvi buscar suporte em pesquisas da educação que trouxessem a temática do Feminismo Negro de modo pedagógico, essa possibilidade é existente tendo em vista que é possível encontrar explicações científicas no pensamento feminista negro (Pinho, 2022). Desse modo a construção da pesquisa ocorreu com a valorização de pesquisadoras e pesquisadores em sua maioria negras e negros.

Assim, utilizei Lélia Gonzalez com as obras “Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e político da exploração da mulher” (1979), “Por um feminismo Afro-latino-Americano” (2011), “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1983), “Lugar de negro” (1982), tais obras contribuíram para um olhar macro acerca da posição social na qual a mulher negra vem sendo posta na sociedade.

Recorri a Nilma Lino Gomes em suas obras “Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões” (2010), “O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” (2017), além das obras citadas utilizei artigos da autora que trouxeram a conceituação de termos utilizados corriqueiramente quando se trata da temática do feminismo negro e questões étnicos raciais. As obras da autora serviram de contribuição para um entendimento das relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Também contei a ajuda de Chimamanda Ngozi Adichie, por meio das obras “Sejamos todos feministas” (2014) e “O perigo de uma história única” (2019) com as quais foi possível uma discussão sobre a importância do feminismo para todas e todos e a necessidade de termos a história contada não apenas pelo olhar do colonizador, o que remota a construção do orgulho com os antepassados africanos, suas culturas, doutrinas e saberes.

Sueli Carneiro também integra ao grupo de contribuintes com a obra “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil” (2011) que evidencia que existem diferenças entre as mulheres negras e as não negras e por isso as diferenças precisam ser analisadas de forma mais minuciosa, percebendo os antagonismos existentes e os processos passados por cada grupo.

Como forma de subsidiar o entendimento sobre as diferenças entre as mulheres, a qual apenas o sexo não as coloca em uma única categoria ou espaço, utilizo kimberlé Crenshaw, com a obra “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero” (2002) que trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras trazendo à tona o conceito de interseccionalidade, também trabalhado por Karla Akotirene, na obra “Interseccionalidade” (2018).

Ainda como suporte, empreguei Vilma Piedade com a obra “Dororidade” (2017) a qual me serviu de argumento para a construção do capítulo acerca da minha história de vida. Por intermédio da leitura da sua obra fui levada a constatar que para além da sororidade as mulheres negras compartilham a dor, que foi e continua sendo sentida diariamente por causa do racismo.

Existindo a necessidade de interligar as questões do feminismo negro a um processo educativo utilizei como auxílio Carolina Pinho com a obra “Pensamento feminista negro como orientação teórico-metodológica de uma pedagogia revolucionária” (2022) na qual obtive entendimento sobre a dialética envolvida em uma pedagogia feminista negra.

Por meio dessa pesquisa acreditamos que seja possível contribuir para o entendimento da importância de trazer o feminismo negro para repensar a função social da educação com o auxílio de atividades voltadas para estudantes, nossos sujeitos da pesquisa. Realizar uma pesquisa com adolescentes me pareceu um desafio que merecia ser encarado, pois, por mais que entenda as dificuldades por traz de todo o processo, compreendo também de forma nítida a expressão que diz “os jovens são o futuro da nação”, sendo assim, nada melhor do que falar com os responsáveis pelo futuro, proporcionar reflexões que possam ser traduzidas em ações futuras que considera o respeito e a equidade.

Com a intenção de conduzir a pesquisa por intermédio de uma pesquisa qualitativa a qual segundo Gil (2002, p. 20) “se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e dinâmica das relações sociais”. Desta forma, tive como intenção utilizar as obras e vida de mulheres pesquisadoras negras como suporte pedagógico na luta contra os preconceitos raciais e a igualdade de gênero, isto é, para o entendimento do feminismo negro.

Com o intuito de conhecer a realidade da Escola Municipal Castro Alves I no que tange a temática de racismo e gênero mostrou-se necessária a utilização do método qualitativo, visto que, busquei tanto a compreensão quanto a interpretação do fenômeno estudado. No caso aqui problematizado meu interesse não foi quantificar as ações, mas tecer interpretações científica com relação a um cotidiano antirracista e feminista no ambiente escolar.

Por se tratar de uma temática já discutida por outros pesquisadores, tendo assim arcabouço teórico já levantado e fundamentado na realidade brasileira, com base nos objetivos levantados pela proposta de investigação, tem-se aqui uma pesquisa de cunho descritivo, Gil (2002, p.42) define essa pesquisa como tendo “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Contudo, não se pode aqui compreender a pesquisa descritiva como vazia de interpretações, de acordo com Gil (2002), esse tipo de pesquisa é rica em possibilidades de explicações e de construção de novas formas de ver a realidade prática, em destaque a educacional.

A partir dessas questões como forma de coletar informações, realizei uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002, p.45), acerca da pesquisa bibliográfica ele declara que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos”. Para esse estudo a pesquisa bibliográfica serviu de fonte o auxílio de livros, artigos publicados por pesquisadoras negras, além de materiais produzidos por outras pesquisadoras/es que trabalham com os temas de educação de gênero, racismo e machismo, uma forma de termos conhecimento sobre como esses pensamentos tem sido difundido no ambiente escolar.

As fontes bibliográficas foram de grande importância pois, por meio delas conseguimos não apenas ter uma maior noção sobre o que já foi produzido sobre a temática, mas também conseguimos realizar críticas com relação a esses materiais, que servem tanto para uma confirmação e continuação do modelo patriarcal e racista quanto como forma de manifesto.

Partindo para o lócus da pesquisa, realizei o estudo na Escola Municipal Castro Alves I pertencente a zona urbana fazendo parte de um bairro da periferia da Imperatriz. A escolha da instituição aconteceu devido o meu contato com membros do grupo docente e diretoria da escola que permitiram a realização da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do 9º ano, turno vespertino.

As intervenções aconteceram em 4 dias, as quais foram divididas em encontros de aproximadamente 1h40m, nos quais foram realizadas rodas de conversa, apresentação de mini documentários, recitação de poemas e produção de fanzines. A escolha pela produção dos

fanzines pareceu tendo em vista o baixo custo de sua produção, tempo gasto para execução, possibilidade de liberdade criativa, com isso tornou-se a principal escolha para a conclusão das atividades com as/os estudantes. Por serem revistas produzidas de forma artesanal, sua produção necessitava da dedicação por parte das/os estudantes que necessitariam ter aprendido os conceitos de forma separada para posteriormente exemplificar eles de forma conjunta no que tange o Feminismo Negro.

Em cada encontro foi destacado um dos tripés que compõe a luta do Feminismo Negro: Gênero, raça e classe. Após a finalização de cada encontro os alunos escreveram pequenos textos sobre as impressões que haviam obtido e responderam uma pergunta que era feita ao final de cada encontro. Após a finalização das três primeiras rodas e confecção dos textos os estudantes foram conduzidos para a produção de fanzines para expressarem tudo que havia sido trabalhado, ou seja, realizando a produção de um exemplar que mostrasse o que é o Feminismo Negro.

O processo de pesquisa contou com cinco encontros, sendo os três primeiros dedicados as rodas de conversa, nas quais cada dia era abordado um tema que envolve as categorias que compõe o Feminismo Negro. As rodas tinham a duração de aproximadamente 1h40 min. Durante as rodas a turma era convidada a relatar casos pessoais ou de conhecidos de acordo com a temática do dia, realizávamos a transmissão de vídeos/documentários e a leitura de poemas ou músicas para que pudessem ser discutidas.

Para além dessas questões a pesquisa se tornou relevante por questões pessoais por eu ser uma mulher negra e como tal presenciar e sentir os efeitos causados pelo racismo, machismo e sexismo na sociedade, porém, mais que isso, sua relevância é social, pois trata de problemas enfrentados pela maior parte da população que desde o processo de escravidão vem sendo constantemente despreciados/as de espaços de poder.

Tratar sobre o Feminismo Negro no ambiente escolar é ao mesmo que tempo que realizar um processo de empoderamento a jovens negras/os como também ensinar aos não negros a necessidade de rever pensamentos e ações racistas e preconceituosas. Desse modo, o ato de ensinar e aprender com base no Feminismo Negro é a possibilidade de uma mudança social.

Para alcançar as intenções lançadas, essa pesquisa de dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro sob o título “Os entrelaces das memórias e o Feminismo Negro”, no qual apresento minha história de vida entrelaçando categorias utilizadas pelo feminismo negro, no qual destaco o conceito de “Dororidade” realizado por Vilma Piedade como forma de abarcar as lutas (in)comuns das mulheres pretas por meio da dor gerada pelo racismo.

O segundo capítulo “Entrelaçando o Feminismo Negro na Educação” é formado por diferentes referências do feminismo negro sendo elas voltadas para a educação na qual realizei um percurso histórico sobre a educação negra expondo algumas das diversas lacunas que ainda precisam ser preenchidas, trazendo o feminismo negro como um mecanismo de educação libertadora.

O terceiro capítulo “Entrelaçando vivências, teorias e aprendizagem”. Nesse capítulo que é composto pela pesquisa de campo trouxe todos os passos que foram realizados antes e durante a pesquisa, para isso realizei uma escrita baseada nos diários de campo, na qual abordei cada dia e as respectivas temáticas que foram trabalhadas buscando conceituar o que era dito/ouvido durante as rodas de conversa com a turma. Por fim, trago minhas inconclusões acerca da temática tendo consciência de que a pesquisa não se finda por aqui, mas reconhecendo os benefícios que foram gerados por ela com a possibilidade de novas indagações e recomeços.

Considero tal pesquisa salutar diante da realidade encontrada na sociedade a qual constantemente não apenas procura aprisionar a mulher negra em determinados espaços como a mata diariamente. O Feminismo Negro, possui como papel a possibilidade de ser modificador das atuais realidades vivenciadas sendo uma possibilidade para que meninas e meninos negras/os cresçam valorizando seus traços e as pessoas brancas busquem o senso e respeito as diferenças não sendo geradores de dores e medos, mas cúmplices na construção de uma sociedade equânime e libertadora.

A presente pesquisa, portanto, apresenta uma relevância que transita por diversos meios, pessoal, social e acadêmico, sendo ela necessária para a construção de políticas voltadas para as questões de gênero que levem em consideração não apenas o sexo como um eixo que requer atenção, mas que compreendam por intermédio da interseccionalidade existente na vida das mulheres negras que elas estão em situações de vulnerabilidade diferentes das não negras.

Pensar em feminismo negro na educação é uma tentativa de rompimento com a tríade que faz da sociedade capitalista sinônimo de desigualdade e desrespeito. Assim, o racismo, machismo e sexismo que estão entrelaçados e legitimados pela sociedade patriarcal pode ser combatido por intermédio de estudos e pesquisas que trazem o feminismo negro como uma faísca de esperança para a sociedade.

## CAPÍTULO 1: OS ENTRELACES DAS MEMÓRIAS E O FEMINISMO NEGRO

Enquanto o couro do chicote cortava a carne  
A dor metabolizada fortificava o caráter  
A colônia produziu muito mais que cativos  
Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos

Não fomos vencidas pela anulação social  
Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial  
O sistema pode até me transformar em empregada  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada  
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo

**As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo**

(Yzalú- Mulheres Negras, 2012, grifo meu)

Trago o trecho da música de composição de Carlos Eduardo Taddeo, interpretada por Luiza Yara Lopes Silva, conhecida como Yzalú, uma mulher negra, cantora, compositora e violinista. No trecho escolhido é possível notar diversas críticas sociais acerca das dores enfrentadas pelas mulheres negras. Como mulher negra, ao ouvir pela primeira vez essa música fiquei em estado de choque, não por nunca ter lido sobre tais atrocidades, mas por perceber na letra uma fala de luta e um grito de esperança.

Nessa letra encontrei frases que falam sobre diferentes tipos de dor, a física causada pelo chicote, a dor emocional. Uma dor física e emocional causada pelos abortos realizados como forma de prevenir que mais uma criança ao nascer fosse escravizada, a dor social ao não se enxergar representada nas mídias, mas para além disso tudo, a música conduz a uma fala de resistência “O sistema pode até me transformar em empregada/ mas não pode me fazer raciocinar como criada”, a mente livre permite a nós mulheres negras um olhar crítico e possibilita que enxerguemos que a nossa luta não é apenas contra o machismo/patriarcado, mas que transita juntamente entre o preconceito e o racismo.

Escolhi esse trecho para iniciar minha história de vida, pois, da mesma forma que eu milhares de outras mulheres negras afro-brasileiras comungam com a dor e a luta para conseguirem permanecer vivas. Apesar de reconhecer a necessidade de contar a minha história de mulher negra, que hoje se encontra em condição de estudante, esposa, filha, mãe e militante devo realizar uma confissão. Escrever minhas memórias foi algo que relutei bastante, não sabia como colocar em um texto as trajetórias por mim vivenciadas sem trazer à tona sentimentos como angústia, medo, vazio e ansiedade. Hoje, no entanto, reconheço que tais sentimentos fazem parte das consequências geradas por caminhar descalça em um caminho repleto de pedras

e espinhos, pois, uma sociedade marcada pelo racismo, machismo e patriarcado não poderia deixar nada além de marcas dolorosas em uma mulher preta.

Por essa mesma razão trago o conceito de Dororidade, criado por Vilma Piedade, uma mulher negra que entende que somente a sororidade não é capaz de unir as mulheres, pois se tratando de mulheres negras a dor também é cola. Explicando esse conceito Vilma Piedade (2017, p. 17) declara que:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. **Quanto mais preta, mais racismo, mais dor.** (Grifo meu)

Desse modo, encontro no conceito de dororidade um significado que vai além do que o conceito de sororidade era capaz de carregar, por meio dele a dor passa a ser evidenciada e posta como algo concreto, uma prova das interseccionalidades que as mulheres pretas enfrentam, e nesse aspecto está diretamente relacionado ao tom de pele, “quanto mais preta, mais racismo, mais dor”, por isso a sororidade não é suficiente, pois, não se trata apenas da empatia para com a outra, mas o sentir na pele e entender devido as próprias vivências o que a outra está passando.

A dor carregada e sentida diariamente pelas mulheres pretas que estão constantemente lutando para sobreviver em meio a uma sociedade machista, racista e sexista é o que motiva Piedade (2017) na construção desse novo conceito. E é por intermédio dessa compreensão, tendo a dor como motivação que realizo minha escrita.

Para a realização desta escrita em primeira pessoa, recorro a metodologia da autobiografia que prioriza de acordo com Bueno (2002, p.22), “o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar”, ou seja, a história de vida pode ser utilizada como um mecanismo de reflexão para o eu profissional, professora, educadora, a partir do momento que me aproprio desses percursos vividos. Isso acontece porque esse método possui “o caráter formativo [...] uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo” (Bueno, 2002, p.22). Por intermédio desses processos é possível uma reflexão crítica acerca dos percalços que foram enfrentados e as alegrias vividas,

possibilitando uma sensibilização para com o outro, uma tomada de consciência acerca da realidade presente com um olhar mais profundo, o que possibilita uma nova relação com si e com os outros.

Reconheço a necessidade de um olhar profundo sobre minha história e para isso devo iniciar contando a vocês quem sou. Suzana Rossi Pereira Chaves de Freitas, um nome que por si já carrega muitas histórias, uma mulher negra, estudante, professora, militante, esposa e mãe. Sem dúvidas que esse último substantivo tem sido o mais importante em minha vida nos últimos 3 anos, graças ao Oliver Ricardo, meu primogênito. Sou a primogênita de Maria Pereira Chaves e a do meio (ou alguma outra posição) de José Francisco de Freitas, meus pais nunca foram casados e a minha vinda não foi planejada principalmente por meu pai, mas essa história conto um pouco mais a diante.

O meu lar original era composto pela minha mãe, minha irmã Karina Chaves dos Santos e eu, de forma esporádica tínhamos a presença do meu pai(drasto) Antônio Gomes dos Santos progenitor de minha irmã. Minha mãe, Maria Pereira Chaves, mulher preta de pouca melanina, nasceu em uma cidade do interior do Maranhão, Lago da Pedra, e com seus nove anos junto com sua família -pai, mãe e irmãos-, vieram para Imperatriz. Cresceu com sua família em um sítio e os estudos acabaram não sendo algo de fácil acesso, principalmente devido suas condições físicas. Por volta de seus dois anos de idade, ela sofreu uma paralisia, o que a deixou com deficiência desde então, devido isso não desenvolveu os membros inferiores o que a impediu de andar. Com a deficiência física enfrentou muitas dificuldades de locomoção o que limitou sua vida em muitos aspectos, apesar disso, conseguiu estudar até o 1º grau<sup>3</sup> o que considero um triunfo conhecendo toda sua trajetória.

Acerca do meu pai, ele é um homem preto, baixo, trabalhador informal. Nasceu em Flores do Piauí, por volta de seus 14 anos saiu do seu estado sentido Maranhão onde ficou alguns anos, logo depois mudou para o Pará e após um tempo retornou para o Maranhão e então para o Tocantins estado que reside até hoje. Já adulto por volta de 1998 com seus 35 anos de idade conseguiu estudar por meio do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) o ensino fundamental e concluiu até a 6º série. Após isso não deu continuidade aos estudos.

Minha história não se difere muito de tantas outras mulheres negras/pretas filhas de mulheres pretas, pois, meu pai conheceu minha mãe e ao descobrir da gravidez contou não

---

<sup>3</sup> Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. Esse nível de escolaridade hoje é denominado de ensino fundamental II, nesse caso minha mãe estudou até o 9º ano.

poder assumir minha paternidade, pois era casado e tinha um filho de apenas 1 ano, duas informações que haviam sido ocultadas até aquele momento. Por 18 anos tive um registro de nascimento constando somente o nome de minha mãe, e então, por algum motivo que não sou capaz de explicar, meu pai resolveu me registrar oficialmente, dessa forma meu nome que até então era Suzana Rossi Pereira Chaves passou a ter o acréscimo “de Freitas”.

Apesar de não ser uma pessoa presente constantemente em minha vida tenho muitas lembranças de suas visitas desde quando era criança e das férias que passava com ele após ter ficado maior. Durante longos anos os sentimentos de mágoa se fizeram presente em relação ao meu pai, passei alguns anos sem ter nenhum contato, no entanto, hoje após terapias, amadurecimento e o nascimento do Oliver Ricardo retomei o contato e consigo diferenciar as minhas próprias dores e as que não me pertenciam, mas que fazia questão de carregar.

A ausência de um pai não somente no registro de nascimento, mas principalmente no processo de criação dos filhos/as afeta diretamente as mulheres negras. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas “90% das mulheres que se tornaram mãe solo entre 2012 e 2022 são negras”<sup>4</sup>, esses números demonstram que as mulheres negras se encontram em um lugar de maior vulnerabilidade.

Hoje, sendo mãe, quando penso em toda essa situação reafirmo minha admiração por minha mãe, pois se a gestação e principalmente a maternidade é algo cansativo para qualquer mulher, e dada as condições físicas e emocionais que ela ficou não tenho dúvidas que foi algo desafiador.

Como forma de melhor compreensão acerca da minha história, peço licença as leitoras e leitores para uma divisão do meu texto em quatro partes. A primeira irá se concentrar em minha vida familiar original, na qual trago algumas lembranças da minha infância e adolescência. A segunda parte é composta por relatos que envolvem minha trajetória escolar. A terceira parte trata-se sobre meu lado profissional, no qual, utilizo de memórias geradas durante minha experiência em sala de aula. A quarta parte é destinada a família que venho construindo e os desafios enfrentados com a conjunção maternidade e mestrado.

## 1.1. Meu primeiro lar

Com um filho pela mão  
E um milhão de sonhos pela frente  
Deixa o menino na porta da escola  
E lá vai ela pro batente

---

<sup>4</sup> Matéria exibida no dia 12/05/2023 no Programa Bom dia Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>

Julgada por toda cidade  
Culpada por ter coração  
Ela passa necessidade  
Mas a criança não  
Na lista de prioridade  
Filho é primeira opção

Mãe solteira  
Não se esqueça  
Que amor maior nesse mundo que o seu não há

(Bibiana Bolacell - Mãe solteira, 2023)

Início essa parte com o trecho da música Mãe Solteira interpretada por Bibiana Bolacell e composta por Gustavo Martins, Kito e Marco Antonio Esteves Martins Filho, por considerar necessário o que ela fala sobre a mãe solteira ou mãe solo. É relevante inclusive trazer um adendo sobre esse termo, mãe solo, pois a mulheres/mães pretas/negras não são mães solas, mas sim, abandonadas, não estão nesse processo por escolha, justamente o oposto a isso, o desrespeito do outro, a falta de compromisso e responsabilidade afetiva coloca essas mulheres na condição de mães solteiras, mães solitárias. A escolha por uma maternidade solo não parte delas, mas é uma consequência que causa abalo emocional não apenas a ela como a criança.

Cresci com minha mãe, e a vi todos os dias levantando cedo e fazendo tudo que podia para poder colocar comida em nossa mesa. Como diz a música, o filho é prioridade e foi priorizando a educação, o bem-estar, a alimentação e todos os cuidados que deixava de fazer/comprar algo para si em prol da minha vida e da minha irmã.

Apesar das dificuldades enfrentadas considero que tive uma boa infância, morava em um bairro bem localizado na cidade de Imperatriz-MA, e por isso me sinto privilegiada em não ter que acordar ou dormir ouvindo sons de tiros, sirene da polícia, não precisar passar em frente de bocas de fumo ou ter que ouvir gritos de agressão física ou verbal. Tinha um ambiente familiar tranquilo, o qual minha mãe gerenciava com amor e paciência. Por crescer nesse contexto fui cegando para outras realidades que eram próximas, mas passavam completamente despercebidas para mim.

Desde a infância e até parte da vida adulta não tinha a menor compreensão sobre as questões étnico-raciais, não sabia o que era preconceito, mas isso não significa que não o sofria, apenas não entendia. Quando não se entende o porquê de determinados tratamentos eles tendem a passar despercebidos ou gerar indagações, até o início da adolescência eles passavam despercebidos. Depois, com o contato com pessoas que tinham consciência racial fui começando a notar os diversos sinais de racismo no cotidiano em minha vida. Passei a identificar que diversas ocasiões que não entendia, nas quais o desconforto estava presente,

foram causadas pelo racismo e preconceito e que várias exigências de minha mãe na verdade eram medidas protetivas.

Para além disso, os relacionamentos entre pessoas pretas e as não pretas acontecem de maneiras diferentes, por um lado as não negras acabam sendo as preferidas, as escolhidas como par de dança, para sair de mãos dadas e apresentar a família. Em contrapartida, as negras, principalmente as com mais melanina são preteridas, deixadas de lado e utilizadas apenas como objetos sexuais, são as que precisam sair às escondidas de madrugada para não serem vistas, as que não são assumidas e são motivo de piada nas rodinhas. Nesse aspecto fica evidenciado o peso que o racismo tem na sociedade e o quão prejudicial pode ser em todos os aspectos da vida.

Quando se trata de relações afetivas acrescento ainda que as ideias que eram e ainda continuam sendo espalhadas sobre pessoas pretas é a de que somos fedidos, sujos, e por mais que isso seja reflexo do preconceito torna-se difícil para alguém de pele escura ser considerada/o como primeira opção quando existe a possibilidade de relação com uma pessoa de pele mais clara. E aqui recorro novamente ao que Piedade (2017) fala, “quanto mais preta, mais racismo, mais dor”, minhas colegas de pele mais clara tinham tratamentos diferentes, ao perceber isso comecei a negar minha cor. Tinha vergonha de ser preta, não gostava de meus traços, odiava meu nariz, cheguei a colocar pregadores diversas vezes com a intenção de afinar, e cada vez que tirava e notava que nada tinha mudado era uma frustração. Passei a ficar triste por ter a pele mais retinta entre as crianças do meu convívio, no caso, minha irmã e prima. Não queria ser preta e por vezes chorei perguntando a Deus porque eu nasci assim.

Em contrapartida, tinha o amor de minha mãe, que tentava me acalmar, e tecia elogios dizendo que eu era linda, que meus cabelos eram lindos, meu nariz era lindo e que eu não precisava ficar triste, que cada pessoa era de um jeito. Por mais que sua tentativa fosse plausível em vez de ouvir e acreditar que era bonita, começava a me comparar, desta vez a ela. Ficava frustrada por não ter nascido da cor dela, achava a pele dela linda e apesar dela também ter o nariz achatado, o fato de ter a pele mais clara bastava para me fazer pensar que se eu fosse assim, seria mais bonita.

Apesar de não passar muito tempo em casa devido ao seu trabalho costumar ser em São Paulo, meu padrasto, teve uma contribuição em minha história de vida. Seja o fato de ser um homem preto retinto, mas que nada falava sobre questões raciais e ainda reproduzia piadas racistas ou simplesmente por preencher a falta paterna que sentia, já que meu pai biológico não vinha de forma constante me visitar.

Antônio Gomes dos Santos, meu pai(drasto), é um homem preto, com pele retinta, nasceu em Minas Gerais e ainda jovem saiu da sua cidade natal em busca de emprego e melhores condições de vida, com isso, foi para São Paulo, local onde encontrou emprego nas construções civil e passou a exercer a função de armador de ferragens. Não alfabetizado escrevia somente seu nome, mas vez ou outra o pegava com algum texto na mão e suas tentativas de decodificar as palavras. Dentre meus arrependimentos está o de não ter o alfabetizado, havia até conseguido um livro que ajudaria nisso, mas devido suas idas e vindas e acredito que a minha não insistência, isso acabou não acontecendo.

Apesar de ser um homem preto retinto, não sou capaz de dizer que se idêntica como negro, no entanto, uma frase que ele costumemente falava e que sempre me gerava desconforto era muito racista. “Preto é igual urubu, só vai na pedrada!”, fora outras histórias/piadas que ele contava que tinham teor racista. Atualmente ele não mora com minha mãe, após mais de 20 anos juntos ele resolveu ir embora de forma covarde. Saiu de casa dizendo que iria em uma lotérica e não voltou mais, cerca de um mês depois ligou dando a notícia de que estava em São Paulo e desde então não tivemos mais contato.

Por mais que eu seja uma mulher negra e a minha família seja majoritariamente composta por pessoas pretas, nunca houve uma discussão sobre isso, as questões raciais nunca apareceram nas pautas e diálogos cotidianos, o que hoje reconheço como sendo causado por alguns fatores. Primeiro a falta de reconhecimento étnico e segundo a falta de estudos e compreensão sobre o tema.

Certa vez ouvi a seguinte frase “Se eu sei de onde venho, sei onde posso ir, se eu não sei para onde vou? Qualquer coisa me serve!”, essa fala foi dita pela professora até então mestra em educação Jaqueline Conceição, em um vídeo no Youtube no canal Casa do Saber<sup>5</sup>, com o título “Ser negro no Brasil: A escravidão como elemento civilizatório”, publicado em abril de 2018. A frase me marcou, principalmente devido ao seu contexto, no qual a professora falava acerca do orgulho de diversos descendentes de japoneses, italianos, franceses, espanhóis de seus antepassados e o quanto que o fato de não sabermos de onde vieram nossos antepassados africanos nos causa um vazio, essa falta de orgulho e reconhecimento étnico.

Quando penso sobre isso volto ao fato de minha família não dialogar sobre essa questão, afinal, como dialogar sobre algo que parecia ser estranho ou até mesmo desnecessário? A ausência de uma consciência étnica pode não gerar problemas a curto prazo, mas a longo provoca uma sensação de não pertencimento.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYJSbG7rETY>

No entanto, a ausência desses diálogos se deve a um processo de exclusão, a falsa ideia de uma democracia racial, a inexistência dessa temática na sala de aula, a falta de conhecimentos ancestrais, dentre outros. Estou falando de pessoas que nasceram na década de 1950/1960 que tiveram pouco ou nenhum acesso à educação e uma época em que o regime ditatorial estava presente. Se hoje mesmo após a inclusão das leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 a discussão acerca das questões étnico-raciais é limitada, e diversas famílias deixam esse trabalho apenas para a escola, e a retira de si diante de uma série de mecanismos de informações imagina esse processo o quão lento e limitado era no milênio passado.

## 1.2. A educação que liberta

Se você não sabe onde ir,  
Qualquer caminho serve.

(Lewis Carroll - Alice no País das Maravilhas, 2019)

Trouxe a frase de Lewis Carroll, do livro Alice no país das maravilhas, pois considero que ela simplifique bem o que venho a escrever a seguir. Em diversos momentos fiquei perdida quanto aos caminhos que deveria trilhar na vida, isso porque, mesmo quando pensava saber o que desejava me prendia a questionamentos e amarras sociais que tentam aprisionar a nós mulheres e principalmente nós mulheres negras a determinados espaços, eu sabia que não queria trabalhar em “casa de família”, ou ser zeladora como via muitas iguais a mim, não menosprezando tais profissões, mas meu desejo era ir além, era romper com esses espaços que pareciam ter sido determinados para pessoas como eu.

Desde criança fui interessada pelos estudos, não era a aluna nota 10, porém, me esforçava bastante para conseguir ter destaque, não à toa que durante longo tempo fui apelidada de *nerd* e CDF. Com o tempo, porém, isso passou a causar incomodo e pressão quando não obtinha uma nota alta recebia olhares de julgamento como se tivesse falhado.

Acredito que o período escolar seja marcante para a maioria das crianças. É uma fase na qual começamos a ter interações sociais, fazer amizades, nos descobrir como seres sociais, passamos a entender a necessidade de cumprir regras, horários, fazer tarefas e socializar. No entanto, quando se é uma menina magrela, que carrega fenótipos de seus antepassados negros e pobres, o convívio pode ser desafiador.

É interessante pensar o quanto diversos momentos da minha infância passaram despercebidos, foram engavetados e quase que esquecidos, mas ao revirar as gavetas das memórias as lembranças foram surgindo e fez com que percebesse que diversas coisas que

passsei, senti, vivenciei, fizeram parte de processos causados pelo racismo, machismo, patriarcado e sexismo.

Voltarei para a entrada na escola que foi um pouco tardia quando comparada ao início escolar das crianças hoje, aos 6 anos de idade, isso aconteceu devido às viagens que minha mãe realizava. Passamos até os meus 6 anos, temporadas em São Paulo, Goiás e Tocantins e com isso a entrada na escola foi adiada. Na época minha mãe tentou me matricular no município para começar o 1º ano do ensino fundamental I, o qual teoricamente com minha idade deveria estar cursando, no entanto, por não ser alfabetizada não foi possível, com isso, minha mãe realizou minha matrícula em uma escola particular para cursar os pré I, pré II e a alfabetização.

Devido à idade avançada em comparação com as outras alunas/os a diretora da escola possibilitou que cursasse dois anos em um, dessa forma, cursei os dois pré em um ano e no seguinte já passei para a alfabetização. Certos momentos são vividos dessa escola, citarei aqui três aleatórias. A primeira lembrança que me causa até vergonha foi quando puxei a cadeira do meu colega de sala que ao tentar sentar caiu no chão e começou a chorar. Lembro de ter ficado preocupada com o colega e pensar que na verdade o que queria era provocar risos e não choro. Hoje, pensando sobre esse episódio vejo a minha tentativa de ser vista pelos colegas, ser vista como uma garota engraçada, talvez até aquele momento eu fosse apenas uma pessoa que acabava ficando escondida e queria algum tipo de atenção.

A segunda lembrança também tem a ver com traquinagem, mas para ser bem sincera fico meio confusa quando penso sobre o motivo que me levou para a secretaria nesse momento. O que sei é que fui para a sala da diretora por ter cometido alguma infração a qual como forma de punição fui obrigada a orar em cima do milho. Devo destacar que entrei na escola nos anos 2000 e tal procedimento ainda era realizado.

O terceiro momento foi na conclusão da alfabetização. O baile de formatura do ABC. Reporto esse momento por simples detalhes. Primeiro, minha mãe estava presente e com ela várias pessoas da minha família. Segundo, era uma das poucas pessoas negras, inclusive um dos outros negros era meu par de dança. Quando penso sobre isso noto o quanto durante quase toda minha vida não observava isso e por diversas vezes era a única ou uma das poucas pessoas negras no local.

Posteriormente, no Ensino Fundamental I sofri com as piadas ridículas e os apelidos que me tiravam a paciência, alguns não tinham relação com minha cor de pele, eram mais sobre alguma coisa que eu tinha ou fazia, já outros como o que durou praticamente todo o meu ensino fundamental I, “Neguinha do calçadão”, com certeza tinha relação com o fato de ser uma menina preta.

Algo que considero válido frisar foi a presença de uma professora negra com pele retinta, a professora Marineide. Ela era uma mulher amorosa, e sempre me tratava bem, com carinho e repreendia meus colegas quando os via realizando piadas, foi minha última professora do ensino fundamental I e guardo até hoje boas lembranças dela e de todas as possibilidades e liberdade criativa que me proporcionou.

Nem sempre nós pessoas negras, independente do sexo ou idade temos exemplos nos espaços de ensino de pessoas que se assemelham esteticamente conosco, por isso, considero importante trazer essa informação, pois por mais que eu ainda não me aceitasse como uma criança negra ver uma pessoa em uma posição de autoridade com fenótipos negros foi marcante. Na outra escola, cursando agora o fundamental II continuava tentando ser uma boa aluna, o que me rendeu alguns certificados de bom desempenho destinados aos melhores alunos/as do bimestre, eu os exibia com maior orgulho para minha mãe que sempre ficava orgulhosa de minha conquista.

Com o tempo, algumas pessoas passaram a se aproximar por interesse, alguns achando que eu passaria cola durante as provas e outros apenas para poder realizar os trabalhos que fossem em grupo comigo, para assim garantir uma boa nota. Lembro disso especialmente porque a professora de história, a qual tenho muito carinho e respeito, Marisa (*in memoriam*), fazia questão de que seus trabalhos fossem estilo acadêmico o que foi muito bom para que me preparar para quando tivesse no ensino médio e principalmente na universidade. Porém, tudo parecia um bicho de 7 cabeças para estudantes do ensino fundamental.

Lembro o espanto quando ela anotou no quadro tudo que deveríamos colocar no trabalho, e lá foi a lista: capa, contracapa, apresentação, sumário, desenvolvimento, conclusão, referências. A turma toda ficou boquiaberta com tantas coisas e fui obrigada a aprender fazer. Devido isso, acabei tendo que passar diversas noites em claro escrevendo trabalhos, pois na época não tinha condições de ter um computador e os trabalhos eram feitos todo a mão. Lembro que pedia os materiais aos colegas de grupo e ficava responsável por toda a escrita, além de não ser adequado um trabalho escrito com várias letras, também não confiava que outra pessoa fizesse, sempre achava que fariam errado ou de qualquer jeito, fora que ao escrever o trabalho economizava o dinheiro da minha mãe na compra dos materiais.

Já no ensino médio, em uma nova escola, novas pessoas, novas adaptações as coisas mudaram completamente, sem querer acabei provocando uma das colegas da turma e com isso passei a viver alguns dos piores momentos da minha vida. Sofri uma perseguição que resultou em problemas físicos e mentais. Se antes a tudo isso a escola era um dos locais que eu mais amava, após entrar nessa escola e me ver em uma situação de constante estresse e os nervos

ficarem atacados, esse ambiente passou a ser meu pesadelo. Eu chorava todos os dias ao acordar e lembrar que precisava ir para esse lugar, ao lembrar que teria que ver e enfrentar essa colega.

E por mais que tentasse fingir que as atitudes dela não me afetavam era inútil, pois eu sempre saía magoada, apesar de manter a cabeça erguida diante dela e de todos estava sempre com o coração acelerado e pensando que a qualquer momento ela ou algum dos seus amigos poderiam fazer algo ruim comigo. Andar na rua me causava medo, pois sempre que ouvia o som de uma moto se aproximando pensava que seria atropelada. Durante as aulas os colegas eram praticamente proibidos de ter contato comigo, pois quem se aproximava ela começava a ameaçar, intimidar, fazer piadas e a pessoa se afastava por não querer ser constrangida. Poucas eram as pessoas com quem eu podia ter contato sem gerar um turbilhão de implicações, os que mais tinham aproximação eram os que já havia estudado comigo nas outras escolas, os demais o contato era sempre raso.

Por causa disso acabei desenvolvendo uma ansiedade, sentia dor no estômago constantemente, desenvolvi uma amenorreia que me causava tontura, enjoou, sensação de desmaio, passei a faltar muitas aulas, mas ainda assim passei de ano, no entanto, não aguentei mais prosseguir e no 2º ano do ensino médio acabei desistindo de ir para a escola. Foi nesse momento que o professor Wilson Alves, então professor de português resolveu intervir, falou com minha mãe, pediu para me fazer voltar a escola e disse que tratariam para que não acontecesse mais os incidentes. Como sou grata por essa atitude amorosa, muito obrigada Wilson e desculpa, pois não conseguir continuar, apesar de amar as aulas de português o ambiente tinha se tornado tóxico para mim, só em pensar em entrar naquela escola me sentia mal, coração disparava e as mãos tremiam.

Acabei perdendo um ano, e precisei então recomeçar o 2º ano, agora em outra escola e nessa felizmente tive uma recepção diferente da anterior, fiz amigas e amigos que me acompanham até hoje e tive a oportunidade de ser aluna de uma das professoras que mais marcaram minha vida. Professora Nice Rejane da Silva Oliveira (*in memoriam*), ela ministrava a disciplina de história e devo a ela parte do que entendo hoje como sendo senso crítico, a necessidade de se impor, a militância e o reconhecimento étnico.

Foi a convite da professora Nice Rejane que participei do meu primeiro protesto, isso em meados de 2013, e que marcou definitivamente minha vida. A partir de então passei a estudar mais sobre os movimentos sociais, me interessar pelas articulações políticas e participar de eventos que tratassem sobre os temas. Nunca me esquecerei de uma frase que ela me disse “você é uma verdadeira brasileira, tem os traços indígenas e de negra!”, eu que por muito tempo

sentia vergonha de ter a pele escura ao escutar isso mais uma vez fui levada a enxergar a beleza que possuí minha pele, a riqueza por traz de minha ancestralidade afro-indígena-brasileira.

Durante esses dois anos que passei na nova escola, tive a oportunidade de ter contato com uma jovem que na época acabamos ficando próximas e que até hoje quando lembro de nossas conversas percebo o quanto eram inspiradoras. Ela sempre falava sobre sua ídola, Beyonce, uma mulher negra, cantora, reconhecida mundialmente por seu enorme talento musical e beleza. Assim como sua ídola essa jovem amava mudar de visual, principalmente dos cabelos, ela usava sempre apliques e por um longo tempo todos eles eram de cabelos lisos. Apesar de ser uma mulher negra com muita consciência de suas raízes africanas, ela temia usar os cabelos naturais por serem crespos, a vergonha dos olhares maldosos lhe causava o receio de mostrar quem era de verdade com o risco de afetar sua autoestima, por isso sempre usava apliques.

Ao contrário de mim, ela era uma mulher alta, forte, com um corpo avantajado, pernas grossas e por isso gostava de usar shorts bem curtos e apesar de muitas vezes até nós amigas e colegas alertarmos sobre suas vestimentas em alguns momentos e lugares devido receio de ataques machistas, sempre se mantinha firme com o discurso do direito de ter seu corpo livre para usar o que bem quisesse. Ela gritava feminismo por onde passava por sua postura e falas empoderada e isso ficou ainda mais forte quando mudou os estilos de seus apliques. Com o passar do tempo passou a usar apliques de cabelos cacheados e posteriormente cabelos orgânicos cacheados, com isso o seu eu de dentro passou a ser mais parecido com seu eu de fora e seu empoderamento ficou ainda mais evidente.

Devo agradecer a essa minha colega, pois as mudanças que vi em sua vida e suas conversas sobre as questões étnico-raciais sempre me faziam perceber o quanto ainda precisava aprender sobre meus antepassados, minha etnia, sobre quem era e sou. Foi assim que tive contato pela primeira vez a obras como o filme “12 anos de escravidão” do autor Solomon Northup e dirigido por Steve McQueen, que despertaram em mim o desejo de conhecer mais sobre a história dos meus antepassados africanos.

Considero que foi por meio dessa minha ex-colega que a sementinha do interesse na história e cultura afro-brasileira e africana foi plantada, mas ainda tinha muito caminho a percorrer até entender a real necessidade e urgência dessa temática. Posteriormente a isso, saí do ensino médio e conseguir entrar na Universidade Federal do Maranhão no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Apesar de ter tido muitos momentos de reflexão e participado de atividades que envolviam o senso crítico, confesso que ainda estava longe de ser uma pessoa com uma visão

coerente de mundo, porém, esses pensamentos distorcidos acabaram sendo desfeitos por meio das aulas.

Como mencionei anteriormente, devido ao local onde nasci e cresci acabei me cegando para muitas realidades, com isso conquistas alcançadas por meio de muito suor e luta do movimento negro me pareciam sem sentido, apesar de ter um pouco de formação política ainda me faltava muita compreensão, por isso até aquele momento não via as cotas como algo positivo. Pensava que se eu, vindo de escola pública, sendo negra havia conseguido entrar na universidade por ampla concorrência, por que as outras pessoas pretas não iriam conseguir? Não bastava se esforçar?

Em uma das primeiras aulas do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia na UFMA, tive o privilégio de ter meus pensamentos errôneos desfeitos. Fiz uma fala que sinto vergonha ao lembrar que logo em seguida foi corrigida pelo professor e hoje meu amigo Salvador Tavares. Por meio da minha fala coloquei que os negros e negras eram capazes assim como os brancos de entrar na universidade por ampla concorrência, não sendo, portanto, necessária a existência de cotas. Em outras palavras, acreditava no belo discurso da meritocracia que prega que todas e todos são capazes de conquistar o que quiserem, desde que corram atrás. Na minha mente, as cotas eram na verdade uma forma de inferiorizar as pessoas negras, fazendo com que elas fossem consideradas menos inteligentes.

O professor Salvador Tavares em sua fala não apenas trouxe provas sobre as desigualdades existentes as/os estudantes negras/os, como mostrou com A + B que as cotas além de serem necessárias eram uma conquista que fazia com que a universidade ganhasse um público que antes era impedido de estar ali, e que era uma forma de reparação por longos anos sendo deixados tanto de lado quanto à margem da sociedade.

Desde esse dia então tive minha vida e ideias sendo modificadas, passei a entender mais sobre as diferenças sociais, o que a raça, classe e gênero eram capazes de possibilitar na vida das pessoas. Compreendi que as oportunidades que tive não podiam ser generalizadas, que a realidade da maior parte das pessoas pretas não era ter o privilégio de somente estudar, de morar em bairro tranquilo, ter o transporte público passando em frente sua casa, não andar com medo de uma batida policial, não crescer em um lar conturbado pela violência física, emocional ou uso de drogas. Minha realidade era um privilégio.

Logo então, passei a ter interesse pelas questões de gênero, especialmente as relacionadas ao trabalho. Por meio da leitura de autores da sociologia, nas aulas do professor Agnaldo José da Silva, como Ricardo Antunes (2010), e a obra “Os sentidos do trabalho”, um *new* Marxista que realiza um aprofundamento do termo classe operária, o trazendo para o

contexto atual como “a classe- que- vive- do-trabalho”, sem dúvidas sua obra foi uma das principais responsáveis por atizar minha curiosidade e busca por informações sobre as diferenças nas formas de trabalho remunerado e não-remunerado desempenhado por homens e mulheres.

Posteriormente, durante as aulas de história ministradas pelo professor Salvador Tavares tive o prazer de conhecer duas autoras que também contribuíram muito para a minha formação, não apenas acadêmica, mas como pessoa. A primeira foi Daphne Patai (2010), que realizou um trabalho de pesquisa no Brasil com diferentes mulheres, publicada em seu livro “História oral, feminismo e política”. Por meio de sua pesquisa algo me chamou atenção, o tempo.

Existe uma frase que diz “Tempo é dinheiro”, parafraseando poderia dizer que “O tempo é de quem tem dinheiro”, pois em sua obra Daphne Patai (2010) mostrava o quão valioso ele é, e que nem todas as mulheres possuíam seu controle. Quanto mais pobres as mulheres, menor era o poder que tinham sobre o tempo. Além disso, a ausência de controle sobre esse mecanismo estava diretamente relacionado a classe e raça dessas mulheres. Mulheres negras eram as que menos tinham controle de seu tempo e não obstante eram as que pertenciam a trabalhos mais braçais e com baixa remuneração.

A segunda foi Flávia Biroli (2014, 2018), com as obras “Feminismo e Política” e “Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil”, que realiza trabalhos voltados a questões de gênero, entrelaçando para isso as questões sociais e a política. Apesar de ambas as pesquisadoras não serem negras, por meio de seus trabalhos acabei abrindo o olhar para as questões étnicas raciais devido os contextos e a interseccionalidade por elas tratada.

Ainda durante os processos de aprendizagem e contribuições para o que escrevo hoje, tive o prazer de ser orientanda da professora Vanda Pantoja, uma mulher negra, empoderada, mãe que me mostrou na prática o quanto muitas vezes é necessário para nós mulheres uma postura mais firme para que sejamos ouvidas e respeitadas. Por meio de uma pesquisa na Estrada do Arroz, na qual fui sua bolsista tive a oportunidade de ver de perto a forma que ela trabalhava em campo, a maneira que se posicionava e entrevistava, isso me serviu de exemplo e motivação.

Após isso, decidi realizar uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC com as mulheres da zona rural que tinham mudado seu modo de trabalho com a chegada da fábrica da Suzano Papel e Celulose, deixando os trabalhos no campo e realizando serviços gerais contratadas por empresas terceirizadas da Suzano. Com a orientação do professor Alexandre Peixoto, juntamente com seu olhar da geografia social e as contribuições de referências que tratavam sobre gênero e campesinato o trabalho de conclusão de curso foi sendo construído. A

partir do momento que passei a ter contato mais direto com a pesquisa, principalmente realizando as visitas de campo, comecei a realizar observações acerca da realidade e da composição das mulheres que estava pesquisando.

Aqui vale uma observação. Durante minha pesquisa de TCC por mais que tenha tido o foco nas mulheres não realizei uma pesquisa voltada para o feminismo negro, assim, meus conceitos eram gênero, classe e trabalho, isso aconteceu não por uma ausência ou ignorância acerca das mulheres negras, mas por uma falta de conhecimentos sobre a temática racial juntamente com a falta de fôlego que uma pesquisa de tal natureza requer.

Se durante meu TCC que tratava-se sobre gênero não falei sobre as pretas e sendo eu uma mulher negra devido um toque sutil de um dos meus avaliadores o querido César Figueiredo, acabei ficando com isso na mente e a sensação de obrigação de me retratar em uma pesquisa futura falando sobre meu povo, minha cultura, minha raça. Assim, minha pesquisa de dissertação não trata-se somente do cumprimento de requisitos para obtenção de um título de mestra, mas uma dívida que tenho comigo mesma e minhas antepassadas negras.

### **1.3. Sou eu professora?**

Quando terminei meu curso de graduação em 2019 só havia tido uma única experiência temporária em sala de aula como professora efetiva, um ano antes em 2018, passei no seletivo para professor/a substituto/a em Açailândia-MA, na ocasião tive a oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que até então só conhecia por meio das teorias. Fiquei responsável por quatro turmas de turnos matutino e vespertino do 6º ao 9º ano de uma escola municipal da periferia da cidade já citada, com isso passei a ter contato com o que viria a ser minha profissão.

Na escola fui destinada as disciplinas de geografia (a qual era o seletivo), história e religião. Essa última confesso, foi a que mais me causou surpresa, porque durante todos os meus anos de ensino fundamental como estudante nunca tive uma disciplina de religião verdadeira, era mais uma repetição dos ensinamentos da professora ou professor responsável pela matéria, desse modo, se fosse católico/a as aulas seriam como uma catequese e se fosse evangélico/a uma escola dominical.

Quando recebi o material de apoio o qual precisei estudar para a preparação das aulas fui surpreendida com a diversidade encontrada, realmente tratava-se de uma apostila com uma variedade de temas que poderiam ser trabalhados com diferentes séries e traziam assuntos sobre diferentes religiões. Com isso, tive a oportunidade de trabalhar com as turmas sobre diferentes religiões e especialmente as de matriz africana como forma de desmitificar mitos e crenças que

as cercam.

Ao falar com eles sobre o tema fiz questão de pedir que conversassem com pessoas adultas de suas famílias para que perguntassem o que elas sabiam sobre, e como não era de estranhar durante a aula eles trouxeram várias falas regadas de preconceito. A partir daí passamos a conversar sobre o assunto fazendo com que as ideias errôneas fossem transformadas em informação e obtivemos um bom resultado no final.

Agradeço as aulas da disciplina de “Cultura, identidade e diversidade”, ministradas pela professora Vanda Pantoja no meu segundo semestre de curso, na qual como atividade de Pesquisa de Campo (PEC) acabei optando junto ao meu grupo por pesquisar sobre as religiões de matriz-africana. Essa foi a primeira vez que tive contato com uma mãe de santo, conversei com ela e entendi a partir dali o quanto essa religião é rica e principalmente que não poderia achar que as religiões de matriz africana são todas iguais. Corroborando com a mesma temática semestres depois tive por meio das aulas de “História da África” ministradas pelo professor Salvador Tavares mais aprofundamento sobre as religiões de matriz africana, sem dúvidas tais momentos me possibilitaram ao adentrar a sala de aula com uma disciplina de religião que não faz parte da minha formação um olhar diferente do que costumeiramente era posto.

Se por uma lado me sentia muito feliz ao trabalhar com as/os alunas/os temas tão pertinentes, por outro tive que ver/sentir na pele o quanto é desgastante e desafiador o ato de ensinar. Não consigo esquecer dos olhares inquietos de algumas crianças que passavam a aula toda caladas, retraídas, minha inocência diante da realidade educacional no primeiro momento não me permitiu entender o que estava por traz de tais comportamentos, fossem eles de rebeldia, inquietação ou simplesmente apáticos a tudo.

É pertinente mencionar que só fui tomar ciência do que afetava esses alunos após algumas reuniões com professores. Os mais rebeldes eram oriundos de lares conturbados, sofriam violência física e verbal constantemente e estavam inseridos em locais que possuía a venda de produtos ilícitos. Ao chegar na escola esses alunos desejavam chamar a atenção e se sentir no controle de algo, como forma de converter a dificuldade que enfrentava nas aulas resolvi atribuir a eles responsabilidades. Ao sair da sala eram responsáveis por manter a ordem, durante as aulas pedia o auxílio para a condução das atividades, com isso finalmente conseguia realizar minhas aulas com maior tranquilidade.

Nem todos os casos se tratava de rebeldia ou falta de atenção, alguns alunos e destaco aqui uma aluna específica, sempre ficava em seu canto, não interagiu com os colegas e quase não ouvia ela falar. No entanto, para minha tristeza só fui descobrir o que ela passava no final do ano letivo. Tratava-se de uma menina que havia sofrido abusos sexuais, vivia de casa em

casa, sendo jogada de uma família para outra o que afetou completamente seu modo de ser. Ao descobrir sobre isso fiquei arrasada, mas sem ter muito o que fazer, pois o que aquela menina mais precisava não era meramente atenção, mas um acompanhamento psicológico de um profissional para que ela pudesse voltar a ter ânimo pela vida. Mas para além da empatia o que me fez ficar ainda mais sentida por essa jovem foi o gatilho que sua história me provocou.

Durante diversos momentos me peguei em frente ao computador ou até mesmo com um caderno e caneta nas mãos tentando escrever sobre esse momento doloroso de minha vida, por diversas vezes pensei até que o melhor seria deixar isso no baú, não mexer com tais lembranças e sentimentos, porém, por mais que eu quisesse deixar isso escondido dentro de mim não pude. Não por uma tentativa de causar comoção a quem estiver lendo esse texto, mas sim, como uma forma de realizar uma denúncia e mostrar a muitas outras pessoas que elas não estão só, que a dor que elas estão sentindo por maior que seja irá diminuir, que um dia as feridas vão cicatrizar, mas que deixarão muitas marcas. Essa dor deixa vestígios que o tempo não pode apagar, mas acreditem, ele pode mudar essa dor e transformar em raiva, em fúria e em energia para lutar por mudanças.

No Brasil a cada 10 minutos uma menina ou mulher é estuprada e mais de 55% são negras, comprovando assim que as vítimas também possuem uma cor, assim como aquela ex-aluna também faço parte desses dados comprovando também o que as estatísticas dizem sobre os agressores, a maior parte deles são pessoas conhecidas, pessoas em quem a vítima possui confiança, são os familiares, vizinhos, amigos.

Isso aconteceu aos meus dezenove anos que foi marcado por momentos de alegrias, mas lamentavelmente com um ato doloroso que me causou pesadelos, dor, medo, angústia e o sentimento de culpa por um longo período. Nem sempre é fácil falar sobre isso e muito menos escrever, por isso, não irei entrar em detalhes até para não causar aflição aos leitores e principalmente as leitoras.

Era para ser apenas um dia divertido na companhia de pessoas adultas, entre elas uma das minhas professoras preferidas que havia feito o convite para uma festa na praia. Eu sem muito costume de sair achei o convite imperdível e aquele poderia sem dúvidas ter sido um dos dias mais felizes da minha vida se não tivesse sido marcado por um abuso sexual. O agressor era alguém que eu considerava meu amigo, obviamente, a amizade deixou de existir naquela noite. Tinha bebido e devido isso acredito que até uma forma de proteção do meu cérebro não consigo lembrar de tudo que aconteceu, mas o que lembro me provoca tristeza.

Durante os meses que se passaram entrei em um estado emocional era incapaz de explicar, deixei de fazer coisas que gostava, parei de frequentar a igreja e me sentia muito

culpada. Por que eu fui para aquele local? Por que eu bebi? É impressionante como a sociedade nos molda de tal modo que nos sentimos culpadas por algo que não temos a culpa, eu deveria sentir raiva, deveria ficar enfurecida com aquela pessoa, mas não, me sentia culpada, me sentia impura.

Aqueles foram os meses mais estranhos da minha vida, o medo de tudo passava em minha cabeça, medo de ISTs, medo de uma gravidez, medo de falar para minha mãe e juntamente ao medo a vergonha. Olhava no espelho e simplesmente não me reconhecia, vivia com a sensação de que estava vivendo um pesadelo e só desejava acordar.

Nesse período eu ainda era uma pessoa evangélica e tinha a idealização sobre a primeira vez, a necessidade de se manter virgem até o casamento, porém, o sonho romântico foi água abaixo, afinal um banheiro químico nunca poderá ser encarado como o local ideal para se ter a primeira relação sexual, e muito menos a palavra Não sendo repetida incansavelmente deveria ser parte das palavras usadas nesse momento.

Resolvi trazer esse momento traumático da minha vida por considerar importante, pois vivemos em uma sociedade que não valoriza a educação sexual, marcada pelo machismo, patriarcado, sexismo e o racismo. Falar de uma abuso sexual é falar sobre um problema estrutural, uma sociedade que se “orgulha” de sua miscigenação que foi criada por meio do estupro de mulheres africanas e indígenas.

Para além dos atos de violência ainda precisamos lidar com a culpabilização das mulheres por tudo, até mesmo quando elas deveriam ser acolhidas como vítimas, eu não fui acolhida, não fui amparada, e a culpa que isso gerou em mim provocou sentimentos de inutilidade, de magoa, de vergonha, de medo, de angústia, de desespero. O desejo da morte era constante, me sentia suja, impura, tinha nojo de mim. Hoje pensando em tudo que aconteceu na forma que agi e o quanto resistir para não cair na depressão vejo o quanto é doloroso ser mulher. Estamos constantemente sendo atacadas e precisando nos defender.

É lamentável pensar que não podemos simplesmente beber sem o medo de sermos abusadas, não podemos andar sozinhas na rua sem o medo de sermos atacadas, não podemos sair com um Uber a noite sem o medo de entrar nas estatísticas de feminicídio. Que bom seria que tudo isso não passasse apenas de um grande "mímimi" mas estamos sendo abusadas e mortas todos os dias e o único "mimimi" que existe é o do silêncio diante de tantas impunidades.

Tendo em vista tudo isso, quando penso em uma educação que traz em sua base o feminismo/feminismo negro penso na quantidade de meninas que poderiam ser ajudadas, na quantidade de vítimas que poderíamos evitar, pois falar sobre o feminismo negro na educação não é trazer o recorte apenas para as meninas e mulheres, mas mostrar aos meninos e homens

o quanto suas condutas são dolorosas, que seus posicionamentos diante de uma mulher não pode ser o que é hoje naturalizado. É necessário, portanto, uma educação que seja libertadora, que rompa com o racismo, machismo e sexismo para a construção de uma sociedade mais segura e equânime.

#### 1.4. Construindo meu ninho

Em consequência, ser mulher e negra (ou negra e mulher?) implica ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema que ai está.

(Gonzalez, 2020, p. 192)

A manipulação do sistema afeta de forma direta e indireta a mulher negra em todos os âmbitos que ela permeia. Por isso, assim como dentro da escala produtiva de trabalho as mulheres negras acabam sendo postas em cargos de menor prestígio nos relacionamentos afetivos elas também sofrem com o processo de discriminação, preconceito e racismo, com isso os relacionamentos acabam sendo mais um aspecto que causa dor a mulher negra, por ela se sentir rejeitada e excluída.

Durante a adolescência e parte da vida adulta não era considerada pelos rapazes quando o intuito era um relacionamento afetivo, ser uma mulher negra em muitos casos acaba virando sinônimo de “passa tempo” aquela que o homem não possui interesse afetivo, mas a considera quando o intuito é somente o ato sexual.

Esse tipo de pensamento não é recente, e ele engloba diferentes fatores, a ideia do branqueamento da pele e até mesmo a ascensão social por intermédio de casamentos inter-raciais, esse tema é exposto por Azevedo (1955) na obra “As elites de cor: um estudo de ascensão social” na qual encontramos:

O casamento inter-racial é um dos canais de acesso e de integração da gente de cor nas classes mais altas. Uma vez que os indivíduos mais claros têm maiores possibilidades de se tornarem socialmente brancos, o casamento entre escuros e brancos confere prestígio aos primeiros e oferece a expectativa de filhos mais próximos do tipo preferido (Azevedo, 1955, p. 79).

Os relacionamentos inter-racial acabam sendo encarados mesmo que de forma subconsciente como a possibilidade de uma ascensão social e a possibilidade da limpeza de pele por meio de filhos mais claros. Essa questão fica muito nítida na pesquisa de tese de Pacheco (2008) intitulada “Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”: Escolhas afetivas e

significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia”. A realidade encontrada nessa obra não pode ser considerada como algo isolado ao estado da Bahia, infelizmente corresponde a uma situação que é vivenciada de forma macro por mulheres negras de todos os lugares.

Em sua pesquisa Pacheco (2008) demonstra como os casamentos inter-raciais são responsáveis pela manutenção da ideia de branqueamento e a solidão das mulheres negras, isso porque, quando se pensa nessa forma de relacionamento a qual o *status* social está atrelado é necessário perceber a existência de duas formas distintas de olhar quando se trata de homem branco + mulher negra e principalmente homem negro + mulher branca, pois esse último modelo é o preterido por causar a possibilidade de uma ascensão social ao homem negro, porém, o contrário não acontece quando a forma de relacionamento é inversa a mulher negra se mantém na mesma posição social sofrendo com o racismo.

Essa mudança de *status* é posta por Azevedo (1955) ao retratar o acolhimento por parte das famílias das mulheres brancas aos esposos negros, com isso eles passavam a ter uma maior aceitação social por serem “equiparados” aos brancos do ponto de vista social. porém, quando era o oposto, uma mulher negra casando com um homem branco o acolhimento por parte da família não acontecia e mesmo que houvesse aceitação ela não iria gerar mudanças sociais.

Assim, tendo toda essa problemática sido exposta, considero de relevante finalizar parte da minha história contando sobre a família que venho construindo com meu esposo Fausto Ricardo Silva Sousa. Poderíamos ser apenas uma família comum, mas quando penso em nossas histórias e em tudo que estamos lutando para construir e principalmente ensinar ao nosso filho Oliver Ricardo Chaves Silva percebo que não somos iguais aos demais.

Parto novamente das dores sentidas e vividas por nós mulheres negras, e nesse aspecto considero necessário mencionar que a minha constituição familiar é composta por um casal de pessoas negras, afro-brasileiras, que se identificam como tal e que lutam por uma sociedade na qual o racismo não seja mais um divisor social.

Moramos em um condomínio fechado com poucas casas e das quais somente a nossa é formada por um casal de negros. Durante os primeiros meses que passei a morar aqui ficava sempre me sentindo receosa ao sair pelos espaços coletivos, a sensação de que estava sendo observada, que seria confundida com a funcionária de alguém era constante. Esse sentimento não é à toa, pois, as únicas vezes que via outras mulheres negras pelo condomínio eram funcionárias de algum morador o que me causava o sentimento de desconforto.

Em uma ocasião conversei com uma amiga negra sobre isso, Ione da Silva Pereira, e ela me disse de forma enfática a importância de me colocar nos espaços “Temos que ocupar esses

espaços!” essa frase tão simples me meio como um choque e necessitava ser posta em prática. Por que eu me sentia uma intrusa estando em um local que era meu? Por que me sentir envergonhada em estar andando nas áreas de uso coletivo? Quando parei para refletir sobre isso me peguei lembrando de tantos processos de aceitação pelos quais eu e diversas outras mulheres negras já passaram, mas principalmente recordei dos momentos em que fui confundida com a funcionária do estabelecimento ou seguida em uma loja simplesmente por ter o “perfil” que eles consideravam como suspeito.

Ser uma mulher negra em um ambiente composto majoritariamente por pessoas brancas quando se tem uma consciência étnica-racial é desafiador. Não se sentir representada em todo os espaços que se está é uma luta constante, porém, desde a fala/conselho da minha amiga passei a refletir sobre os espaços que tinha ocupado e vinha ocupando no decorrer da minha vida. No geral, eram espaços com dominância de pessoas brancas, mas que por eu não possuir uma consciência étnica acabavam passando despercebidas.

Mas dando continuidade acerca da minha vida como mulher negra, militante, estudante, mãe, pesquisadora algumas coisas acabam sempre se entrelaçando. Estudos com relacionamentos, estudos com maternidade. Realizei a seleção de mestrado passando por dois processos: Primeiro, o controle da minha ansiedade que era o motivo para nem sequer conseguir realizar a inscrição em um como esse. Segundo, uma gravidez. Talvez não tenha sido a escolha mais sábia realizar um processo de mestrado que é tão exigente em meio a uma gestação e posteriormente com uma criança pequena que requer muitos cuidados e principalmente atenção.

Confesso que nunca pensei que seria fácil, pois nunca fui uma pessoa que romantiza a maternidade e todas as obrigações que ela demanda, porém, não achei que seria tão complicado, tão desgastante, tão doloroso. Oliver Ricardo nasceu em meio a uma das disciplinas que estava cursando, ainda como aluna especial, não tive nenhuma semana de descanso ou folga e desde então não consigo me lembrar de um único dia que pude descansar de verdade.

Quando penso sobre isso me questiono se fiz a melhor escolha, se deveria ter entrado nesse momento, se não fui ingênua ao acreditar que teria forças física e emocional suficientes para lidar com tudo. Quantas vezes me vi chorando com meu filho no colo tentando fazer ele dormir e pensando nas atividades que tinha para entregar, quantas vezes me vi em meio a tantas coisas que não sabia nem por onde começar e meu desejo era somente sair correndo e abandonar tudo. Não foi e não está sendo fácil cumprir com esse programa de mestrado, passar a maior parte do tempo sozinha com o meu filho, sem a ajuda de terceiros não é uma tarefa fácil. Mas sigo firme, sigo tentando por algumas razões importantes.

Durante o mestrado conheci mulheres que me davam forças, que me incentivam,

dizendo sempre para eu não desistir, que me lembram que eu deveria fazer isso não apenas por mim, mas pelo meu filho, que falam da importância de pessoas como eu (mulher negra e mãe) estarem ocupando esses espaços. Foi com essas frases em mente que continuei, fui cumprindo cada etapa, nem sempre como gostaria, mas sem desistir. Lutei todos os dias para que meu filho ao crescer não pense que por causa dele deixei de fazer esse mestrado, mas tendo em mente o que uma professora amorosa, Kelly Lislie Júlio disse em uma aula “Uma mãe pode fazer qualquer coisa que outra pessoa, mas precisará de mais tempo”. No entanto, tempo nem sempre é algo disponível para uma mãe, mas ao ouvir essa frase mais uma vez me senti motivada a continuar.

Considero que aqui caiba e seja pertinente uma discussão acerca da maternidade, não aquela que por romantizada na qual a criação de uma criança parece ser simples e belo e nem a que condena esse ato como irracional e sinônimo de perda de uma parcela da vida. O maternar pode ser considerado como uma linha tênue na qual a mulher/mãe por diversas vezes acaba prejudicada. A maternidade não se resume ao ato de parir uma criança, que por si já é uma experiência marcante de forma negativa ou positiva para uma a mulher, mas os cuidados de uma vida dependem da mãe. É por meio dessa relação que tudo se perpassa, o alimento do bebê é produzido pela própria mãe, ela passa então após o processo de gerar/nutrir, para o de nutrir, cuidar, manter aquele pequeno ser vivo. Sem dúvidas que essa é a tarefa mais difícil que um ser humano pode exercer, criar uma vida, educar, transmitir valores e conhecimentos, se sentir responsável pelo sucesso ou fracasso futuro dessa criança. Tudo isso gera na mente da mulher/mãe preocupações e anseios.

Ao nascer uma criança nasce com ela uma série de indagações e escolhas diárias que fazem com que essa mulher/mãe tenha que se ver sempre em uma corda bamba. Ser mãe em tempo integral e com isso abandonar o trabalho e como consequência se ver a mercê de comentários que a colocam em um local de inutilidade por não estar realizando trabalho remunerado e depender financeira do seu companheiro. Ser mãe, mas deixar seu filho/a em um local para que possa seguir realizando seu trabalho e portanto, mantendo sua carreira e com isso ser encarada como relapsa por “perder a melhor fase do seu bebê”. Estamos sempre sendo julgadas e quando tentamos realizar tudo, sem abandonar carreira acadêmica, estudos, trabalho doméstico, cuidados com a criança, esposo e outros ficamos sobrecarregadas e nesse processo uma parte de nós acaba morrendo.

A vida de uma mulher/mãe é repleta de escolhas e algumas delas acaba sendo radical, mas necessária e exige muita coragem. Deixar os cuidados dos seus filhos em prol da carreira, em busca de um reconhecimento profissional não é fácil, mas por entender as responsabilidades

e demandas que uma criança requer para muitas mulheres/mães essa acaba sendo a única opção. Ao fazer isso são julgadas como mães desnaturadas, chamadas de forma ofensiva por aqueles/as que não estavam de forma alguma dispostos a ajudar essa mulher a realizar todas as demandas necessárias, mas estavam em pé com o dedo apontado julgando suas escolhas.

Por outro lado, os abandonos paternos são ignorados, e quando falo sobre abandono paterno não me refiro exclusivamente aos que saem de suas casas e abandonam a família, mas o abandono das obrigações diárias, a falta de cumplicidade, empatia e respeito pelo tempo e momento da outra pessoa. É muito fácil julgar uma mulher que deixa seu filho/a para poder estudar, trabalhar e conseguir construir uma vida mais estável, mas ninguém que faz esses julgamentos se coloca no lugar dela durante as noites que ficam acordadas chorando, nos dias que acordam e a saudade de seus filhos é enorme, nos momentos que desejavam ter o abraço e afeto deles/as. Poucos/as são as pessoas que se preocupam em ser rede de apoio de uma mãe, mas a fila para julgadores é infinita.

Reconhecer e vivenciar as diferenças de gênero, em especial quando se pensa nos acúmulos de atividades que são desempenhadas pelas mulheres é crucial, pois, a carga física, emocional e o peso social que carregamos é maior, por isso, retomo a dorridade como forma de explicação acerca do que nós mulheres negras enfrentamos, a Dor, uma dor diária que faz com que tenhamos medo, com que desacreditemos de nós mesmas como capazes e principalmente merecedoras de espaços e oportunidades. Utilizo dessa dor não mais como forma de melancolia, mas como mecanismo de força para que possa vencer um sistema que insiste em tentar derrubar a mim e minhas semelhantes.

Para além da dor utilizo a raiva, a mesma raiva que foi usada por Audre Lorde como forma de transformar sentimentos que paralisam, indignam em impulso por mudanças. Utilizo a raiva de todo um sistema que insiste em colocar a todas nós em caixinhas, que ignora as diferenças e necessidades individuais que possuímos, que finge não ver e escutar os gritos e pedidos de socorro e ajuda diante dos problemas enfrentados.

Sinto raiva de todos aqueles/as que em meio as necessidades pessoais existentes pregam a ideia de que “basta tentar”, sinto raiva de pessoas que se dizem profissionais humanizados mas que não se importam verdadeiramente com o bem-estar do outro, sinto raiva de um sistema que insiste em dizer que estar aberto para todas/os e na sua prática é exclusivo e não democrático. Sinto raiva, mas uso essa raiva para concluir esse texto, para dizer que Nós mulheres negras existimos, que nós mães somos capazes, mas ao mesmo tempo sinto raiva, pois vejo meus anseios serem postos como bobagem quando não o são.

Com a maternidade ganhei um olhar mais sensível para demandas que antes

desconhecia ou me pareciam distantes, ao cair a ficha sobre minha gestação me peguei em diversos momentos chorando e com medo do que estava por vim e isso era aterrorizante, medo do parto, de sofrer violência obstétrica, medo de precisar passar por uma cesariana sem pessoas que pudessem me ajudar durante a recuperação, mas principalmente medo do depois, medo por meu filho que nasceria em um mundo machista, racista e sendo ele uma criança negra lidaria diariamente com esses preconceitos mesmo que por vezes de forma disfarçada.

O medo foi sendo modificado e se transformando em raiva, e com essa raiva me vi na obrigação de educar e ensinar todos os dias que não deverá baixar a cabeça diante de impunidades e injustiças, que o racismo precisa ser combatido. Tenho plantado a semente do amor próprio e confiança para que ninguém seja capaz de atingir sua autoestima e fazer com que deseje esconder suas raízes afro-brasileiras.

A maternidade é um momento de autoconhecimento que nenhum outro proporciona, por meio dela fui entendendo o verdadeiro significado da doação. O tempo, a energia, o corpo, tudo passa a ser usado em prol de outro ser. Por vezes, esse processo de doação se torna tão constante que corremos o risco como mulher de nos anularmos, já não sou Suzana Rossi, agora sou a mãe do Oliver Ricardo, a esposa do Fausto Ricardo e com isso o cuidado com a mulher fica comprometido, o eu esquecido e silenciado. E aqui reitero o poder que o patriarcado exerce na sociedade, por mais que se tenha conhecimentos, estudos e militância o processo de autoanulação por vezes acontece.

Sentimos uma obrigação irracional que nos impõe que devemos da conta de tudo, de todos os afazeres domésticos e priorizar os cuidados do filho, por um tempo o foco vira somente a criança e isso vai sendo modificado de forma gradual, mas com o tempo esse processo se torna sufocante, a pessoa para além da mãe, esposa e dona de casa acaba sendo destruída e ficando cada vez mais difícil conseguir realizar tarefas que levem em consideração seus próprios desejos e anseios.

O egoísmo é um sentimento posto como negativo, no entanto, sem o egoísmo a mulher/mãe corre o sério risco de viver a margem de quem já foi e a sombra de seu companheiro, seguindo os sonhos do outro e assumindo as responsabilidades familiares para si. Com isso vemos homens que conseguem ser promovidos em seus locais de trabalho, concluir suas graduações e pós-graduação mesmo diante da mudança de papel, outrora era esposo, agora também é pai. No entanto, o peso que o sistema patriarcal impõe sobre os homens os coloca em locais de privilegio, não se sentem obrigados a parar suas vidas profissionais, seguem mudando quando necessário apenas alguns horários, mas no geral sua rotina não é modificada, seus hábitos de estudos, seus momentos de trabalho, reflexão continuam intactos. Por outro lado a

mulher/mãe agora se ver obrigada a cuidar de uma outra pessoa e tem todos os aspectos físicos e emocionais de sua vida modificados, já não existe nada como antes, seu corpo, mente e espiritualidade estão modificadas para sempre.

Por mais que ela tente, seus corpo e a explosão de hormônios desencadeada por intermédio do processo de gestação e parto fazem com que tudo em sua volta seja considerado como de menor importância quando pensa em seu bebê. A maternidade é um momento que pode ser lindo, mas também sufocante e enclausurador. Como mulher/mãe me vi nessa situação, estava sendo sufocada a cada dia pelo que tinha como obrigação e minhas necessidades individuais passaram a ser esquecidas. Chega um determinado momento que a mulher/mãe olha no espelho e não se reconhece e isso é desesperador.

Não se reconhecer é um processo causado por todos esses acúmulos, por todos esses momentos de solidão, de ausência de cuidados para consigo. Certa vez ouvi uma frase que dizia que “a mãe cuida de todo mundo da casa, mas ninguém cuida da mãe”, essa é uma verdade, a partir do momento que nasci um bebê não apenas o olhar dessa mulher se volta para ele como o de toda sua família, amigos, colegas... As pessoas perguntam como o bebê está, se ficou doente, se dormiu a noite, se está se alimentando bem, mas poucas/os são aqueles que perguntam sobre a mãe, que buscam se preocupar com as necessidades básicas dessa mulher. Será que ela comeu? Conseguiu dormir? Tomou banho? Escovou os dentes? As necessidades básicas dessa mulher muitas vezes são deixadas de lado e não se preocupam com isso, assim essa mulher/mãe vai cada dia mais esquecendo de si, já não lembra como é banhar sozinha, como é comer com calma ou simplesmente dormir à noite inteira sem precisar acordar para alimentar outro ser humano.

Em contrapartida, como diz minha amiga Danielly Dassaky acerca da maternidade, “se tem uma coisa que ela nos ensina é valorizar o tempo”. Sem dúvidas que o tempo que antes parecia de menor valor, agora se torna valiosíssimo, cada minuto é válido, seja um minuto a mais em silêncio, ou um minuto a mais para comer sem precisar sair correndo... O tempo passa a ser compreendido como valioso e uma mãe consegue fazer em 30 minutos coisas que antes precisaria de 2 horas.

Nesse aspecto retomo o conceito de Dor, pois é por intermédio das experiências vividas que uma pessoa consegue verdadeiramente ser empática pela outra, é o famoso “Só quem causa o sapato sabe onde ele aperta”, por mais que os/as outras pessoas tentem ser sensíveis com as dificuldades enfrentadas por uma mãe e nesse aspecto reitero, uma mãe sem rede de apoio familiar e financeira, somente outra mãe em condições de semelhança é capaz de se por verdadeiramente em seu lugar e sentir uma empatia genuína.

## CAPÍTULO 2: ENTRELAÇANDO O FEMINISMO NEGRO NA EDUCAÇÃO

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda [...] que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou [...] e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? [...] Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

(Sojourner Truth, 1851)

Pedimos licença para iniciar as discussões que serão realizadas nesse capítulo com o trecho do discurso de Sojourner Truth<sup>6</sup>, proferido no ano de 1851 em uma reunião de clérigos que discutiam os direitos das mulheres, no qual, alegavam que as mulheres não podiam ter os mesmos direitos que os homens por serem frágeis. No entanto, notamos por meio do discurso dessa mulher negra, ex-escravizada, o quanto não recebia o mesmo tratamento que era direcionado às demais mulheres. “Não sou uma mulher?” Era a indagação repetida por Sojourner Truth, afinal, era uma mulher, e privilégios eram negados porque para algumas mulheres era oferecido os melhores locais e para ela era deixado o trabalho pesado, e ainda, mesmo sendo mãe, não tinha seus clamores atendidos. Afinal, não era ela uma mulher?

Ao analisarmos o discurso de Sojourner Thuth fica evidenciado que existiam diferenças e que ser mulher não era premissa para ser tratada com dignidade e respeito. Assim, traz à tona o problema das diferenças estarem vinculadas a raça. Por meio de seu discurso é percebido que uma mulher só era encarada como um ser que precisava de cuidados, frágil, quando era de cor da pele branca, se fosse uma mulher negra era enquadrada na mesma categoria de “brutalidade” de um homem, sua dor, seus medos, eram ignorados, silenciados, e seu sexo feminino em nada mudava a forma de tratamento que recebia.

Essa forma de diferenciação exposta por Sojourner Thuth não é diferente em outros países como o Brasil, pois tudo isso faz parte de uma construção histórica que acabou ficando enraizada por meio dos processos de colonização que desumanizaram as pessoas negras, e nesse contexto deixaram as mulheres em situações de vulnerabilidade social. Essas diferenças entre

---

<sup>6</sup>Sojourner Truth (1797 – 26 de novembro de 1883) foi o nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher. Truth nasceu no cativeiro em Swartekill, Nova York. Seu discurso mais conhecido, “Não sou uma mulher?”, foi pronunciado em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em: 25 de julho de 2022.

as mulheres é discutida por Aparecida Sueli Carneiro<sup>7</sup> evidenciando que não podem ser vistas como exclusivo, pois não somos todas iguais, e, é por meio das intersecções que as diferenças são postas, nas quais mulheres brancas, negras e indígenas não se enquadram nas mesmas categorias (Carneiro, 2015), de modo que a construção das desigualdades foi aliada ao conceito “negativo” da igualdade.

Diante de tais discussões, o presente capítulo trará reflexões no sentido de compreender as contribuições do feminismo negro para o campo educacional. Não nos propondo a realizar uma exaustiva revisão bibliográfica, traremos elementos basilares para que o feminismo negro seja entendido como um movimento dotado de posicionamento crítico acerca da interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Dialogando com esse entendimento, partiremos ao questionamento das bases estruturantes da educação, que hegemonicamente reproduz ideias preconceituosas e racistas em relação às mulheres negras, para que possamos refletir sobre as possibilidades de uma educação verdadeiramente democrática e libertadora a partir das críticas sociais formuladas no movimento feminista. Assim, das inúmeras possibilidades de continuarmos a conversa, faremos uso do passado brasileiro para evidenciar que a liberdade negra, sobretudo da mulher negra, nunca foi uma realidade social.

Esses dilemas perpassam a Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, que declarou extinta a escravidão no Brasil, não se preocupou com mecanismos que pudessem ajudar as pessoas recém libertas para obterem a ascensão social. Devido isso, mais de 135 anos depois (2024) encontramos a população negra inserida em locais de vulnerabilidade, vivendo com baixa renda e de maneira insalubre, e, somos obrigadas a reconhecer que por mais que se tenha conseguido quebrar barreiras, ainda existem outras que necessitam ser rompidas. Diante disso, a formação da sociedade brasileira está imersa em problemas sociais. O desemprego, a falta de escolarização por grande parte da população, as desigualdades salariais, falta de moradia, falta de infraestrutura, dentre outros. Todos esses encaixos precisam ser combatidos constantemente como forma de luta contra as injustiças e mazelas que têm sido vivenciadas ao longo dos anos, e que possuem como principal alvo a população negra.

Desse modo, podemos reconhecer que as pessoas negras tiveram suas “correntes” soltas na abolição da escravatura, porém, as amarras simbólicas e epistemológicas permanecem presente causando dores e aprisionamentos nos níveis mental, social, político e espiritual

---

<sup>7</sup> Aparecida Sueli Carneiro é filósofa, escritora e ativista antirracista do movimento social negro brasileiro, fundadora e atual diretora do *Geledés* - Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil, com as obras “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil” (2011), “Escritos de uma vida” (2018), entre outras.

acelerando as desigualdades sofridas em anos de escravidão, e de vivências com o patriarcado e o machismo que foram produzidos.

Neste sentido, os problemas enfrentados pelas pessoas negras, em específico as mulheres negras, não se limitam a uma única esfera, desse modo, percebemos a necessidade de abordar problemas sentidos por essa população e que muitas vezes são invisibilizados, como exemplos, citamos a baixa escolaridade, o desemprego, falta de acesso a moradia, altos índices de violência, assassinatos, trabalhos análogos à condição de escravidão, violências obstétricas, prisões indevidas, repressão religiosa, e, essa lista poderia se estender, devido as sequelas deixadas no período escravista, sendo que, no processo de segregação e desigualdade social e racial as mulheres negras são as mais prejudicadas por serem vítimas de abusos e desrespeito pelo poder hegemônico.

De forma que a discussão da construção de uma consciência sobre as disparidades raciais e de gênero nos permite compreender como o Feminismo Negro tem desempenhado uma temática relevante na educação brasileira, enriquecendo por meio da interseccionalidade as pautas de gênero, raça e classe, e suas contribuições têm gerado reflexões acerca dos espaços que as mulheres negras estão inseridas.

O Feminismo Negro ajuda na construção de uma consciência acerca das disparidades raciais e de gênero, a partir dos movimentos sociais, especificamente, do movimento feminista negro que questiona a realidade do sistema educacional brasileiro quanto ao acesso e permanência das pessoas nas instituições educativas, a presença com representatividade no corpo docente de pessoas negras, e como esta pauta no currículo pode possibilitar mudanças sociais e culturais significativas.

O acesso à educação por parte das pessoas negras sempre necessitou de lutas para ser alcançado, e mesmo quando isso acontecia, a continuidade dos estudos era por vezes interrompida, por não serem os direitos conquistados oficialmente respeitados na prática educacional. Como exemplo, trazemos que a história dos antepassados africanos, escravizados no Brasil, que não foram colocados nos livros de forma positivada e valorizada, pelo contrário, cada vez que eram submetidos a esse conteúdo na aula, passavam por constrangimentos e vexames ao serem ridicularizados por parte de colegas.

Assim, a ideia de ser uma pessoa negra não era encarada como positiva por causa da zombaria pelo sentimento de negatividade em relação aos traços de descendência, bem como, havia uma ânsia generalizada de aproximação dos padrões de beleza dominante. Igualmente, a ausência de docentes que trabalhem com a temática étnico-racial e representem o povo negro soma-se aos problemas da identificação étnico-racial. De modo que docentes sejam capazes de

trazer a história da população negra pela versão dos povos africanos é um processo que possibilita mudanças na prática educativa.

Portanto, fora com o Feminismo Negro que essas disparidades da ausência não apenas de mulheres de forma geral em determinados locais, como principalmente a de mulheres negras começaram a ser questionadas, as diferenças salariais, a divisão de trabalho, as questões de gênero e raça foram sendo postas como pauta. Em contraponto torna-se tão salutar uma educação libertadora que traduza uma epistemologia feminista negra. Para tanto Nilma Lino Gomes<sup>8</sup>, no livro “O movimento negro educador” (2017, p. 95) declara:

No Brasil, a leitura sobre o negro, sua história e cultura ainda tem sido regulada pela sociedade mais ampla via racismo ambíguo e mito da democracia racial. Esta visão tem sido disseminada nos diferentes espaços estruturais do poder e marca de forma diferenciada a história da negra e do negro.

A história da população negra, como exposto por Gomes (2017), é uma história marcada por falácias, tais como, o mito da democracia racial, que faz com que a cultura e história das pessoas afro-brasileiras fiquem escondidas e soterradas pela ausência de conhecimento sobre si mesmas.

Nesse aspecto temos a educação como uma ferramenta que quando não reflexiva realiza simplesmente uma continuação dos preconceitos socialmente cristalizados, mantendo os processos de dominação hegemônica existentes, porém, se a educação for pensada como emancipadora, se torna um espaço/tempo de lutas e transformações.

As pessoas negras, desde o período escravocrata, buscavam a instrução, os estudos eram negados, mas, por meio das lutas acabavam se inserindo no processo de aprendizagem formal. Carolina Pinho<sup>9</sup> (2022, p. 18), ao abordar sobre a educação da população negra no Brasil reitera acerca da proibição ao acesso as escolas até o século XIX, e como isso contribuiu para que não se tivessem discussões/estudos no âmbito educacional sobre o tema. Com isso os movimentos que foram realizados por parte da população negra “passaram por um processo de apagamento

---

<sup>8</sup> Nilma Lino Gomes, militante e estudiosa do movimento negro brasileiro, professora de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Educação pela universidade que leciona, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e pela Universidade Federal de São Carlos, organizadora do livro “Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais” (2010).

<sup>9</sup> Carolina Santos B. de Pinho é professora, pesquisadora e afroempreendedora. Realiza pesquisas na área de educação, epistemologia e movimentos sociais, com ênfase em formação de professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, produção e filosofia do conhecimento, educação física, diretrizes curriculares e feminismo negro. Possui doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestrado pela mesma instituição, tendo realizado Doutorado Sanduíche na *Technische Universität Braunschweig*, na Alemanha. É professora na área de prática de ensino na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde coordena o Curso de Extensão em Pedagogia Feminista Negra. É idealizadora e coordenadora pedagógica da Rede Ojá - Epistemologias Negras.

baseado no mito da democracia racial”. E, com a consolidação do mito “a experiência de pessoas negras foi invisibilizada, enquanto a história contada sobre e por pessoas brancas foi considerada a única legítima. [...] o protagonismo de pessoas negras foram apagadas pela ideia de que não é necessário falar de raça, afinal, no Brasil vivemos sob um grande caldeirão de mestiçagem” (Pinho, 2022, p. 18). Assim, a autora explicita que a experiência educacional fora invisibilizada corroborando com a falsa ideia de que não tinham interesse pela educação.

Para além do processo educacional, encontramos no feminismo negro um nova possibilidade, a de enxergarmos e discutirmos questões que não eram levantadas dentro de um feminismo liberal, o feminismo branco, por vezes serviu apenas como modo de manter os privilégios brancos, mas buscando somente incluir as mulheres (brancas), dentro do processo.

Diante do exposto, quando se fala sobre Feminismo Negro uma das primeiras indagações que surge é, afinal, se já existe o feminismo hegemônico, qual a necessidade de uma ramificação? Essa necessidade surgiu porque infelizmente o feminismo hegemônico não era capaz de abarcar as demandas sentidas pelas mulheres negras, que viviam realidades diferentes daquelas a quem os homens consideravam como frágeis, assim é exposto no discurso de Sojourner Truth, as mulheres negras não eram encaradas de forma equânime, existia dois pesos e duas medidas, e nesse aspecto o peso maior era carregado pelas mulheres negras.

Durante muito tempo pensamos acerca das dicotomias existentes na vida da população negra em relação às pessoas brancas. O número de privilégios que o segundo grupo possui em relação ao primeiro são tão diversos que perpassam por diferentes camadas da sociedade o que faz com que seja quase impossível não reconhecer as mazelas que as pessoas negras estão vivenciando. Quando pensamos sobre o grupo das mulheres negras essa diferenças se tornam mais acentuadas porque carregam muitos marcadores sociais que as obriga a se inserirem como forma de sobrevivência a espaços que são subalternos, a realizarem atividades que são vistas como de pouco valor. Essa realidade não é de hoje, ao longo dos anos desde o processo de escravidão a sociedade afro-brasileira tem sofrido com o preconceito, racismo, discriminação, e o sexismo.

A pensadora, escritora e militante bell hooks (2023) fala sobre o sexismo e o quanto é um problema que causa estorvo para as pessoas que por um longo espaço de tempo não reconhecia que o sexismo afetada aos homens, pois na nossa concepção limitada, os homens eram beneficiados com o patriarcado e o machismo como subprodutos do sexismo. No entanto, compreendemos por meio da bell hooks o quanto o sexismo prejudica não apenas as mulheres e a falta de entendimento gera uma sociedade machista e patriarcal na qual até outras mulheres estão sujeitas a terem atitudes sexistas.

Comungando com bell hooks trazemos a definição exposta para o entendimento sobre o que é feminismo assegura que “é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (bell hooks, 2023, p. 18). Esta definição é interessante até para o movimento feminista, pois o que entendemos como feminismo é parte da ideia de que as mulheres odeiam os homens, é um movimento radical que deseja que as mulheres sejam superiores aos homens gerando estereótipos que colocam as feministas como “mulheres mal amadas”, quando na realidade o que o feminismo luta é pela equidade que vai além das questões de trabalho difundida e limitadora da causa.

O pensamento feminista possibilitou que uma série de questões fossem levantadas, entre elas os padrões estéticos, os quais foram e continuam se modificando no decorrer dos anos. No entanto, uma das críticas que é realizada pelas feministas diz respeito a uma padronização dos corpos, a existência de um padrão de beleza. Os padrões de beleza foram sendo transformados, porém, ao que chama a atenção é que sua escolha nunca partiu das mulheres, eram e continuam sendo padrões estabelecidos por homens. O patriarcado, portanto, é o que determina as formas de beleza que serão considerados aceitáveis ou não. Aqui poderia citar padrões que ocorreram em diferentes décadas e sociedades, no entanto, nosso interesse é destacar a inexistência de mulheres nessa escolha e o quanto afetam as mulheres negras.

Ser uma mulher negra é se enquadrar em um grupo fora dos padrões, pois tendo em vista a realidade da sociedade brasileira o processo de colonização deixou “presentes” e entre esses a ideia de que os padrões estéticos europeus são melhores. Assim, mulheres negras, quanto mais retintas, mais distantes se encontram desse padrão, para além da cor da pele foram estabelecidos outros que estão relacionados a cultura do país. O Brasil é mundialmente conhecido por padrões de beleza no qual se inserem as mulheres brancas, magras, olhos claros (um padrão europeu) e seios e nádegas grandes. Àquelas que não se enquadram nesse padrão sofrem com a ideia de que “não são bonitas o suficiente”.

A luta do movimento feminista com relação aos padrões estéticos foi de suma importância para que as mulheres tivessem a possibilidade de não somente vestir roupas confortáveis com a possibilidade de terem corpos libertos, a fuga de um padrão de beleza que oprimia, causava dor, gerava distúrbios alimentares e doenças mentais fora comemorado, inclusive por aquelas que não se identificavam como feministas, mas puderam usufruir seus benefícios (hooks, 2023). Todos esses processos que diferenciam e rotulam formas de comportamentos para homens e mulheres são frutos do sexismo, e por diversas vezes reproduzido por outras mulheres sem uma reflexão.

Algo que chama a atenção sobre essa discussão exposta por bell hooks (2023) é o quanto até os homens se prejudicam com esse processo, pois acabam sendo obrigados a terem comportamentos e atitudes que são consideradas aceitáveis, nesse aspecto, o incentivo para meninos e meninas são diferentes desde o processo de brincar. A ideia de que meninas brincam de casinha e meninos de carrinho é difundida, e romper com esse modelo é desafiador.

Com isso cria-se uma geração de homens que foram educados para serem “fortes” esconder seus sentimentos e realizar atividades brutas e ditas como masculinas, e mulheres sendo consideradas “frágeis” sendo educadas a cuidar e servir. Notamos que bell hooks na obra “Feminismo é para todo mundo” (2023) realiza uma espécie de manual com a compreensão do que é feminismo e trazendo o modo que afeta as pessoas, não faz uma separação entre as mulheres, e que por mais que o movimento feminista nasça ramificado, a compreensão acerca da sua base traz nas subdivisões uma formação crítica.

Por isso, discorrer sobre o Feminismo Negro é trazer à tona o conceito de interseccionalidade porque está diretamente vinculado a sua existência, e perceber as diferentes categorias que as mulheres negras estão inseridas. Acerca desse conceito encontramos em Akotirene (2019, p. 14):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Essa sobreposição posta é o que se denomina de interseccionalidade como responsável para que um mesmo grupo, no caso mulheres, não possam ser consideradas iguais, não podem ter problemas e demandas equiparadas porque possuem diferenças que transitam entre gênero, classe e raça.

Nesse sentido, surge os aspectos do racismo e machismo que precisam ser discutidos. Tratando-se de uma escala de poder encontramos no topo da pirâmide o homem branco cis hétero, logo abaixo temos a mulher branca cis hétero, em seguida o homem negro cis hétero, só então a mulher negra cis hétero. Essa escala serve apenas de exemplo para uma melhor compreensão sobre como funciona as escalas de poder social. Porém, até o momento de seu encontro passou por processos de “rebaixamento” nos quais estão no topo o machismo, representado pela figura do homem branco cis hétero atrelado ao racismo. Por mais que o racismo seja direcionado aos homens negros devido a essa escola de pirâmide social nem todos

irão enfrentar um duplo ou triplo preconceito, sendo homens cis hétero estão a salvo do machismo o que os coloca em uma posição melhor que as mulheres negras.

De acordo com Gomes (2005, p. 52):

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Por intermédio da colocação acima percebemos o racismo como sendo uma ação que se origina em uma negação das diferenças do outro, com isso notamos que pode partir do individual, no entanto, não somente, pois, resulta dos efeitos em escala coletiva. Torna-se necessário mencionar a Lei nº 10.639 (Brasil, 2003) que traz ênfase para o conhecimento da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições educativas possibilitando que a história possa ser contada por vieses que extrapolam a limitada dimensão da escravidão passiva.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

É possível perceber por meio dessa Lei que as disciplinas não deve limitar-se a Educação Artística, Literatura e Histórias Brasileiras, por isso, a nosso ver, torna-se primordial a incorporação da temática do Feminismo Negro de forma contínua nas discussões a serem trabalhadas no ambiente escolar. Além disso, existe a necessidade de tratar os povos afrodescendentes brasileiros de maneiras não estigmatizadas, repensando a estrutura social e educacional em que dentro do contexto brasileiro as pessoas negras sempre foram postos na margem dos processos sociais, tendo suas contribuições invisibilizadas, por isso, reflexões como a temática do Feminismo Negro, bem como, o reconhecimento da contribuição histórica de mulheres pretas precisa ser concretizado de maneira constante.

De modo que as meninas negras e meninos negros crescem presenciando por diferentes meios, como a televisão, livros, revistas e filmes, seus antepassados postos em condições de escravidão ou servidão. Com isso nutre-se a falsa ideia de que negros e negras nasceram na

condição de escravos. Esse pensamento é equivocados, visto que, a população africana não era escrava, mas foram escravizados, sofrendo um processo doloroso de exploração de todas as formas de violência. Por meio desse mesmo pensamento têm-se a ideia que se difundiu e massificou ao longo do tempo de que as pessoas negras são inferiores às brancas.

Essa forma de pensamento traduz uma configuração errônea quando se observa os locais de trabalho em que os homens estão inseridos em afazeres de cunho braçal, nos quais a força física é principal, e as mulheres desempenham atividades de doméstica, zeladoras, faxineiras. A escolha por essas profissões não é algo que parte delas, mas é o resultado da ausência de políticas públicas eficazes capazes de modificar os espaços que a população negra acaba sendo obrigada a se inserir.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que a educação seja geradora de uma nova visão a respeito dos povos negros para que as crianças possam sentir orgulho de sua pele e as características físicas não sejam empregadas de forma pejorativa. Acerca dessa forma de educação que não produz a valorização da população negra encontramos na fala de Lélia Gonzalez<sup>10</sup> (1979, p. 13) uma crítica:

Se refletirmos um mínimo sobre a questão, não teremos dificuldades em perceber o que o sistema de ensino destila em termos de racismo: livros didáticos, atitude dos professores em sala de aula e nos momentos de recreação, apontam para um processo de lavagem cerebral de tal ordem que, a criança que continua seus estudos e que por acaso chega ao terceiro grau, já não mais se reconhece como negra. E são exatamente essas “exceções” que, devidamente cooptadas, acabam por afirmar a inexistência do racismo e de suas práticas. Quando se dá o caso oposto, isto é, de não aceitação da cooptação e de denúncia do processo super exploração a que o negro é submetido, surge imediatamente a acusação de “racismo às avessas”.

A crítica parte dos livros didáticos que não possibilitavam a visão da população negra em funções como de advogados/as, médicos/as, engenheiros/as, mas que limitava a sua utilização em temas que envolvesse a escravidão ou imagens de trabalhadores/as realizando serviços braçais. Além disso, a autora pontua acerca de professores/as que não realizam um trabalho pedagógico de forma equânime, inclusive de forma inconsciente atribuindo características negativas, não valorizando os potenciais, e realizando, mesmo que de forma inconsciente, uma poda de sua identidade negra.

A associação do negro com coisas ruins, a utilização de frases como “Você não é negro, é moreno escuro” acaba por sufocar e destruir aos poucos as possibilidades de uma criança

---

<sup>10</sup> Lélia Gonzalez, uma intelectual negra, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira, que foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado (MNU).

negra se identificar como tal. Por outro lado, Gonzalez (1979) realiza um alerta sobre a tendência de descredibilizar os processos pelos quais passaram enquanto criança, o que é mais um mito, o do racismo às avessas.

A ideia de racismo às avessas é duramente criticada por quem faz parte do Movimento Negro (MN), visto que, esse pensamento é contraditório para existência de um racismo às avessas em que as pessoas brancas deveriam estar na condição de dominadas, e, o que é exatamente o oposto do que acontece.

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura (Gonzalez, 2011, p. 16).

O racismo vivenciado no Brasil, assim como em outros países latino-americanos, efetiva o enfraquecimento da população negra, tentando colocar a cultura, religião africana e afro-brasileira como inferiores, com isso provoca a ideia da necessidade de um branqueamento da população, do seu controle, da amortização da cultura e da destruição de suas identidades. Diante dessa dinâmica estrutural da sociedade brasileira, a ideia de um racismo às avessas é infundado, só funciona como meio da população dominante se desviar das discussões étnico-raciais, e, mais uma vez, tentar fortalecer a ideia de que somos iguais.

Esses processos de negação citados fazem parte de um projeto estrutural o qual não deseja que as relações de poder sejam modificadas, pois a manutenção dessa estrutura é de interesse do poder dominante, a desvalorização da população negra é sinônimo de mão de obra barata e ilimitada, e como resultado a manutenção do *status* de poder. Portanto, algo que possa transformar esses locais de privilégio não gera interesse.

Assim sendo, uma educação que possa trazer à tona a realidade brasileira e a necessidade de compreensão acerca da posição da mulher negra na sociedade é de extrema relevância. Para tanto, Luciana de Barros Jaccoud<sup>11</sup>, argumenta no livro “A construção de uma política de

---

<sup>11</sup>Luciana de Barros Jaccoud doutora em Sociologia pela *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora permanente do Mestrado Profissional em Governança e Desenvolvimento e docente de cursos de especialização da Escola Nacional de Administração Pública.

promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos” que, se pretende por meio da educação “preencher uma lacuna na formação dos estudantes e promover nos brasileiros um maior conhecimento sobre sua sociedade e suas raízes. Esses estudos visam contribuir para eliminar preconceitos e distorções racistas acumuladas durante séculos” (Jaccoud, 2009, p. 125). Essa lacuna exposta deve ser preenchida como uma possibilidade de reeducação das relações étnico-raciais, destacar a necessidade de uma educação de gênero, de trabalhar com o tema feminismo e Feminismo Negro para acontecer a modificação da forma de pensamento da população. Educar os jovens para que cresçam como pessoas adultas que não reproduzem esses preconceitos e machismos é um processo longo, mas, é fundamental para evitar os retrocessos sociais.

Compreender o processo de escolarização como uma ímpar possibilidade de enfrentamento às desigualdades sociais nos impulsiona à iminente necessidade de refletirmos acerca do compromisso socioeducacional, político e cultural das instituições educacionais. Não há como confrontar as desigualdades sem reformular as bases ideológicas que sustentam as ações e atuações dos profissionais da educação e o próprio entendimento desta. Nesse sentido, por mais tímidas que sejam, e ainda não trazendo toda a potencialidade contra-hegomônica do movimento negro, já existem algumas práticas educacionais filiadas a tais reflexões.

É possível encontrar avanços nesse sentido, como, por exemplo, a comemoração do dia 25 de novembro como o dia internacional ao combate à violência contra a mulher. No entanto, os dados encontrados sobre o ano de 2020 não merecem celebração, como por exemplo, os dados da cidade de Imperatriz, contudo, a realidade não difere do âmbito nacional. Em uma matéria publicada por Islane Lima no *site* da Prefeitura de Imperatriz notamos que os índices de violência são alarmantes, e quando consideramos as violências sofridas por mulheres negras, é preciso questionar a estrutura social de desprivilegio. Segundo a matéria, “de janeiro a agosto desse ano, no período da pandemia, 77% das mulheres atendidas por algum tipo de violência eram pretas e pardas (2020)”. Esse número não pode ser ignorado, quase 80% das mulheres que sofrem violências possuem a mesma característica em comum, são pretas, e essa situação nos inquieta.

A preocupação com a problemática negra causa angústia em muitas pesquisadoras afro-americanas, por esse motivo, acabam realizando pesquisas que envolvem não apenas a própria vivência como a de outras mulheres negras. Patrícia Hill Collins<sup>12</sup>, no texto “Pensamento

---

<sup>12</sup> Patrícia Hill Collins, graduada em Sociologia pela Universidade de Brandeis, mestre pela Universidade de Harvard e Doutora em Sociologia, em Brandeis, tendo sido professora de educação na Faculdade Comunitária St. Joseph, em Roxbury Boston e ex-diretora do Centro Africana na Universidade de Tufts

feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento” (2020), declara que “mesmo que saibam usar as epistemologias dominantes de forma magistral, muitas mulheres negras acadêmicas mobilizam suas próprias experiências vividas e as experiências de outras afro-americanas para selecionar temas de investigação e metodologias” (Collins, 2020, p. 150). Essa necessidade de contar a própria história é uma das formas que mulheres negras encontram para realizar um enfrentamento das mazelas as quais protagonizamos e que o sistema social insiste em ignorar.

Ao realizar tais pesquisas, a autora não apenas conseguiu colocar as vivências e enfrentamentos das mulheres negras em um local de centralidade, como também, a capacidade de desmascarar de forma acadêmica os problemas vividos, realizando um diferencial entre as mulheres negras e as não negras dentro do contexto educacional a fim de realizar esse processo como uma forma de fazer uma ligação entre o que estão aprendendo e as experiências pessoais.

Nesse sentido, a autora nos leva a pensar que uma das grandes propostas da educação é nos levar a questionar e compreender nossa realidade, nosso lugar no/com o mundo. Ao evidenciar as histórias de mulheres negras como fundamento educativo, Collins (2020) rompe com um academicismo que nos distancia do fazer ciência, que anula nossas histórias e epistemologias, ao mesmo tempo traz para a educação um descortinar das diversas formas de violência que as mulheres negras estão suscetíveis pelo fato de serem quem são.

Nossa sociedade historicamente vivenciou uma série de barbáries que foram normalizadas e passaram a fazer parte do cotidiano. Não posso deixar de falar sobre os abusos sexuais e emocionais que afetam milhares de mulheres negras, que desde a saída de África, com a invasão dos europeus e chegando ao Brasil, passaram a sofrer com tais atrocidades. Uma educação de gênero promove uma alteridade na forma que enxergam as mulheres e possibilita que atos abusivos sejam repensados, e por essa realidade que temos consciência da seriedade da temática, e a reconhecer que o tema acaba sendo visto por muitas pessoas com maus olhos.

A educação brasileira ainda é colonizadora, portanto, para que aconteçam mudanças reais na sociedade é preciso uma educação decolonial a qual promova debates sobre formas de olhar a mulher negra. No entanto, não é um trabalho fácil, o processo demanda mudanças. No texto “O ensino de educação para as relações étnico-raciais em uma perspectiva decolonial: Educação e produção do conhecimento no processo pedagógico” Juliana Regazoli<sup>13</sup> (2019, p. 2) assegura:

---

<sup>13</sup> Juliana Regazoli, graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atualmente professora de sociologia e filosofia –SESI- Departamento Regional do Estado de Santa Catarina, tendo experiência na área de Educação, com ênfase em Educação para as Relações Étnico-Raciais

Para além de novos conteúdos, é necessário descortinar o modelo hegemônico de produção de conhecimento eurocêntrico e promover um debate com novas epistemologias numa perspectiva não hegemônica e contra colonial, como foi proposto pelos intelectuais negros e negras brasileiros, como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, entre tantos outros.

Assim, promover um debate com novas epistemologias numa perspectiva não hegemônica tem sido a batalha travada constantemente como forma de alcançar uma educação empenhada ao combate do machismo, sexismo e racismo no Brasil. Por mais que tenham autoras brasileiras negras que tratam sobre as problemáticas do racismo, sexismo e machismo, as obras acabam sendo ignoradas e seus conhecimentos desvalorizados, sendo postos em primeiro plano sempre os mesmos autores coloniais trazendo a fala do ponto de visto do colonizador e a voz dos colonizados deixada de lado, da mesma forma ocorre com conhecimentos promovidos pela educação escolarizada.

Entre as justificativas para isso está a própria forma de escrita e linguagem usada por essas intelectuais. bell holks<sup>14</sup>, no livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” compreende que diante da estrutura desigual da sociedade brasileira “as únicas obras consideradas realmente teóricas são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler com referências abstratas” (2013, p. 89). Assim, como forma de transgredir e propagar uma nova escrita em suas obras bell holks não se preocupava com o rigor acadêmico, mas procurava realizar uma escrita acessível para a comunidade.

Ressaltamos que quando digo que não tinha uma preocupação com a escrita acadêmica, não estou dizendo que não possuía cientificidade em seu texto, mas pelo contrário, assim como a autora brasileira Lélia Gonzalez realizava uma forma de escrita que era política, crítica e social, e para além disso trazia relatos, gírias e termos oriundos da população negra que não tinha o objetivo de enfeitar ou desmerecer o texto, mas agregar. Essa forma de escrita escolhida por autoras como as citadas sofre com o preconceito acadêmico que não reconhece nesse estilo um ato de resistência. Portanto, existe a necessidade de uma ressignificação do trabalho escolar, da forma que encaram alunas/os negras/os, na forma de escrita de protesto, e para isso trazemos o Feminismo Negro como uma opção para romper com a atual epistemologia de escrita engessada.

---

<sup>14</sup> bell holks, licenciada em Letras na Universidade de *Stanford* em 1973, mestra em Letras na Universidade de *Wisconsin-Madison*, em 1976, doutora em Literatura Inglesa na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, em 1983, escritora de obras como “Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra” (2019); “Não serei eu mulher? - As mulheres negras e o feminismo” (2019), falecida em 15 de dezembro de 2021, aos 69 anos.

Cabe ainda, diante desse cenário racista e machista da educação escolarizada discutir acerca do conhecimento escolar dos currículos. Quando falamos sobre a realidade das práticas educativas não nos referimos unicamente aos conteúdos como os componentes curriculares, mas extrapolamos essa perspectiva rígida ao entender que currículo se faz no dia a dia das escolas, se materializa a partir das visões de mundo e seu projeto de cotidiano escolar. Por isso, pensar o Feminismo Negro como uma pedagogia e trazendo a trajetória de luta e resistência das mulheres negras como alicerce educacional é propor modificações substanciais na educação brasileira.

A ressignificação da trajetória racista e machista que têm na educação brasileira se faz necessário, mas ao mesmo tempo, se torna possível quando temos exemplos de pensadores/as negros/as que trazem para o centro das discussões pontos de vista que são tradicionalmente ignorados ou estereotipados a fim de servirem de expressão cultural e histórica como terreno de transformação social.

Realizar tal processo é ir contra a ideia da existência de um pensamento universal contra-hegemônico em que é possível ver as contribuições pedagógicas de pensadoras negras como Lélia Gonzalez e Nilma Lino Gomes, dentre outras, que se preocupam em desvelar a realidade das mulheres negras frente a severidade machista/racista brasileira.

De acordo com hooks (2013), um dos sérios problemas do sexismo é que os homens e mulheres que o praticam muitas vezes não possuem consciência, por ser algo que está arraigado no cotidiano social, considerando posturas sexistas. Assim, vendo a educação escolar como espaço/tempo de transformações, de lutas emancipatórias, temos um entendimento de que a pedagogia feminista negra preocupa-se em desconstruir a visão preconceituosa trazendo saberes e práticas comprometidas com as diferenças em que na diversidade possa repensar sua função social frente a realidade posta.

O Feminismo Negro por meio de suas representantes traz a compreensão sobre os motivos para a urgência de pensarmos a pluralidade étnica e de gênero a partir da realidade subalterna e marginalizante que guia o entendimento de mulher negra, e por isso, uma alteração na forma de pensamento precisa ser alcançada e requerem um trabalho de base iniciando pelas instituições educativas.

Isabel Aparecida dos Santos<sup>15</sup>, declara no texto “A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos” (2001, p. 106):

---

<sup>15</sup> Isabel Aparecida dos Santos, formada em Ciências (matemática) pela Universidade São Judas Tadeu e especialista em Pedagogia Social na Universidade Salesiana de Roma, alfabetizadora por dez anos em escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Não podemos permanecer na definição da escola como “instrumento ideológico do Estado” ou como instrumento de “colonização” ou “aculturação”. Cabe sublinhar a sua potencial responsabilidade em contribuir para a transformação da sociedade, por meio da transformação do indivíduo e das relações sociais.

Neste sentido, romper com a ideia de escola como um instrumento de colonização, contribuindo para a ressignificação da sociedade é um dos objetivos para a introdução de questões voltadas para o Feminismo Negro como possibilidade de transformação do indivíduo. Portanto, uma educação que considere as questões de gênero, o racismo e as interseccionalidades presentes no contexto social do qual cada mulher está inserida é uma porta de entrada para uma educação plural e emancipadora.

Eunice Lea Moraes<sup>16</sup>, no livro “Educação Libertadora e Feminismo Negro: uma teia conceitual de resistência a interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe” (2021, p. 101) pontua:

As mulheres negras vêm lutando tanto para avançar na crítica teórica da naturalização do racismo e do sexismo, quanto para avançar no enfrentamento às desigualdades raciais e sexuais para a construção de uma educação da diferença para incluir e não excluir, que reafirme a condição de raça, de classe, de identidade de gênero etc., das pessoas.

A luta travada por mulheres negras no reconhecimento das diferenças é fundamental para que as intersecções enfrentadas possam ser reconhecida e com isso a luta por uma educação digna seja efetiva. Por meio disso, é que Moraes (2021) realiza o apontamento sobre desnaturalização do racismo e do sexismo, pois somente por meio desse processo é possível que se tenha uma consciência da necessidade de mudança. Essa questão está entrelaçada com a ideia pregada por uma parte da população que vê no silenciamento a melhor forma de combate, ou seja, não falar sobre os problemas para essas pessoas é o melhor caminho para que deixem de existir. No entanto, esse pensamento equivocado só perpetua uma sociedade que ignora as mazelas e não busca formas de combatê-las.

A educação da população negra a muito tempo vem sendo discutida, mas de maneira distorcida, tendo sido criada a falsa ideia de que os povos pretos não tinham interesse na

---

<sup>16</sup> Eunice Lea Moraes, doutora em Educação (PPGED/ICED/UFGA), mestra em Ciência da Computação - Informática na Educação (UFSC/CESUPA), especialista em Educação e Problemas Regionais (ICED/UFGA) e em Avaliação (Cátedra UNESCO/ UNB), sendo professora Adjunta da Faculdade de Educação (FAED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFGA), pesquisando e publicando sobre educação, relações de gênero e raça no mundo do trabalho, interseccionalidade de gênero, raça e classe, educação libertadora Freireana e feminismo negro.

educação. Esse exemplo não passa de uma tentativa de apagamento das histórias e contribuições dos negros e negras para a formação da sociedade brasileira. O silenciamento das contribuições históricas da população negra é uma das formas utilizadas pelo sistema dominante de nos manter afastados dos espaços de poder. A não discussão das diferenças de acesso aos espaços educacionais sem a racialização tem provocado uma continuidade nos problemas que cada vez mais se aprofundam deixando a população negra a mercê de pensamentos como a meritocracia. Com isso, cria-se a falsa ideia de que possuímos as mesmas oportunidades e possibilidades, quando na realidade o que vemos ao longo dos anos é a manutenção do *status quo*.

Para que esse processo acontecesse, ou seja, para que a população negra ficasse afastada das escolas foram criadas legislações, o que reforça duas coisas. Primeiro, o não desejo por parte da população de que negros e negras estivessem sendo formalmente educadas, e, segundo, que a população negra através de mecanismos variados de resistir e existir tentou e adentrou os espaços educacionais. Pinho (2022, p. 19) aponta:

É necessário destacar, no entanto, que a legislação que criou empecilhos à presença de pessoas negras na escola só existiu como resultado das pressões feitas por esse grupo em busca de escolarização. Isso demonstra que mais uma vez foram criadas políticas públicas para impedir a participação de pessoas negras na vida produtiva, assim como reforça o fato de que essa população buscava os estudos como forma de inserção na sociedade.

Desde sempre a população negra enxergou na educação um caminho para a mudança social, mas como posto por Pinho (2022), a sociedade não desejava essa mudança, como ainda hoje não deseja, e com isso criou meios de impedir que negros e negras estivessem tendo acesso à educação. O processo para a construção de uma educação com a Pedagogia Feminista Negra não é fácil, pelo contrário, exige um trabalho árduo tendo em vista todos os processos históricos pelos quais a população negra vem sendo inserida, não se trata, conforme argumentado por Pinho (2022, p. 20), de uma correção histórica, mas sim “também de humanizar pessoas negras tirando-as da invisibilidade, que é uma das formas de perpetuar estruturas de poder concebidas através do racismo”. A necessidade de humanização torna-se necessária a partir do problema criado pelos brancos que enxergam na cultura e costumes dos povos negros algo distante do que consiste no conceito de civilizados, e desse modo, acabam enquadrando os negros e negras em uma categoria animalesca.

O pensamento feminista possui muitas características que podem ser utilizadas no contexto escolar, uma das grandes diferenças encontradas em comparação a outras formas de pensamento é sua construção. Enquanto outros partem da teoria e a partir daí buscam sua

aplicação na prática, o pensamento feminista negro realiza uma via de mão dupla por possuir uma relação dialética entre a teoria e a prática.

Considerando que o pensamento feminista negro nasce da relação dialética entre teoria e prática, uma educação fundamentada nessa perspectiva não admite a sobreposição de teoria pela prática, ou vice-versa. Parte-se do pressuposto de que uma só existe em função da outra: não há prática sem teoria, nem teoria sem prática, mas sim uma relação de tensão mútua. Para as mulheres negras isso é fundamental, uma vez que sempre fomos capazes de criar teorias e, ao mesmo tempo, vivenciá-las, ao contrário da maioria das teorias críticas criadas a partir da vivência do outro (Pinho, 2022, p. 27)

Essa possibilidade criada pelo pensamento feminista negro é vital para que no local do processo educacional sintam-se sujeitos de suas histórias de vida e seja levada em consideração no processo suas realidades e possam aprender, e com isso a sala de aula passa por uma mudança em que como receptores e construtores de conhecimentos exista uma relação que implique na ação, atuação ativa e produtora de aprendizagem.

Quando realizamos uma crítica ao atual modelo de educação estamos, conseqüentemente, almejando por algo diferente, discordando da forma como a educação tradicional tem sido posta, e dos objetivos desejados por meio desses processos de luta. Para tanto, a escrita de Carolina Pinho juntamente com a de Elisa Amanda Santos do Amaral<sup>17</sup>, no texto “As contribuições do pensamento feminista negro para uma educação infantil antirracista” corroboram com a compreensão de que:

Como mulheres negras, reivindicamos a crítica aos modelos de educação tradicionais e apontamos a necessidade de uma educação revolucionária que se guie pela tarefa de transmitir a cada pessoa a cultura humana os instrumentos para intervir na realidade, rumo a um projeto de sociedade que transforme radicalmente as relações sociais (Pinho; Amaral, 2022, p. 121).

A ideia da possibilidade de uma educação transformadora, partindo de problemas encontrados na base da sociedade que são debatidos pelo feminismo negro em que o racismo, o machismo e as lutas de classe são os pilares das discussões, e ao mesmo tempo, juntamente com o patriarcado compõem os alicerces da sociedade capitalista. Por isso, uma educação com base no Feminismo Negro pode ser considerada uma forma de enfrentamento aos principais mecanismos de controle e manutenção social presentes na sociedade, pois, a quebra dessas

---

<sup>17</sup>Elisa Amanda Santos do Amaral formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pós-graduada em Educação, Direitos Humanos, Diversidade e Relações Étnico-Raciais pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA), e mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana (PPGECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

barreiras é sinônimo de uma ascensão social por parte de negras e negros que (sobre)vivem diante do medo constante por suas vidas e a de entes queridos. Não à toa que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, conforme pontua Elza Soares na música “A carne”.

No entanto, reafirmamos que a dificuldade para esse processo ser concretizado se encontra nas políticas de silenciamento, que tendem a realizar uma anulação dos conhecimentos gerados por parte de quem luta por uma mudança social. Em relação a essa perspectiva, Rivia de Jesus Santos<sup>18</sup>, no texto “Curso de extensão pedagogia feminista negra/UEFS: Espaço de fortalecimento das vozes de mulheres negras” (2022, p. 145) denuncia:

A política do apagamento da produção de grupos oprimidos é uma forma de silenciar e diminuir politicamente o poder de quem aponta outra proposta organizativa de sociedade. Dentro de uma lógica capitalista, elitista, racista, sexista e opressora, essas produções são desqualificadas pelos grupos hegemônicos e que não têm interesse em dialogar para a equidade.

Santos (2022) destaca a desqualificação realizada por parte do grupo hegemônico para com a população negra como uma forma de silenciamento demonstrando a falta de interesse por parte dos que estão em situação de domínio com o diálogo sobre a equidade. Por isso reforçamos a urgência de diálogos que promova processos por intermédio de epistemologias geradoras de equidade.

A identificação das crianças negras aceitando seus cabelos afro faz parte de um processo de construção em que quebram com a unilateralidade de um padrão de beleza que precisa estar presente no corpo escolar, nas representações, nos murais, filmes, livros, e, além disso, precisam ser trazidos para as discussões cotidianas. Assim, o aporte teórico até o momento referenciado nesse texto tem como característica a criação de uma base de conhecimentos necessários para a discussão do Feminismo Negro no ambiente escolar. Reconhecemos que esse trabalho não é simples, pois, trata-se de uma luta contra-hegemônica o que mexe com as estruturais sociais o que não é visto com bons olhos pela classe dominante. Por isso, o Feminismo Negro é uma forma de luta pertinente para a construção de uma nova realidade educacional e, conseqüentemente, social.

Por fim, uma educação libertadora propicia nos vermos como parte integrante do processo, sujeito de ação e partícipe de um Feminismo Negro que propõe a valorização das culturas, trajetórias e antepassados, e, com isso o esperar de uma sociedade sem racismo, machismo, sexismo torna-se uma possibilidade concreta.

---

<sup>18</sup> Rivia de Jesus Santos, feminista preta, baiana, graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), mestre em Educação pela (UESB/Vitória da Conquista), doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ).

### CAPÍTULO 3: ENTRELAÇANDO VIVÊNCIAS, TEORIAS E APRENDIZAGEM

A tônica de vários artigos e livros traz o seguinte questionamento: a escola discrimina ou simplesmente não promove a igualdade? A sabedoria popular já dizia que “quem cala consente”. Num contexto social, em que as diferenças raciais significam desigualdade de oportunidades, “ao silenciar, a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo” para uns (negros e indígenas) e, conseqüentemente, superioridade, respeito e valorização para outros (brancos).

(Isabel Aparecida dos Santos, 2001)

Começamos realizando uma análise do trecho do texto de Isabel Aparecida dos Santos<sup>19</sup>, encontrado no livro “Racismo e anti-racismo na educação repensando nossa escola” (2001), organizado por Eliane Cavallaleiro, sob o título A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos, pois consideramos de suma necessidade trazer à tona a responsabilidade da instituição escolar para o processo de luta não somente antirracista, mas igualmente ao combate do sexismo, machismo, pautas essas que são abordadas no contexto da epistemologia feminista negra.

Santos (2001) questiona se a escola está realizando o processo de discriminação ou simplesmente ignorando o que acontece em seus espaços e sendo concedente, o que socialmente mantém os *status* de privilégio da hegemonia dominante (brancos) e mantém em um espaço de vulnerabilidade e preconceito os demais (negros e indígenas). Esse questionamento de Santos (2001) pode ser estendido e no caso dessa pesquisa ele foi, para além de questionarmos a ausência de uma educação que combata ao racismo, utilizamos como base a pedagogia feminista (Pinho; Mesquita, 2022), como forma de trazer para o âmbito escolar os problemas que envolvem gênero, raça e classe.

Assim, reconhecendo o papel da escola para a construção de uma sociedade equânime realizamos a pesquisa de campo em uma Escola pública da rede municipal de Imperatriz. A escolha do local de pesquisa passou por uma série de alterações, a princípio seria em uma escola da rede pública municipal com o ensino fundamental II, com crianças do 5º ano, no entanto, o receio de uma pesquisa com crianças tão pequenas envolvendo uma temática que é cercada de questões delicadas e a inexperiência com esse público fez com que a pesquisa fosse direcionada

---

<sup>19</sup> Isabel Aparecida dos Santos Mayer é Mestra em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi (2014) e em Ciências pela Universidade São Judas Tadeu (1989). Especialista em Pedagogia Social pela Universidade de Roma (1996). Atualmente é coordenadora de projetos do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho (IBEAC) e gestora da Rede de Leitura LiteraSampa.

para uma escola estadual de ensino médio com estudantes do 3º ano. A escola em questão havia sido escolhida devido às relações pessoais existentes entre a pesquisadora e o corpo docente e pedagógico. Tornando viável a colaboração com o processo de desenvolvimento da pesquisa.

Assim, no dia 02 de fevereiro durante a semana pedagógica entramos em contato com o diretor Wilson Alves, porém, os professores estavam em uma mobilização na Praça de Fátima, na ocasião conversamos com o diretor da escola e explicamos sobre o projeto. O projeto foi recebido de forma positiva, necessitando, no entanto, da supervisora para organização de um horário mais adequado para a execução.

Atualmente, as escolas estaduais estão passando por uma modificação, o chamado Novo Ensino Médio<sup>20</sup>. Devido isso, as escolas possuem obrigações, entre elas a realização de projetos transversais e a aplicação de disciplinas como eixos temáticos, no entanto, isso só acontece com as turmas de 1º e 2º anos, como nosso interesse eram os educandos do 3º ano essa possibilidade de encaixe não contemplaria nossa pesquisa.

Após a primeira visita à escola, ficamos de entrar em contato com a responsável pela organização dos horários, para que conhecesse o projeto e a melhor forma de colocar na programação escolar. Depois de algumas tentativas frustradas devido a agenda cheia e o embate de horários, no dia 09 de fevereiro conseguimos conversar com a responsável pela organização dos horários, após ouvir sobre o projeto ficou de conversar com as/os professoras/es para que pudessem ceder os horários de suas aulas.

No dia 14 de fevereiro entramos em contato para confirmar se as professoras/es haviam concordado todas/os estavam de acordo. Devido a uma greve dos professores do Estado do Maranhão, sofremos com a não possibilidade de ir a campo e a necessidade de realocação da pesquisa, pois tínhamos consciência que após a greve com os conteúdos atrasados a escola precisaria modificar o calendário escolar para cumprimento do período letivo.

Tendo isso em vista, a pesquisa foi relocada para uma escola da rede municipal de Imperatriz, pertencente à zona urbana em um bairro periférico. A escola em questão trabalha com o Ensino Fundamental II, turnos matutino e vespertino, do 6º ao 9º ano. A escolha se deve ao contato das pesquisadoras com o corpo docente o que possibilitou abertura para o processo

---

<sup>20</sup> A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em 04 de Jun. de 2023.

de pesquisa. Para darmos início a pesquisa entramos em contato com o gestor pedagógico, o professor Erisvaldo Alves, na ocasião combinamos as datas e horários para a pesquisa.

A escola possui 3 turmas de 9º ano, todas no turno vespertino, a turma selecionada para a pesquisa foi o 9º ano B, a escolha foi realizada pelo gestor pedagógico que levou em consideração que as duas outras turmas estavam com um déficit no conteúdo de Língua Portuguesa o que impediria a utilização desses horários.

Levando em consideração uma organização didática para que as/os estudantes pudessem compreender melhor o tema Feminismo Negro, dividimos a pesquisa em quatro encontros. Assim, separamos uma temática por dia de forma que pudéssemos trabalhar os conceitos de forma mais cuidadosa. Para isso, tentamos ao máximo deixar os encontros didáticos para facilitar o processo de aprendizagem. Conforme combinado, iniciamos a pesquisa no dia 25 de abril às 13h30 na turma do 9º ano B no turno vespertino. A turma é composta por 41 estudantes com faixa etária entre 14 e 17 anos, sendo a maioria de 14 anos.

Realizar uma pesquisa que aborda temas como raça, gênero e classe em uma sociedade que insiste em acreditar e transmitir a falsa ideia da igualdade sexual, o mito da democracia racial e a falácia da meritocracia é sem dúvida pisar em diversos calcanhares de Aquiles. Todas as questões geravam receio sobre a abordagem da pesquisa. O receio de que os pais não autorizassem seus filhos ficarem em uma sala de aula ouvindo uma mulher preta falar sobre Feminismo Negro, que ao lerem a palavra gênero já ficassem preocupados com a tal da “ideologia de gênero” entre outras, afinal, em um país que passou os últimos anos vivendo e reforçando uma série de retrocessos não seria estranho que tal proibição acontecesse por parte de um ou mais familiares responsáveis pelos jovens.

Apesar de todos os receios, a pesquisa teve continuidade, ou melhor começo. As rodas de conversas foram divididas em quatro encontros, nos quais foram abordados os temas: Raça, Classe e Gênero, respectivamente, Em cada encontro as/os estudantes foram incentivados a expressar suas opiniões e anotar o que consideravam pertinente.

### **3.1. Vamos falar sobre preconceito e racismo?**

A ação educativa deve ser uma “ação cultural” que leve à libertação de todos os educadores e educadoras, de todos os educandos e educandas, de todas as meninas e de todas as meninas, de todos os negros e de todos os “não-negros”... libertação de todas as formas de preconceito e discriminação que impedem a todos, de “ser mais”.

(Isabel Aparecida dos Santos, 2001)

A ação educativa parte da prática de uma educação antirracista, antissexista, antimachista, como posto por Isabel Aparecida (2001), é uma ação cultural, ou seja, uma ação que leva em consideração um processo histórico no qual as pessoas negras foram e continuam sendo postas em locais de subalternidade, por isso tem como fundamento a busca por uma sociedade que seja equânime, desse modo, a libertação de todas as formas de preconceito torna-se crucial para o seu sucesso. Assim, tendo em vista a necessidade de realizar uma pesquisa com abordagem pedagógica feminista negra (Pinho, 2022) a pesquisa foi dividida em diferentes momentos, cada encontro sendo abordado um tema específico que compõe os fundamentos epistemológicos do feminismo negro.

Dia 25 de abril. Tema: Raça/racismo. No primeiro momento foi realizada uma breve apresentação, explicando sobre o projeto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e quem eram as pesquisadoras responsáveis. Ao realizar a distribuição dos documentos para a turma, um dos alunos se recusou a receber e informou não desejar participar da pesquisa. Apesar da tentativa de o fazer mudar de ideia mediante o diálogo e explicando a relevância da pesquisa o mesmo não desejou participar, aceitamos seu posicionamento e demos continuidade a pesquisa.

Conforme o planejamento, o primeiro dia de pesquisa teve como temática racismo, a qual deveria ser subsidiada pelo documentário “Vista minha pele”, no entanto não teve como ser transmitido na ocasião, pois a sala que seria utilizada estava ocupada por outro professor e com isso não teria como utilizar os recursos visuais, desse modo realizamos uma roda de conversa.

Alegar ter tido uma conversa pode ser utópico. Naquela tarde, havíamos chegado à escola bastante empolgadas, mas nervosas por estarmos numa sala de aula discutindo um assunto tão delicado. Infelizmente, o que presenciamos desde o início foi algo que a maioria dos professores vem observando e sentindo: os alunos estavam apáticos. Parecia que tudo o que falávamos não importava. A maioria permaneceu calada durante 98% do tempo, e o 2% em que falaram foi apenas entre eles, sem qualquer relação com o tema em discussão. Saímos da sala de aula com uma sensação horrível, acreditando que nada do que fizemos foi útil

Durante dois horários falamos sobre racismo, perguntamos à turma sobre situações que vivenciaram ou que alguém que conhecem passou, questionamos a ideia da não existência de racismo no Brasil e no final o que mais ouvimos como resposta foi o eco do silêncio. Compreendemos que a ausência de respostas das/os estudantes se deve a um processo de

silenciamento que faz com que a educação bancária (Freire, 2019) seja cada vez mais presente e utilizada como sinônimo de ordem na sala de aula.

Processo segundo o autor, no qual as/os estudantes cada vez mais são encaradas/os como meros receptores e o processo de educação que deveria ser do/a educador/a ao educando/a e do educando/a ao/a educador/a passa a ter somente a primeira sentença, sendo a segunda substituída e criticada pelos defensores de uma educação limitadora, que não possibilita o ato de reflexão.

A essa forma de educação Freire (2019) denomina como Educação bancária, se caracterizada pelo controle por parte das professoras e professores para com as/os estudantes nesse aspecto as/os estudantes são colocados como depósitos e as/os professores como depositários de conhecimentos. Com isso, o ato de refletir é anulado, os educandos/as são conduzidos para realizar somente o que está sendo determinado sem a possibilidade de escolha.

O design das cadeiras na sala de aula, a posição dos professores em relação aos alunos, tudo isso faz parte de um processo educacional bancário (Freire, 2019) que busca criar e revelar as estruturas presentes no ambiente de ensino. A docente é colocada em uma posição de poder, de controle, sendo detentora do conhecimento e da sabedoria necessários para programar os estudantes da melhor maneira possível. No entanto, essa abordagem gera desigualdades em vez de igualdade e, sobretudo, equidade. É um tipo de educação que não fomenta a liberdade, mas sim o aprisionamento.

Após a roda de conversa com as/os estudantes, realizamos a primeira pergunta da semana. Existe preconceito no Brasil? Após ouvirem esse questionamento mais uma vez o silêncio ficou entorno da sala, porém, dessa vez o que não foi expresso por meio de suas vozes foi posto por meio de suas escritas que expressaram como o racismo pode ser vivenciado pelas pessoas devido o preconceito e discriminação.

Dentre as 40 alunas/os da turma foram selecionadas algumas respostas que consideramos contemplar melhor a proposta da pesquisa, ou seja, que traziam as questões de gênero, raça e classe que haviam sido abordadas durante as rodas de conversa. Apesar disso, reconhecemos que a ausência de respostas por grande parte da turma ou coerência em seus textos reflete o atual cenário educacional, assim como o desconforto com a temática que pode ser geradora de gatilhos em muitas/os delas/es.

Acerca da primeira pergunta que foi: Existe preconceito no Brasil? Podemos obter diferentes respostas por parte das alunas/os, por conseguinte, todas/os concordaram com sua existência, alguns trouxeram que o preconceito não é limitado a questões raciais, mas perpassa por esferas como classe e gênero. A existência do preconceito por outros foi apontada como

sendo causada por uma forma de pensamento que faz com que determinadas pessoas se sintam superiores a outras e com isso realize essa prática.

As respostas das/os estudantes foram variadas, apesar de todas em suma realizarem a concordância com a existência do preconceito no Brasil. Algumas falas são mais curtas, sem muitas descrições como a de Zandaya (15 anos) que disse: “Sim, com todas as pessoas e por diversos motivos”. Podemos perceber que Zandaya tem uma compreensão sobre o preconceito de forma mais abrangente, ela destaca a existência de preconceitos para com todos os tipos de pessoas e com motivos diversos o que traz então a compreensão de que todas/os estamos sujeitos a sofrer com o preconceito. No entanto, cabe uma atenção a essa fala, dizer que todas/os sofrem com o preconceito pode causar o reforço negativo acerca das problemáticas que são enfrentadas por uma parcela da população. Todas/os estamos sujeitas/os ao preconceito por diferentes motivos, no entanto, existem diferenças raciais, sociais, sexuais, religiosas e de classe que causam maiores ou menores sequelas em parte da população (Lorde, 2021).

De acordo com Atena (15 anos) ainda acerca da primeira pergunta encontramos como resposta: “Sim, o preconceito em geral, não somente pela cor da pele de uma pessoa, mas por sua maneira de ser e sua condição financeira.” Atena traz que o preconceito pode estar relacionado não somente aos fatores raciais, mas que as questões de classe também corroboram para esse processo, além disso, ao mencionar “por sua maneira de ser” encontramos uma lacuna que pode ser preenchida com diferentes aspectos, religião, peso, estilo, gostos alimentares entre outros, tudo isso de acordo com a fala dessa jovem pode ser utilizado como recurso para o preconceito.

Existem ainda outras/os que realizam respostas mais curtas, como Luzia (14 anos) que respondeu “Sim, existe.” A ausência de uma resposta mais elaborada pode ser resultado de diversos fatores, dentre eles a ausência de conhecimento ou vivência com e sobre o tema, pois nesse caso a resposta curta foi dada por uma aluna que se autodeclara branca. Reconhecer a existência de um problema não é sinônimo de interesse ou preocupação para com o mesmo, e uma resposta curta pode indicar isso.

Por outro lado, conseguimos também sentir uma indignação na fala de alguns estudantes, que demonstram que o passar dos anos não foram suficientes para sanar com esse problema. Como pontua Felipe, (15 anos): “Sim, existe até hoje preconceito no Brasil, as pessoas julgam muito e trata com indiferença.” Observamos alguns aspectos que podem ser fletidos, como: primeiro a confirmação da existência do preconceito no Brasil; segundo ao dizer “até hoje” percebemos uma fala que remete a um processo temporal, no qual podemos ler da seguinte forma: “apesar de tantos anos após o processo de libertação dos negros escravizados,

ainda existe preconceito,” E ele segue trazendo as consequências para esse ato, que são os julgamentos e a indiferença. Consideramos interessante o uso da palavra indiferença, pois ela traz um significado forte. Indiferença está relacionada a ausência de empatia e preocupação para com o outro, ao usar essa palavra Felipe (15 anos) reforça que o preconceito acontece por um processo de egoísmo, por não se colocar no lugar do outro, não reconhecer uma humanidade em um corpo que não é igual ao seu.

Já Luka (14 anos) traz outro fator que pode ser utilizado como preconceito. “Sim, em nossa população existe muito preconceito tanto com pele, religião e etc.” Luka, (14 anos). Em sua fala ele argumenta que o preconceito no território brasileiro não se limita a questões raciais, não somente a pele negra pode ser alvo desse problema como a escolha religiosa. Vale ressaltar que os dois fatores mencionados por ele estão relacionados. Quando falamos de religiões que sofrem com o preconceito, que são perseguidas, que possuem seus rituais ligados a coisas demoníacas nos remetemos as religiões de matriz africana e como tais possuem em seus terreiros um maior número de pessoas negras. Dessa forma, os dois fatores se interligam. O preconceito racial e o preconceito religioso, portanto, é realizado contra o mesmo grupo, a população negra.

Encontramos ainda a resposta de Luna (15 anos), que diz, “Sim, hoje em dia tem muito isso, várias pessoas julgando as outras por conta de cor ou classe social.” É interessante pensar sobre a resposta de Luna em alguns pontos. Primeiro ao responder ela realiza um marco temporal ao dizer “hoje em dia tem muito isso”, no entanto, ao realizar essa fala causa a falsa ideia de que anteriormente era diferente, que já foi melhor, ao fazer essa fala ela ignora que anos atrás era mais desumana a forma de tratamento recebida pelas pessoas negras, afinal, eram escravizadas e sem direito algum.

Na sequência a sua resposta encontramos a personificação do problema, sendo direcionado a um grupo específico de pessoas ao dizer “várias pessoas julgando as outras”, essa fala é problemática pois causa a falsa ideia de que é um grupo isolado que realiza os processos de preconceito, quando trata-se de um problema social, estrutural. Por fim ela aponta quais seriam as causas para o preconceito “por conta da cor ou classe social”, Luna traz dois marcadores sociais que são utilizados como justificativas para o preconceito, o que demonstra que não se pode acreditar que ele é praticado por um grupo específico de pessoas, mas que faz parte de uma construção social. Afinal, se fossem somente as pessoas negras e pobres que sofressem com o preconceito a ascensão social seria sinônimo da ausência desse e outros problemas.

Tivemos ainda aquelas/es que se referiram ao preconceito de gênero, o que envolve as opções de escolha por parte das mulheres e homens para carreiras, diversão, atividades do lar. “Sim o preconceito no Brasil é bem grande o preconceito é como você achar que mulheres não podem jogar futebol e homem não pode usar rosa.” Jeromy, (15 anos). Esse estudante foi o único que não trouxe a vertente racial para sua resposta, mas a questão de gênero, sem dúvidas existem muitas barreiras que as mulheres ainda precisam derrubar, e essa forma de preconceito descrita por ele prevalece forte em nossa sociedade. A ideia de que mulheres não podem jogar futebol vem atrelada a desvalorização desse esporte quando praticado por elas, não à toa que as jogadoras do time da seleção brasileira recebem menos em todos os aspectos que os homens. Salários, patrocínios, visibilidade e torcida. Para além disso, as mulheres dentro do esporte vem ao longo dos anos sendo motivo para discursões que tem como base a determinação dos locais que os corpos femininos precisam estar, ou seja, no lar, sendo responsáveis pelos cuidados domésticos, femininas e propícias a maternidade (Pessanha, 2021).

O sexismo que foi exposto por intermédio dessa resposta faz parte de uma das amarras que prejudicam a equidade de gênero da sociedade. Acerca da última sentença da sua resposta, “homem não pode usar rosa”, não podemos deixar de lembrar das falas absurdas que eram propagadas pela Ex-Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves que virou meme ao propagar a ideia de que existia uma ideologia de gênero e a fala “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa” virar uma grande piada de mal gosto nas redes sociais e rodas de conversa.

Corroborando com a discussão encontramos no trabalho de Gomes (2005) a definição acerca desses dois termos que considero pertinentes para uma melhor compreensão. O primeiro termo é o Preconceito racial, que pode ser definido como:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. [...] Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro (Gomes, 2005, p. 54).

Conforme o próprio radical da palavra indica, o PRÉ-conceito consiste em um julgamento antecipado, que não considera os fatos, mas apenas suposições e opiniões infundadas. Além disso, como mencionado, está relacionado à forma como o indivíduo se vê, o que afeta sua interação com os demais. Dessa maneira, o preconceito pode ser considerado

um processo praticado por aqueles que se sentem superiores em relação aos outros. Essa superioridade pode assumir diferentes formas, incluindo a posição social e a questão étnica.

Ainda utilizando Gomes (2005, p. 55), encontramos acerca do termo discriminação o seguinte significado:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.

Ao mesmo tempo em que Gomes (2005) ressalta que a prática de discriminação é uma manifestação do preconceito, ela se preocupa em destacar que não se deve interpretar a discriminação apenas como uma consequência do preconceito. Infelizmente, o conceito equivocado de democracia racial ainda é amplamente difundido na sociedade, ou seja, a ideia de que "se não há preconceito no Brasil, então não há discriminação". Portanto, é importante evitar uma abordagem simplista de causa e efeito, mas sim buscar compreender os processos sociais que levam a essas formas de desigualdade, que são resultantes da falta de respeito pelo outro.

Após ser lançada a questão: Existe preconceito no Brasil? Os estudantes foram estimulados a refletir sobre a maneira como as pessoas negras são percebidas na sociedade. A partir disso, passaram a compreender as diversas diferenças presentes no tratamento cotidiano, no qual essas pessoas são frequentemente acusadas ou rotuladas de forma inferior, levando em consideração apenas características físicas, como cor da pele, cabelo, lábios, entre outros. Em relação a esse racismo estrutural, concordamos com a posição de Gomes (2005, p. 46), que relata:

A questão mais séria é: porque aprendemos a ver o outro e, nesse caso, o negro, como inferior devido a sua aparência e/ou atributos físicos da sua origem africana? A resposta é: porque vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória.

Dessa forma, surge a ponderação acerca das razões que levam muitos indivíduos a enxergarem as pessoas negras com um olhar de subalternidade, perpetuando, desse modo, a mesma perspectiva do sistema econômico capitalista que obriga as/os negras/os a assumirem lugares e posições considerados menos dignos, tais quais as comunidades/favelas, como forma de garantir sua sobrevivência.

A segunda pergunta feita aos estudantes foi: O que é racismo? As respostas das/os estudantes foram concisas, alguns mencionaram até outras questões, como Josafá (15 anos) que afirmou: "O racismo é quando uma pessoa se sente superior a outra com base em sua etnia, cultura e raça." Ao realizar essa afirmação Josafá expõe questões que podem ser encontradas em pesquisas de autoras tais como bell hooks (2023), Lélia Gonzalez (2020), Chimamanda Adichie (2019), Cida Bento (2019), dentre outras.

O sentimento de superioridade foi o motivador para que os europeus se sentissem no direito de escravizar toda uma população com base na ideia de que eles eram menos civilizados, tudo isso também se relaciona com os outros pontos citados pelo estudante, a cultura, etnia e raça. A história da colonização brasileira prova o quanto esses termos estão relacionados e os problemas que foram causados devido a esse sentimento de superioridade. A ideia de que sua cultura era mais civilizada, que seus costumes eram os certos, que a população não-branca deveria passar por processos de educação e civilização, assim como a desumanização dos povos africanos foram legitimados com base nesse mesmo sentimento. Encontramos assim, uma pirâmide de poderes e privilégios dos brancos que até hoje é praticada e encarada de forma positiva pela população dominante.

Respondendo a mesma questão Atena (15 anos) diz: "O racismo é discriminar alguém apenas por sua cor, e não pelo que essa pessoa é." Em sua resposta Atena destaca a cor de pele como sendo um fator crucial para o processo de racismo. Ao realizar tal resposta reforça a ideia de que as pessoas negras carregam estereótipos ao mencionar que a discriminação acontece pela cor "e não pelo que a pessoa é" trazendo à tona os marcadores sociais carregados pela população negra e que tem como consequência o processo de discriminação e racismo, assim como os julgamentos e olhares pejorativas devido ao tom de pele. Nesse contexto, os valores morais, sociais e étnicos são ignorados e deixados em segundo plano, passando por um apontamento discriminatório baseado em seus fenótipos que os coloca em um local de subalternidade.

Zandaya (15 anos) ao responder a mesma questão declara: "Racismo é a discriminação que fazem com pessoas negras." Em sua resposta podemos notar que ela conseguiu realizar uma diferenciação da forma de tratamento recebida pelas pessoas negras e as não-negras apontando o racismo como sendo um problema que afeta diretamente apenas um dos grupos. Ao usar o termo "com pessoas negras" notamos o não pertencimento da jovem ao grupo, o que pode ser confirmado no processo de autodeclaração no qual ela se afirmou branca.

Já Rodrigo (15 anos) traz uma resposta mais ampla acerca do racismo:

O racismo é quando você se sente incomodado com a cor da pessoa e julga ela por ter uma cor diferente. Até os dias de hoje contém racismo, nos lugares, nas ruas, até hoje tem racismo. Achar que pessoas são inferiores só por causa da pele, todas as pessoas deveriam aceitar do jeito que elas são, cor, classe social, vestimentas, não ter preconceito por causa desses fatores, e sim existe racismo no Brasil, eu tenho sangue preto nas minhas veias não julgo e não faço nada pra ninguém por causa da cor, não posso me comparar com pessoas negras não sei a dor deles, todos temos que ser iguais. Sei que antigamente pessoas negras foram escravizadas, foram tratados como pessoas indiferentes por mais de 500 anos.

A resposta de Rodrigo possui muitas camadas que precisamos destrinchar de forma cuidadosa. Na primeira sentença ele fala “O racismo é quando você se sente incomodado com a cor da pessoa e julga ela por ter uma cor diferente.” Nesse trecho Rodrigo menciona dois fatores que segundo ele colaboram para o racismo: O incomodo e o julgamento. Para ele o racismo surge quando uma pessoa não aceita que somos todas/os diferentes, e a presença de uma pessoa com uma pele distinta da dela causa incomodo, esse sentimento por sua vez traz um julgamento de valor, o qual coloca a pessoa negra (segundo os parâmetros dessas pessoas brancas) em um local de inferioridade, criando assim as diversas frases racistas que já foram e continuam sendo ouvidas pela população negra.

Pensado sobre a diferença mencionada na fala de Rodrigo, trazemos à tona o pensamento de Kilomba (2019, p. 21) que enfatiza que “não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação.” Nesse contexto o racismo passa pelo processo do estranhamento do outro, o não reconhecimento ou identificação com seus fenótipos e a partir da diferença gera a discriminação racial.

A seguir encontramos ainda na mesma resposta “Até os dias de hoje contém racismo, nos lugares, nas ruas, até hoje tem racismo.” Em uma única frase Rodrigo repete duas vezes as palavras “até os dias de hoje” ou “até hoje” essa repetição enfatiza o quanto a existência do racismo por tantos anos é frustrante, causa um estranhamento, a sensação de ausência de sentido na permanência desse ato, após isso traz que esse mal se encontra em todos os espaços, “nos lugares, nas ruas.” Em todos os lugares as pessoas negras sofrem com o racismo, o que demonstra o quão danoso é essa forma de pensamento.

Rodrigo continua “Achar que pessoas são inferiores só por causa da pele, todas as pessoas deveriam aceitar do jeito que elas são, cor, classe social, vestimentas, não ter preconceito por causa desses fatores.” Nesse ponto ele traz outras questões pertinentes, o racismo sendo causado por uma sensação de superioridade por parte dos brancos em relação aos negros, assim como demonstra uma relação entre o racismo e o preconceito, ao mencionar fatores que vão além da raça, no caso, classe social e vestimentas.

Depois Rodrigo reafirma a existência do racismo ao mencionar “E sim existe racismo no Brasil, eu tenho sangue preto nas minhas veias não julgo e não faço nada pra ninguém por causa da cor, não posso me comparar com pessoas negras não sei a dor deles, todos temos que ser iguais.” Aqui encontramos o reconhecimento ancestral por parte de Rodrigo ao reconhecer a existência de sangue negro em suas veias, por mais que o mesmo não possua traços negroides compreende que o Brasil é um país miscigenado e dessa forma possui antepassados negros, ao mesmo tempo enxergamos uma empatia ao mencionar que “não posso me comparar com pessoas negras, não sei a dor deles”, essa sensibilidade é crucial para o processo de combate ao racismo, o rompimento com suas ações e práticas.

Quando Rodrigo diz não saber acerca da dor sentida pelas pessoas negras ele está falando sobre uma vivência, uma experiência da qual sendo um jovem com os fenótipos brancos jamais passou, porém, sua fala demonstra um conhecimento sobre as mazelas que o racismo causa na população negra, ao mencionar “a dor deles” isso fica nítido, a população negra segundo Rodrigo sofre a dor causada pelo racismo.

Por fim, Rodrigo demonstra a consciência acerca dos processos históricos que a população negra vivenciou “Sei que antigamente pessoas negras foram escravizadas, foram tratados como pessoas indiferentes por mais de 500 anos.” A compreensão desse processo de escravização da população africana é crucial para o rompimento do racismo. Para esse estudante a causa desse processo é o sentimento de indiferença. No entanto, essa mesma indiferença que foi usada no passado para a realização do processo de escravização ainda permanece presente para a manutenção do racismo. O período colonial no Brasil durou entre os séculos XVI e XIX correspondendo a mais de 350 anos, que foi o período no qual indígenas e negros sofreram com a escravidão. No entanto, as consequências que foram geradas por esse período ainda podem ser sentidas, pois não houve um processo de integração da população negra a sociedade, a chamada liberdade que foi concedida era apenas no papel, não sendo realizadas medidas públicas para uma efetiva inclusão das/os negras/os na sociedade (Bento, 2019).

É possível notar nas respostas dessas/es estudantes um entendimento sobre o racismo e as consequências que por ele são geradas. “Racismo é quando a pessoa é tratada com indiferença só por causa da cor, e hoje em dia quem comete racismo é preso e é mais do que justo.” (Felipe, 15 anos). Em sua explicação Felipe, traz características do racismo, destacando uma forma de tratamento indiferente devido a cor da pele. Apesar de reconhecermos que no Brasil a cor da pele é um dos principais marcadores para o processo de racismo ele não existe de forma isolada, pois, outros fenótipos também são considerados como motivadores para esse processo. Textura dos cabelos, formato do nariz, lábios, formato do corpo, todos esses fatores

de forma isolada e conjunta criam os fenótipos que são criticados por aquelas/es que defendem um padrão de beleza europeu. Como consequência dos atos de racismo Felipe demonstra conhecimento sobre a existência de leis que caracteriza esse ato como crime. Apesar de não ter sido citadas por ele temos duas leis que tratam de forma direta esse crime. A Lei 7.716/89 que pune os atos de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, assim como a Lei 14.532/2023 que equipara a injúria racial ao crime de racismo. Ao finalizar sua resposta com a frase “que é mais do que justo” é possível perceber que Felipe reconhece o quanto que o racismo tem sido prejudicial para as pessoas negras e a necessidade que sua prática seja combatida e encarada como crime.

Respondendo a mesma questão trazemos a fala de Luka (14 anos) que declara “Racismo pra mim são pessoas que não aceitam as cores de pele serem diferentes que discriminaliza e dizem isso e aquilo.” A diversidade étnica/racial mais uma vez é posta pelas/os estudantes, nesse aspecto Luka enfatiza a falta de aceitação para com as diferentes cores de pele e como consequência a discriminalização das pessoas negras. Além disso, um ponto que merece observação é o processo de personificação do racismo, ao dizer “são pessoas” Luka deixa exposta a ideia de que o racismo é gerado por um grupo específico, quando na realidade é um problema estrutural, sendo realizado de forma social o que por consequência dificulta seu combate. Ao dizer “e dizem isso e aquilo” Luka deixa um espaço para uma variedade de falas, frases, termos que comumente são utilizados para com as pessoas negras de forma prejudicial, nesse mesmo ponto podemos citar desde palavras ofensivas nas quais diminui a humanidade das pessoas negras ao comparar com animais, e do mesmo modo frases que as rotulam como feios, fedidos, que questionam a capacidade cognitiva e a civilidade ao rotular, por exemplo, como sendo barraqueiros, grosseiros, dentre outros.

Encontramos na resposta de Jeromy (15 anos) alguns aspectos que devem ser analisados. Segundo ele “O racismo é fazer outro inferior pela sua cor ou seu jeito de ser.” Partimos do verbo utilizado no início da sentença, fazer. Ao utilizar esse verbo ele afirma que o ato do racismo não é natural, mas uma prática aprendida e posteriormente realizada com base em uma ideia de superioridade racial. Jeromy também enfatiza a cor como sendo um dos marcadores genéticos que influência nesse ataque, no entanto, destaca que o racismo não se limita a cor de pele. Adiante, ao mencionar “seu jeito de ser” podemos identificar a existência de outros aspectos que são utilizados como justificativa para o racismo, tais como, vestimentas, estilo de cabelo, escolha musical, ou seja, todo comportamento e aparência que se distancia do que é considerado como aceito e “correto” pelo modelo da hegemonia branca.

Tratando sobre a mesma questão trazendo por último a resposta de Luna (15 anos) “Para mim, é desrespeito que as pessoas tem com pessoas negras, ao ponto de excluir elas de tudo.” Desrespeitar é segundo o dicionário *Oxford Languages* sinônimo de desconsiderar, o que implica em uma forma de agir que ignora as individualidades, as diferenças, a aparência, a história do outro, nesse caso, o outro refere-se a pessoa negra, encarada como o outro desde o processo de colonização europeia que impunha seu modo de ser e crer como civilizado e rotulava os demais como não-civilizados (Bento, 2019). Ser o outro nesse aspecto como posto por Luna é estar sujeito ao processo de exclusão, “ao ponto de excluir elas de tudo”. Não obstante essa fala remota a forma que os cargos de maior prestígio são ocupados, o processo de exclusão das pessoas negras é visível nesses espaços.

Acerca dos conhecimentos demonstrados pelas/os estudantes nos questionamos suas origens. Seriam resultado das aulas, das informações das redes sociais, das conversas em família, dos encontros com os amigos, dos noticiários de TV ou dos estudos? Não somos capazes de responder, mas o que é evidente é que há uma variedade de conhecimentos por parte deles. No entanto, até que ponto esse conhecimento pode ser reflexo e expressão do reconhecimento étnico-racial? Uma coisa é ter conhecimento sobre a existência e a importância de combater o racismo, outra bem diferente é o autoreconhecimento como uma pessoa negra.

Ao indagarmos a turma sobre sua autoidentificação como negra/o, não obtivemos nenhuma resposta afirmativa. Porém, quando questionamos se alguém se considerava branca/o, uma aluna ergueu a mão. Naquele momento, cometemos o equívoco de não perguntar se alguém se autodeclarava como pardo. Apesar da falta de respostas, procuramos mostrar aos estudantes que não se identificarem como negras/os não era surpreendente, pois nós mesmas passamos muitos anos sem nos identificar dessa forma. Apresentamos à turma diversos motivos para isso, incluindo o preconceito e a associação do preto a aspectos ruins, algo tão arraigado na sociedade que prejudica diferentes esferas.

O feminismo Negro não trabalha com as questões raciais de forma isolada, por isso é necessária a compreensão sobre outros acúmulos que podem influenciar no racismo, Entre as diversas falácias apontadas pelo racismo se encontra a da que a que classe supera a cor de pele, Como será abordado a seguir, a classe tem sim seu grau de relevância na forma que o racismo é sentido, mas ela não impossibilita que ele aconteça

### **3.2. A que classe você pertence?**

Mas eu só quero  
Educar meus filhos  
Tornar um cidadão

Com muita dignidade  
Eu quero viver bem  
Quero me alimentar  
Com a grana que eu ganho  
Não dá nem pra melar  
E o motivo todo mundo já conhece  
É que o de cima sobe e o de baixo desce

(As meninas - Xibon Bombom, 1999)

O trecho da música que trazemos para iniciar esse tópico Xibon Bombom, da banda As Meninas, foi um grande sucesso nos anos 2000 e sem dúvidas a sua letra trazia muito mais que uma boa melodia e ritmo de dança, a crítica social sobre as desigualdades sociais é encontrada em cada estrofe, a mãe sujeito eu lírico da música é o retrato da mulher brasileira que trabalha o mês inteiro, ganha pouco, mas que tem o grande desejo de ver seus filhos viverem com dignidade, para além disso, a música aponta as causas dessa problemática ao dizer “E o motivo todo mundo já conhece é que o de cima sob e o de baixo desce”, a manutenção da estrutura social que sufoca cada vez mais a classe trabalhadora como forma de enriquecimento da classe dominante.

A ausência de condições financeiras causadas por uma sociedade desigual, na qual o sistema capitalista se alimenta da pobreza da maior parte da população com trabalhos pouco remunerados e grandes horas de execução faz com que o poder de compra da classe trabalhadora seja limitado, soma-se a isso o racismo estrutural e encontramos o cenário no qual a maior parte dos brasileiros afrodescendentes se encontram.

Encontramos na letra da música uma crítica as desigualdades sociais, que faz parte do conceito que será abordado a diante, ou seja, classe.

Dia 26 de abril. Tema: Classe. Como não foi possível exibirmos o documentário *Vista minha pele*<sup>21</sup>, para termos a oportunidade de apreciar essa obra e realizarmos uma análise discursiva. Antes da exibição do documentário, instruímos as/os estudantes a fazerem anotações sobre os pontos que mais chamassem sua atenção. Após a exibição, realizamos uma roda de conversa que começou com a pergunta *A representatividade importa?*, a partir dessa pergunta, discutimos sobre diversos temas, como representatividade, luta de classes, meritocracia, igualdade e diversidade.

Foi discutida com a turma a importância da diversidade de corpos e biótipos em meios como redes sociais, novelas, filmes e revistas, no que se refere ao tema da representatividade.

---

<sup>21</sup> O filme "Vista minha pele", criado pelo MEC, aborda a questão do preconceito racial. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Lançamento: 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>>. Acesso em 15 de Março de 2023.

Entretanto, é fundamental destacar que, mesmo sendo necessária, a representatividade não pode ser vista como o objetivo final, pois muitas vezes é utilizada como justificativa para a meritocracia, a ideia de que as pessoas devem e podem conseguir as coisas por meio de seus próprios esforços. Devemos celebrar a presença de escritoras negras e mulheres em posições de liderança, por exemplo, mas também reconhecer que essas pessoas são usadas como exemplos de superação, o que cria a falsa ideia de que qualquer um poderia alcançar o mesmo. Nesse sentido, é importante compreender que nossa luta não deve se limitar apenas à representação, mas sim a um processo de mudança estrutural.

Sobre as lutas de classe, utilizamos o próprio documentário *Vista minha pele* como referência para discutir as disparidades entre os dois grupos representados. Por um lado, na ficção havia as pessoas negras que detinham maior poder financeiro, enquanto por outro lado, as pessoas brancas eram retratadas como carentes e em busca de ascensão social. Abordamos com a turma essas diferenças e os conflitos resultantes, bem como as dificuldades enfrentadas por cada grupo na vida, levando-os a refletir sobre o impacto direto e indireto desse processo. Fome, analfabetismo, salários baixos, insegurança alimentar e outras questões foram mencionadas.

Para abordar a questão da meritocracia, utilizamos pequenas narrativas como ilustração. Realizamos um exercício de imaginação com as/os estudantes, no qual eles pensavam em duas pessoas com o mesmo sonho, cursar medicina (escolhemos esse curso como exemplo por ser elitizado e muito valorizado), mas com condições de vida completamente opostas. De um lado, havia um jovem que era filho único e vivia com os pais. Ele tinha uma casa confortável, com um quarto equipado com ar-condicionado, acesso a uma boa internet, livros, computador, funcionários para realizar as tarefas do dia a dia e nenhuma preocupação financeira. Sua única responsabilidade era estudar, e para isso, ele dedicava de 10 a 12 horas diárias aos estudos, não se preocupando nem mesmo com suas refeições, pois elas eram servidas em seu quarto.

Do outro lado, havia um jovem que era o mais velho de quatro irmãos e não tinha um quarto próprio, tendo que dormir com seus irmãos ou na sala. Ele acordava todos os dias às 5h da manhã e pegava ônibus para ir ao trabalho, onde ficava até às 18h. Durante o horário de almoço, ele comia rapidamente e utilizava o tempo restante para estudar. Ao chegar em casa, ele realizava as tarefas domésticas junto com sua mãe que também trabalhava fora de casa e seus irmãos mais novos, preparava o jantar e preparava sua marmita para o dia seguinte. Depois disso, por volta das 23 horas, se dirigia à sala de estudos e ficava lá até as 2 ou 3 da madrugada.

Após compartilhar essa história, perguntei à turma se ambos tinham as mesmas chances de serem aprovados no vestibular de medicina. A turma reagiu negativamente, concluindo que

embora ambos estivessem se esforçando, suas realidades eram distintas e isso afetava o resultado. Destaquei que acreditar que apenas o esforço individual do exemplo 2 era suficiente para passar no vestibular de medicina seria uma grande mentira.

Sobre igualdade e diversidade mencionamos que são duas categorias que caminham juntas. Comentamos com a turma a necessidade de se respeitar as diferenças e que não somos todas e todos iguais como muitos pregam, mas que somos diferentes e essas diferenças ou seja a diversidade precisa ser trabalhada e valorizada. Ainda sobre a temática classe, foi possível mostrar às alunas e aos alunos que existem diferenças desde a forma de tratamento para com pessoas ricas ou pobres, do mesmo modo de pessoas brancas ou pretas/negras.

Como forma de conclusão da roda, solicitamos que realizassem a resposta à pergunta: “Você já foi impedido de fazer algo por conta de sua cor de pele ou classe social?”. Essa pergunta foi realizada com o intuito de que os estudantes pudessem realizar uma associação entre esses dois conceitos, raça e classe e notassem que em muitos aspectos os dois estão interligados, principalmente quando se fala sobre racismo.

Possibilitando que as alunas e alunos entendessem de forma prática essas questões citamos dois exemplos de racismo que aconteceram com pessoas negras, uma milionária e outra que possui um cargo de importância, ambas mulheres e que foram vítimas de racismo em lojas. A primeira é a norte-americana Oprah Winfrey, apresentadora conhecida internacionalmente e que sofreu racismo em uma loja no seu país. A outra é uma mulher Latino Americana, afro-brasileira, delegada que sofreu racismo também em uma loja. O questionamento girou em torno de “O que ambas possuem em comum? Vocês acham que elas estavam vestidas de forma simples e por isso foram tratadas dessa forma?”.

É necessário que adquiramos uma compreensão acerca dos acúmulos que resultam em malefícios sociais. Quando refletimos sobre uma pessoa de etnia negra e condição econômica desfavorecida, ela carrega duas adversidades, as quais são o racismo e a desigualdade de classe. Dessa maneira, a classe social pode intensificar o processo discriminatório, pois uma pessoa negra e pobre estará mais suscetível a um sistema excludente. No entanto, uma pessoa negra e rica continua enfrentando o racismo, porém terá acesso a outros espaços e mecanismos de proteção. Desta forma, a combinação de questões como raça e classe faz com que uma pessoa negra experimente injustiças sociais de maneiras mais devastadoras.

Ao iniciarmos a leitura das respostas à pergunta: Você já foi impedido de algo por conta da sua cor de pele ou classe social? Ficou evidente que a maioria dos estudantes sequer considerou a primeira parte da pergunta. Ao responderem a segunda parte, muitos mencionaram privações relacionadas principalmente ao lazer, como a capacidade de viajar com a família e

possuir certos produtos. Contudo, algumas respostas abordaram questões como a impossibilidade de frequentar uma escola particular, a falta de oportunidade para adquirir uma casa própria e até mesmo a restrição no consumo de certos alimentos.

Acerca da pergunta, “Você já foi impedido de algo por conta da sua cor de pele ou classe social?” Obtivemos as seguintes respostas. “Não, mas essa situação deve ser muito constrangedora.” Atena (15 anos) é uma jovem branca e dificilmente passaria por alguma situação constrangedora por questões raciais, no entanto, por se tratar de uma jovem que mora e estuda em bairro periférico isso poderia acontecer em relação aos impedimentos financeiros, ao mencionar que não passou por nenhuma situação isso demonstra que possui uma estrutura familiar que lhe proporciona tudo que ela considera como necessário, ou uma estrutura que a mantém ciente do local social que ela ocupa e com isso acaba não almejando coisas que são fora do contexto social que pertence.

Ao utilizar a palavra constrangedora ao se referir ao sentimento gerado por essa situação, Atena (15 anos) demonstra que se encontra local, não se trata de uma jovem que necessita trabalhar e estudar, por exemplo, não é uma jovem que seria seguida em uma loja ou confundida com a atendente do supermercado, afinal, quando se trata de casos em que uma pessoa negra é impedida de realizar alguma coisa em detrimento de sua cor ou classe social o sentimento é além, trata-se de uma vergonha, uma humilhação.

“Não teve nenhuma situação que eu lembre.” Zandaya, (15 anos). A jovem Zandaya se autodeclarou branca e ao mencionar a não existência de nenhuma situação que a tenha causado constrangimento devido sua cor ou classe ela reforça o local de privilégio que as pessoas brancas carregam. Desde a infância as crianças negras passam por uma série de privações, algumas delas simples, mas que não deixam de ser marcantes. Não poder usar certas roupas ou corte de cabelo para não ser confundido com algum bandido, não poder realizar a compra de um produto no mercado e sair sem a sacola para não ser parado pela segurança, são recordações que uma grande parte das crianças negras carregam, em contrapartida, as crianças brancas crescem com o sentimento de liberdade, o ir e vim para elas é natural, não são postas barreiras pela família como medida de segurança e nem pela sociedade causadas pelo racismo.

“Uma fazenda, uma Dolge Ram e mil cabeças de gado.” Angel (17 anos). Angel por outro lado já traz a ausência de diversos privilégios que são comuns para aquelas/es que nascem na classe dominante, que fazem parte do grupo dos donos de terra, fazendeiros, agricultores rurais. As coisas citadas por essa jovem demonstram que ela entende o poder que o agronegócio possui e o quanto que tais recursos causam um impacto no *status* social. Terras, automóvel de

luxo e gado, sem dúvidas a trindade do que podemos considerar o símbolo do agro e de forma subliminar ou não, símbolo dos trabalhos análogos a escravidão

Angel se autodeclara parda, e usa como justificativa que sua pele não é nem branca e nem preta, dessa forma ela traz a necessidade de se enquadrar em um meio termo. No entanto, ela possui características de uma pessoa negra e poderia ser considerada preta por muitos. Consideramos interessante esse fato, pois, suas escolhas no que diz respeito a privações como já mencionado tem relação com um espaço de poder, um local que era e ainda continua sendo encarado diversas vezes como símbolo de exploração. O desejo de uma jovem preta é de forma inconsciente sair da favela (senzala) e ter acesso as fazendas (casa grande).

“Eu já fui privado de estudar em uma escola pois era muito cara.” Jeromy (15 anos). A resposta desse jovem já tem relação com a educação. Seu desejo era a possibilidade de estudar em uma escola particular, no entanto devido aos custos, sua família não tinha condições de atender seu desejo. A ideia de estudar em um local diferente, em uma escola particular pode parecer para esse jovem uma oportunidade, afinal, se por um lado a educação pública é encarada por muitos como atrasada, bagunçada, a ideia de que as escolas particulares passam é a de organização e maior absorção de conhecimentos. O público e o privado por diversas vezes passam por esses processos de comparação e a escolha daqueles que possuem um maior poder econômico prevalece na esfera privada. Desse modo, ao desejar estudar em uma escola particular Jeromy estava almejando oportunidades educacionais melhores, mas também a possibilidade de ter acesso ao que comumente é ofertado aos jovens brancos. A escola particular para esse jovem seria uma conquista, até mesmo um *status*, não seria mais um jovem de escola pública que infelizmente, passa uma parte do ano sem todos os professores, sem ter determinados conteúdos, mas seria um jovem com a oportunidade de aprender o mesmo que os jovens que são oriundos de uma família com condições sociais melhores.

Já Luna (15 anos) traz uma resposta um pouco diferente de seus colegas: “Eu nunca fui do tipo que pedia coisas caras, eu pedia coisas simples, e quando eu não pedia meus pais e meus avós me davam de presente, quando eu pedia alguma coisa e não tinha como meu país me dá eles demoravam, mas sempre me davam”. No início de sua resposta Luna menciona “Eu nunca fui de pedir coisas caras, eu pedia coisas simples” essa resposta demonstra uma consciência acerca das condições financeiras de seus pais, ao falar que não pedia coisas caras, mas coisas simples ela demonstra uma compreensão acerca dos custos das coisas e uma noção de realidade, não é rica, então não pede coisas caras que seriam de pessoas ricas.

Após isso ela diz “quando eu não pedia meus pais e meus avós me davam de presente.” Aqui encontramos a rede de apoio familiar sendo posta como relevante para esse processo de

adquirir produtos/presentes. A seguir ela conclui “quando eu pedia alguma coisa e não tinha como meu pai me dá eles demoravam, mas sempre me davam.” Nesse ponto Luna mostra a necessidade da espera, pois sendo ela filha de pessoas que não possuem uma grande condição financeiras muitas coisas que ela desejava precisavam de tempo para serem providenciadas. O tempo de espera se dá devido a necessidade de juntar o dinheiro, ou quem sabe liberar o cartão de crédito para até mesmo poder parcelar. Apesar de em sua resposta Luna não falar diretamente acerca de privações ela consegue deixar nítido que se trata de uma jovem filha da classe trabalhadora e que possui consciência disso.

As questões de estrato social, portanto, por si só, já possuem a capacidade de restringir indivíduos em variados aspectos de suas vidas, causando-lhes uma privação. O que esses estudantes não conseguiram perceber ao realizar essa escrita é que, em sua maioria, compartilham a raça como um traço em comum, mesmo sem uma identificação direta com ela. O sistema os classifica como tais, e com isso acabam sendo condicionados a certos ambientes e estilos de vida.

Não se deve, portanto, cair no equívoco de que quando uma pessoa é abastada passa a ser vista como caucasiana. O ocorrido é que quando um indivíduo negro atinge certas condições financeiras, certas oportunidades se abrem para ele, porém, a qualquer momento, ele não deixa de ser considerado uma pessoa de pele negra. A discriminação racial pode ser experimentada independentemente da posição social que se ocupa, mas dependendo da classe social em que se está inserido, ela pode ser mais ou menos agravante (Bento, 2019).

Nesse mesmo dia, foi exibido o curta-metragem *Vista minha pele*, com seu auxílio, os estudantes tiveram a oportunidade de constatar como seria se o racismo fosse invertido, se ao invés dos negros terem sido escravizados, essa situação tivesse ocorrido com os brancos. Foi extremamente interessante presenciar a expressão de inquietação e surpresa por parte das/os estudantes ao visualizarem na tela imagens que podem ser consideradas comuns para os estudantes afrodescendentes, mas que neste filme foram apresentadas de forma contrária. Não se tratava, porém, do que alguns insistem em denominar como racismo reverso, distante disso. O curta-metragem proporcionou de maneira bastante didática à turma a compreensão dos danos causados pela escravidão na comunidade negra e de como os brancos foram amplamente beneficiados e, conseqüentemente, colocados em posições de privilégio e poder.

Apresentamos a declaração a seguir uma declaração acerca do curta-metragem. "Em vista minha pele o preconceito é o oposto da vida real, quem sofre é uma pessoa branca onde o padrão é ser negro e também podemos ver que tem diferente tipos de classe social.", comenta Angel, ressaltando questões relevantes. Em primeiro lugar, é evidente a existência e o

reconhecimento, por parte da aluna, de um padrão de beleza imposto na sociedade pelos indivíduos de pele branca. Em segundo lugar, observamos que tal padrão também resulta em desigualdades sociais, representadas pelas divisões de classe

Foi interessante observarmos que a turma demonstrou grande atenção às questões apresentadas, sendo perceptível que perceberam a existência de uma conexão entre o *status* social e a tonalidade da pele. No curta-metragem, os indivíduos de ascendência afrodescendente eram retratados por personagens que desfrutavam de uma significativa prosperidade financeira, exercendo profissões como empresários, médicos, advogados e engenheiros, todos ocupantes de cargos prestigiosos. Eles tinham a oportunidade de viajar e conhecer diferentes partes do mundo, enquanto os personagens caucasianos viviam em comunidades carentes, residindo em habitações modestas e dedicando-se a trabalhos manuais, valorizados negativamente. A troca de perspectivas proporcionada pelo filme não apresentou dificuldades para o entendimento da turma, que conseguiu estabelecer paralelos entre o enredo abordado e a realidade social na qual estamos inseridos.

### 3.3. Será que somos todas e todos iguais?

Nós é as preta foda do clipe  
 Mas não é a que eles pede em casamento  
 Eu não quero atacar ninguém  
 Mas sim aumentar a autoestima das pretas  
 Porque numa sociedade racista  
 Quando ataca, nós somos as primeiras  
 Uma preta foda milionária posta um *stories* toda chateada  
 Chorando em rede nacional que ela queria apenas ser amada  
 Eu pergunto pra minhas amigas se elas que chega nos cara  
 Elas responde: Não, amiga, não quero levar um fora na  
 minha cara  
 A solidão da mulher preta é foda  
 Vocês não vão entender  
 Os cara vem: O amor não tem raça, na ponta da língua pra  
 nos responder  
 Mas é tudo manipulado  
 É sério que vocês não veem?

(MC Sofia - Meu lugar de fala, 2021)

As formas de tratamentos para com as pessoas negras e não negras são distintas e quando se trata de relacionamentos amorosos essa relação também é marcada pelo racismo. No trecho escolhido da rapper Mc Sofia<sup>22</sup> Lugar de fala, ela aponta a solidão da mulher negra como

---

<sup>22</sup> Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, mais conhecida como MC Soffia, é uma rapper, cantora e compositora brasileira. É conhecida pelas letras de suas canções, que falam sobre distorções sociais graves, como preconceito,

uma das consequências do racismo. Essa ausência de relações afetivas é marcante na vida das mulheres negras, especialmente as que são mais retintas. Por isso, falar acerca da temática de gênero na introspecção do que tange o feminismo negro é não apenas retratar as diferenças salariais, as formas que são tratadas no cotidiano, mas também confrontar com a falácia da democracia racial e reafirmar as críticas feitas por Lélia Gonzalez (2020) acerca dos locais e forma de tratamento destinadas as mulheres negras que circula entre a mucama, a mulata, a mãe preta e a empregada doméstica.

O modelo vigente da sociedade dificulta que as mulheres negras consigam sair desses eixos, que se tornem mais que mães solteiras e trabalhadoras braçais, ao romantizar a maternidade e solidão das mulheres negras com frases que as coloca como “guerreiras”, “batalhadoras”, “fortes”, e até mesmo “independentes” reforça esse modelo e a ideia de que não precisam de um companheiro, que são apenas reprodutoras, a ausência de atenção e cuidados são normalizados e encarados como uma prática passível diante das diferenças étnicas. Nesse contexto perdem o *status* de mulher, sendo encaradas apenas como objeto sexual.

Tratando-se das questões de gênero, as mulheres pretas se encontram em um lugar de exclusão, como foi posto pela música de Mc Sofia, não somos as preferidas quando o assunto é relacionamento, mas a utilização dos corpos negros como produto de sexualização, encarados como responsáveis unicamente para dar prazer. As desigualdades sexuais, afetam diretamente as mulheres pretas, e tendo esse contexto em mente que realizamos como última roda de conversa o debate acerca do tema Gênero.

No dia 27 de abril, ocorreu o terceiro encontro. O assunto abordado foi Gênero. Com o intuito de explorar as disparidades no tratamento de mulheres negras e brancas, promovemos a recitação de dois poemas. O primeiro deles foi: “Me gritaram negra”, de Victória Santa Cruz<sup>23</sup> (1960), o qual nos permitiu refletir sobre o impacto do olhar do outro sobre nós. Recorrendo a esse poema, as/os estudantes foram encorajados a perceber a construção da identidade negra e suas consequências. A valorização e aceitação de suas características físicas, suas ancestralidades, o amor pelos cabelos e a rejeição de rituais de beleza impostos como obrigatórios para serem aceitas/os foram considerados nesse contexto.

---

racismo, machismo e que incentivam outras garotas a se amarem do jeito que são. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/MC\\_Soffia](https://pt.wikipedia.org/wiki/MC_Soffia)>. Acesso em: 22 de Dez. 2023.

<sup>23</sup> Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra foi uma poeta, coreógrafa, folclorista, estilista e ativista afro-peruana. Junto com seu irmão, Nicomedes Santa Cruz, ela é considerada significativa em um renascimento da cultura afro-peruana nos anos 1960 e 1970. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Victoria\\_Santa\\_Cruz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Victoria_Santa_Cruz)>. Acesso em 22 de Dez. 2023.

A segunda poesia/música escolhida foi “Mulata exportação” de Elisa Lucinda<sup>24</sup> (1995), o qual levantou questionamentos sobre a forma como a mulher negra é sexualizada, sendo posta na posição de “outra”<sup>25</sup> trazendo à turma a problemática da objetificação da mulher negra e como consequência a solidão afetiva por ela vivenciada, ou seja, a dificuldade em ser reconhecida, valorizada e respeitada para além do corpo. Através do poema, foi possível observar nos rostos dos estudantes uma expressão de indignação, principalmente por parte das meninas, que ao refletirem sobre o poema mencionaram que a maneira como o homem trata a mulher é como se tivesse a chamando de prostituta.

Partimos então para um debate acerca disso e as motivações que encontravam para esse tipo de abordagem estarem ocorrendo com a mulher do poema, refletimos sobre alguns trechos e com isso a turma chegou à conclusão de que havia uma questão racial envolvida. Dessa forma, concluímos os três pilares do feminismo negro, gênero, raça e classe. Por fim, fiz a seguinte pergunta: Quais as diferenças de tratamento podem ser observadas na nossa sociedade entre as pessoas negras e não negras? Na sua opinião, essa diferença é maior entre mulheres negras?

Quando indagados sobre as discrepâncias no tratamento dispensado a indivíduos negros e não negros, especialmente no que se refere às mulheres, foi notável o elevado número de jovens que citaram a liberdade de circular em locais comerciais. Enquanto as mulheres não negras tinham a liberdade de caminhar despreocupadas, as mulheres negras conviviam com a constante possibilidade de serem vistas como potenciais infratoras. Tal fato foi mencionado pelos estudantes de diversas maneiras, incluindo até mesmo a questão das vestimentas, que não eram consideradas como algo capaz de proteger uma pessoa negra desse tipo de constrangimento. Acerca da questão destacamos a fala de Atena (15 anos).

As diferenças são muitas, mas uma das principais é a forma do tratamento, nunca iremos ver uma mulher branca bem vestida sendo seguida em uma loja em comparação se uma mulher negra entra em uma loja independente de sua roupa ela continua tendo a chance de ser seguida então na minha opinião sim, a diferença é maior sim

De acordo com a fala de Atena existem muitas diferenças entre as mulheres negras e mulheres brancas, ela menciona “As diferenças são muitas, mas uma das principais é a forma

---

<sup>24</sup> Elisa Lucinda Campos Gomes ORB é uma atriz, poetisa, escritora e cantora brasileira. Reconhecida no meio musical e de atuação por seus trabalhos em cinema, televisão e teatro, é vencedora de um Kikito do Festival de Gramado por Por que Você Não Chora? e um Troféu Raça Negra, na categoria Teatro. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Elisa\\_Lucinda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elisa_Lucinda)>. Acesso em 22 de Dez. 2023.

<sup>25</sup> A outra nesse caso trata-se da amante, uma mulher que o dominador desejava possuir apenas para atos sexuais, mas sem a menor intenção de assumir diante da sociedade, ou seja, a mulher negra é retratada apenas como um objeto sexual.

de tratamento”, a jovem inicia sua fala afirmando que existe disparidade na forma de tratar as mulheres, e que essas diferenças possuem como marcadores não apenas as questões sociais. Atena continua “nunca iremos ver uma mulher branca bem vestida sendo seguida em uma loja” aqui Atena destaca o valor do visual, a aparência, como ela impacta na forma que as pessoas tratam as outras, nesse aspecto ela menciona a existência de um sentimento de confiabilidade/credibilidade que uma pessoa branca consegue passar pelo simples fato de estar bem vestida, no entanto ela continua “se uma mulher negra entra em uma loja independente de sua roupa ela continua tendo a chance de ser seguida” se por um lado as vestimentas de uma pessoa branca podem ajudar no processo de confiança, esse mesmo sentimento não é nutrido por uma pessoa negra com base apenas em suas vestimentas, estar bem vestida por mais que colabore para uma melhor forma de tratamento não impede que o racismo aconteça, ou seja, não se trata apenas de uma questão de classe, mas a raça possui um peso nesse processo. Após mencionar tais argumentos, Atena conclui dizendo que “então na minha opinião sim, a diferença é maior sim.” Ou seja, para ela, existem diferenças e elas estão relacionadas ao gênero, raça e classe.

Tratando acerca dessa mesma questão, trazemos a fala de Zandaya (15 anos) que realiza uma análise sobre as dificuldades que são enfrentadas pelas mulheres negras no cotidiano.

Na minha opinião as mulheres negras tem mais dificuldade de vida, por causa da sua cor, muitas das vezes vão na rua à procura de emprego e não conseguem, por muitos estabelecimentos só aceitam pessoas brancas de vestes legais, já as pessoas não negras não tem tanta dificuldade assim.

Zandaya inicia sua resposta apontando que “as mulheres negras tem mais dificuldades de vida, por causa da sua cor” é válido trazer essa fala da jovem, pois ela, menciona de forma direta as diferenças raciais como sendo uma questão que causa dicotomia nas relações sociais. É interessante observar que ela usa a frase “dificuldades de vida” o que faz com que se abra a possibilidade para entender que as problemáticas enfrentadas são de diferentes âmbitos, e isso pode ser provado com a continuação de sua fala. “Muitas das vezes vão na rua à procura de emprego e não conseguem, por muitos estabelecimentos só aceitam pessoas brancas de vestes legais”, encontramos nessa fala uma das dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras com um recorte social, pois são pessoas negras que não possuem condições financeiras para comprar roupas que podem ser consideradas modernas ou como diz a jovem “legais”, a não entrada no mercado de trabalho é apontada nessa resposta como causada por preconceito racial e isso se confirma quando ela diz “já as pessoas não negras não tem tanta dificuldade assim.” Ao realizar essa afirmação Zandaya demonstra mais uma vez que existem diferenças nas formas de

tratamentos para com as pessoas negras e as não negras, nesse caso sendo responsáveis até mesmo pela dificuldade de exercerem certas funções e cargos, ou seja, a aparência é levada em consideração e não somente as vestimentas são observadas, mas a cor da pele.

A fala de Rodrigo (15 anos) aponta outras questões que merecem destaque. “Acho que as mulheres negras não recebem o tratamento igual a uma mulher não negra vejo esse tratamento inferior nas pessoas principalmente os homens que as enxergam para relação sexuais, mulheres não negras quando chegam nas ruas não tem a mínima chance de sofrer racismo”. O estudante acredita nas diferenças de tratamento entre as mulheres negras e não negras e aponta que nas relações amorosas as mulheres negras acabam sendo deixadas de lado, sendo lembradas apenas quando diz respeito a questões sexuais, para além disso, o jovem também destaca que as mulheres brancas não enfrentam esse problema, ao mencionar que “mulheres não negras quando chegam nas ruas não tem a mínima chance de sofrer racismo.”

Ao realizar essa fala Rodrigo traz à tona a problemática da sexualização da mulher negra, que é abordada por bell hooks (1995) na qual menciona que essa estratégia foi adotada como forma de desumanizar as mulheres negras escravizadas e que eram estupradas, usavam assim a justificativa de que possuíam uma sexualidade aflorada. Essa forma de pensamento foi modificada, mas ainda permanece no imaginário e sociedade brasileira. A ideia de que as mulheres negras são para o sexo e as brancas para o casamento (Pacheco, 2008), o que gera como consequência a solidão da mulher negra.

“Muitas vezes tem sim diferença de tratamento alguma das vezes as mulheres negras são seguidas pelas lojas sem nenhum motivo e tratadas de forma diferente em alguns aspectos. Sim é mais. Luiza (14 anos)” A resposta de Luiza diz respeito a uma situação que é comum de acontecer com pessoas negras, serem seguidas em uma loja, “confundidas” com os funcionários, ou apenas observadas para não furtarem nada, afinal, ter uma pessoa negra em um estabelecimento para muitas pessoas é sinônimo de alerta. Ao mencionar “as mulheres negras são seguidas pelas lojas sem nenhum motivo” Luiza realizou um recorte racial, não são todas as mulheres que correm o risco de serem seguidas, existe um tipo específico, um padrão que é encarado como suspeito.

Sim, pessoas negras são mais perseguidas, tanto homens quanto mulheres, mas mulheres são mais perseguidas, tipo antigamente os homens brancos achavam que mulher negra tinha que ser deles mesmo eles já tendo uma esposa, Pessoas negras são seguidas na rua, as pessoas desconfiam discriminam apenas pelo fato da diferença da cor da pele. (Luka, 14 anos)

De acordo com a fala de Luka (14 anos), as “pessoas negras são mais perseguidas, tanto homens quanto mulheres, mas mulheres são mais perseguidas.” Apesar de ter usado a palavra

perseguidas podemos tranquilamente substituir por oprimidas, os processos de racismo que os homens e mulheres negras/os sofrem são semelhantes em alguns aspectos, mas as opressões das quais as mulheres negras enfrentam são mais acentuadas devido o sistema patriarcal, que coloca as mulheres em uma condição de maior precariedade e vulnerabilidade social.

Para além disso ele continua “tipo antigamente os homens brancos achavam que mulher negra tinha que ser deles mesmo eles já tenso uma esposa.” Essa fala de Luka não pode ser interpretada como uma poligamia, pois de forma alguma os homens brancos encaravam essas mulheres negras como dignas de serem suas esposas, os processos que por eles eram realizados como forma de obter essas mulheres era o estupro, o que só demonstra o quão desumana era a relação deles para com as mulheres negras, não consideravam essas mulheres como seres humanos, as tratando de forma animalesca, sem humanidade e dignidade.

Por fim o jovem relata “Pessoas negras são seguidas na rua, as pessoas desconfiam discriminam apenas pelo fato da diferença da cor da pele” (Luka, 14 anos). De acordo com sua fala a simples presença de uma melanina negra na pele já coloca as pessoas negras em uma posição ruim, são encaradas como perigosas, suspeitas, e por isso seguidas quando estão em uma loja, as pessoas desconfiam quando estão andando nas ruas e tudo isso baseado na cor de pele. Desse modo, ser uma pessoa negra é carregar estereótipos que fazem com que uma parte da sociedade o discrimine e se sinta inseguro em simplesmente estar próximo.

Destacamos também a fala de Angel (17 anos) “Sim, os olhares das pessoas de desprezo para uma pessoa negra o modo que são tratadas”. Em sua fala Angel traz o sentimento de desprezo como sendo algo que as pessoas negras enfrentam, essa forma de tratamento causa sentimentos depreciativos em muitas pessoas, especialmente as crianças e jovens que acabam crescendo com a autoestima afetada. Não à toa que o processo de aceitação dos fenótipos afro passa na maioria dos casos por um longo processo. A compreensão do ser negra/o é construída, como diz Gonzalez (2020) nascemos de diferentes cores que podem ser classificadas como pardas, morenas, mulatas, mas o ser negra/o é um processo de construção.

Foi possível percebermos fazendo uso das respostas que os/as estudantes entenderam as disparidades de tratamentos entre pessoas negras e não negras, e que, embora a classe social seja um fator importante nesse processo, ela não é capaz de eliminar o racismo experimentado por uma pessoa negra, mesmo que ela seja rica. Comungando com Gomes (2005) o racismo pode ser compreendido como:

Por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de

ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (Gomes, 2005, p. 52).

É perceptível que o preconceito racial engloba uma variedade de elementos, é uma prática, um conjunto de concepções que enaltece uma raça sobre as outras, é uma imposição das formas de vida e convicções, ou seja, o racismo não é estático, não é singular e exclusivo, ele é algo que afeta de maneiras e meios diversos e, por isso, acaba sendo tão desafiador combatê-lo, pois muitas condutas que são praticadas não são encaradas como prejudiciais, pois fazem parte do subjetivo.

Desejamos, contudo, deixar evidente que nossa proposta não se trata de uma hierarquia de opressões na qual o racismo seria dominante, mas sim de uma compreensão das injustiças que ele causou ao longo do processo de escravização, gerando mecanismos de opressão para a população negra. Pois, consideramos que “as formas de opressão não operam em singularidade; elas se inter cruzam” (Kilomba, 2019, p. 98). Portanto, mesmo com ascensão social, uma pessoa negra continuará sofrendo com o racismo, embora possua mais recursos financeiros do que uma pessoa negra e pobre. Não se deve entender, portanto, que uma situação invalida a outra, pois raça, classe e gênero, tanto individualmente quanto em conjunto, intensificam os problemas sociais.

Tendo essas questões em mente, seguimos com o projeto com a turma que culminaria na produção de fanzines que são revistas artesanais produzidas em uma menor escala de forma manual. Os fanzines são muito utilizados nas produções dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e seu intuito gira em torno de uma produção mais barata com um número limitado e baseada em um determinado tema.

### **3.4. O que você tem para falar?**

As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande.

(Audre Lorde, 2021)

Concluimos o último tópico desse capítulo com uma frase icônica de Audre Lorde<sup>26</sup> (2021), que muito diz acerca da necessidade de rompermos com as formas de educação que não

---

<sup>26</sup> Audrey Geraldine Lorde foi uma escritora feminista, mulherista e ativista dos direitos civis e homossexuais. Norte-americana de ascendência caribenha, Lorde teve entre seus esforços mais notáveis o trabalho militante com as mulheres afro-aleãs na década de 1980. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Audre\\_Lorde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Audre_Lorde)>. Acesso em: 22 de Dez. 2023.

levam em consideração a diversidade, que não trabalham para um processo de quebra do sistema patriarcal, machista, sexista e racista, ao utilizarmos somente o modelo vigente e usar suas ferramentas não existe possibilidade de mudanças. A casa grande vai se manter de pé, pois a educação está sendo usada como manutenção da mesma, não existindo possibilidade para ruptura, uma quebra dos paradigmas e normas estabelecidos e que beneficia a hegemonia dominante. A produção dos fanzines que serão explicados a seguir serviu como ferramenta para que as/os estudantes pudessem expressar suas impressões e considerações acerca da temática que tinha sido abordada durante os dias anteriores.

No dia 28 de abril. Quarto encontro. Tema: Oficina de Fanzines. No último encontro, promovemos uma oficina de fanzines. Segundo Yara Medeiros<sup>27</sup> (2016, p. 01) “Fanzines ou zines são publicações artesanais de baixo custo com expressões pessoais e temáticas que geralmente não se enquadram nos meios tradicionais.” Levando em consideração as rodas de conversa que foram realizadas em torno da temática Feminismo Negro, optamos pela elaboração de fanzines que serviriam como resultado dos aprendizados adquiridos nos dias anteriores. A escolha dos zines aconteceu tendo em vista que permitiriam aos estudantes expressarem seus pensamentos e ideias sobre o tema de forma criativa com maior liberdade. Essa escolha foi vantajosa por ser um trabalho manual e de baixo custo.

Dentre os diferentes produtos possíveis para a pesquisa a escolha foi feita pelo fanzine tendo em vista o tempo de produção, o custo dos materiais utilizados, a possibilidade de deixar os jovens mais livres no processo criativo, a facilidade para sua distribuição na própria escola. Para a criação, a classe foi dividida em oito grupos de 5 pessoas, o que permitiu que as tarefas fossem executadas de maneira coletiva, através de diálogos entre os grupos proporcionando um intercâmbio de ideias. Porém, quando apresentamos o cronograma das atividades que realizaríamos com a turma, mencionamos que essa produção seria realizada em apenas dois horários. No entanto, logo ficou evidente que o tempo seria insuficiente, visto que a produção de fanzines requer não apenas trabalho manual, mas, sobretudo, uma organização mental para decidir a abordagem da revista, levando em conta todas as páginas e o objetivo geral.

Dessa maneira, o prazo foi insuficiente para a conclusão, porém, felizmente a docente responsável pelo próximo período permitiu nossa permanência na sala junto aos grupos, resultando na finalização de alguns projetos. Contudo, outros, em virtude do método de

---

<sup>27</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado em Geografia e graduação em Jornalismo (2000) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007). Professora na Universidade Federal do Maranhão, no curso de Jornalismo, em Imperatriz, na área de Imagem e Estética. Atua principalmente com criatividade, educação, pesquisa e elaboração de projetos visuais para jornais, sites, livros e revistas para mídias diversas. É coordenadora do grupo de pesquisa Love - Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa.

produção adotado, não foram concluídos de acordo com o planejado pela equipe. Após a conclusão dos trabalhos, foi possível ter acesso aos seguintes temas: Lágrimas negras; Empoderamento das mulheres negras; Ame sua pele; Nossa pele; Parem de nos esconder; Peles negras; O tom da minha pele não me faz ser diferente de você; A ascendência de uma negra. Todos os temas foram escolhidos pelas/os próprias/os estudantes.

Apesar da quantidade expressiva de produções, ao realizar uma análise sobre o conteúdo das revistas, percebemos que boa parte delas eram repetitivas, inclusive as frases utilizadas eram apenas cópias de outras. Permitimos à turma pesquisar na internet como forma de agregar pensamentos e ideias, porém muitos grupos apenas pegaram frases prontas e as inseriram na revista, sem refletir sobre o assunto. Outro ponto que chamou à atenção foram as frases escritas em terceira pessoa, o que transmitia sempre a mesma impressão nos materiais. "Entendemos a importância de respeitar as pessoas negras, mas eu não sou uma delas." Essa suspeita se confirmou quando voltamos à escola para o processo de identificação étnico-racial e nenhum aluno ou aluna se identificou como pessoa negra/preta.

Consideramos indispensável apresentar aqui aspectos que não foram reunidos com base na escrita ou da fala. Frequentemente, o silêncio expressa e o olhar manifesta e foram essas percepções que conseguimos vivenciar em vários momentos durante o progresso de pesquisa com a classe. Durante os quatro encontros de pesquisa, buscamos abordar uma temática diferente a cada dia, a fim de observar e ouvir o máximo possível do que as alunas e os alunos tivessem a transmitir. O primeiro assunto tratou do racismo, o qual despertou inquietações e desconfortos em relação aos estereótipos étnico-raciais da população afro-brasileira. Em diversos momentos, percebemos que o tema gerava desconforto em alguns estudantes, manifestado pelo desvio do olhar, inquietação e até mesmo uma tentativa de se afastar do centro com receio de ser usado como exemplo.

Ao questionarmos a turma sobre a autodeclaração, recebemos apenas o silêncio e a relutância em identificar-se negra/o. Essa falta de resposta pode ser percebida e convertida em um sentimento de angústia e preocupação quando o tema é abordado. Falar sobre discriminação racial em um país como o Brasil, onde pessoas negras são assassinadas diariamente, não é uma tarefa simples e ainda menos atrativa identificar-se dessa forma. Ao declarar sua identidade como uma pessoa negra, essa/e jovem se posiciona em um grupo que é oprimido, sujeito a vulnerabilidade social, discriminação racial e violência. Não é surpreendente que a concepção de se identificar com uma categoria racial híbrida, como pardo, pareça mais simples não apenas para esse grupo, mas também para uma considerável porção da sociedade.

Ao realizar uma ponderação acerca desse assunto, percebemos o quão crucial é debater no contexto escolar acerca desse tema. Não é suficiente apenas compreender a presença de uma comunidade afrodescendente, é imprescindível que exista um método educacional que permita o rompimento de tabus e, conseqüentemente, a modificação de concepções equivocadas acerca das pessoas negras.

Nesse mesmo contexto é válido ressaltar que em uma turma composta por 41 alunas/os nenhum deles/delas ergueu a mão ao ser questionado quem se considerava negra/o. No entanto, posteriormente perguntamos quem se autodenominava pardo/a e observamos que a maioria dos alunos/estudantes levantaram a mão. O que conseguimos observar graças a essa dinâmica é que é mais fácil para elas/eles se identificarem com algo intermediário, pois estão cientes de que não são brancos/as, mas ao mesmo tempo não possuem o conhecimento e reconhecimento étnico necessário para se autodeclararem como negros/as. Essa ausência de identificação étnica vai de encontro ao que Gonzalez (2020) falava acerca do reconhecimento étnico fazer parte de um processo de construção.

Ao analisarmos os textos produzidos, ficamos surpresas com a quantidade de informações que eles conseguiram absorver ao longo das conversas, porém, notamos uma escrita distante quando se tratava da população negra. Ou seja, o texto sempre se referia ao outro, sem incluí-las no conteúdo. Essa mudança só foi percebida na produção dos fanzines, em grande parte porque fontes de pesquisa foram utilizadas. Dessa forma, muitos grupos usaram citações de pessoas negras em suas obras. Como essas pessoas lutam pelas questões étnico-raciais, suas falas eram em primeira pessoa, o que fazia com que os produtos da turma parecessem ser falas deles, mas na verdade não eram.

Essa preocupação nos levou a retornar à escola para suprir algumas dúvidas que só poderiam ser resolvidas com a colaboração dos estudantes. Entre os questionamentos estava o reconhecimento étnico dessas/es jovens, já que encontramos várias falas que revelaram conhecimento sobre questões raciais, porém desconhecíamos a autoria, as características físicas e a forma como eles se identificam perante a sociedade. Considerando o foco da pesquisa nas questões raciais, essa informação se tornava necessária.

Ao realizarmos essa visita, dividimos a conversa com a turma em duas partes de dois blocos. O primeiro bloco formado por um grupo e o segundo formado por dois grupos. Inicialmente, dialogamos com as/os estudantes que contribuíram com seus textos para a composição desse projeto, com o objetivo de estabelecer uma conexão étnico-racial. Devido à quantidade significativa de alunas e alunos presentes na sala, enfrentamos dificuldade em associar os nomes aos rostos de quem produziu cada texto, o que gerava dúvidas frequentes:

"Será que esse texto foi escrito por um menino ou uma menina negra?", "Será que a pessoa que o escreveu possui um reconhecimento étnico-racial?". Essas indagações nos causaram inquietação.

Apesar de durante o processo de pesquisa de campo ao questionar sobre a identificação étnico-racial nenhuma aluna/o terem se identificado como negra/o e apenas uma jovem ter se declarado branca, entendemos que isso poderia ser causado por diversos fatores, tais como a vergonha, timidez e até mesmo o medo. Considerando tal necessidade, começamos então a conversar com o primeiro grupo primeiramente os agradecendo pela colaboração na pesquisa e a entrega de seus textos. Em seguida explicamos que por se tratar de uma pesquisa que envolvia as questões raciais precisava que eles realizassem uma autoidentificação, ou seja, de forma bem simples me dizer como elas/es se autodeclaravam etnicamente e o porquê.

O grupo inicial era formado em sua maioria por jovens que não apresentavam fenótipos de pessoas afrodescendentes, alguns carregavam fortes traços típicos de pessoas brancas, cabelos lisos, nariz fino, olhos claros. Devo admitir que ficamos um tanto surpresas ao ver aquele grupo ingressando, pois foi evidenciado que os textos que abordavam melhor as questões raciais não haviam sido criados por jovens negros/as.

Dentre os nove textos que tínhamos selecionado por achar que continham discursos coerentes com a temática do feminismo negro e a busca por uma prática pedagógica que promovesse o respeito e a valorização das diferenças, sete das crianças estavam na escola. O grupo consistia em quatro meninas e três meninos, que se identificaram da seguinte maneira: Quatro se declararam brancos, sendo três meninas e um menino; os outros três se declararam pardos, sendo dois meninos e uma menina. Como já mencionado, além da pergunta "Como você se identifica?", também fiz a pergunta "Por quê?", com o objetivo de compreender as questões sociais que podem influenciar jovens a reconhecer-se ou não pertencente a uma determinada etnia e/ou raça.

Cada um dos jovens respondeu individualmente todas as perguntas, porém algumas respostas se repetiram no que diz respeito aos motivos de suas autodeclarações. As respostas mais frequentes em relação a esse questionamento eram as características físicas e a ancestralidade, ou seja, a ascendência era vista como um fator importante para a definição de sua identidade étnica. Acerca da autodeclaração como pardo notamos que estavam mais relacionadas a questões físicas, sendo que o tom de pele era o aspecto mais considerado pelos estudantes.

Nesse ponto, ressalto as palavras de Angel (17 anos), que se autodeclarou parda e afirmou: "Não acho minha pele muito escura e nem muito clara!". Por se reconhecer como um

meio-termo entre o que poderia ser descrito como branco e o que seria negro em sua concepção essa estudante se posiciona como uma pessoa de cor parda por acreditar que essa é a maneira mais adequada de se descrever.

Já Lucia (15 anos) se declara branca, porém considera relevante mencionar que possui avós de negros. No entanto, de acordo com ela, a maioria de seus familiares são brancos, e devido à sua tonalidade de pele mais clara, ela também se identifica como branca. Apesar de como indivíduos de fora considerarmos que algumas dessas/os jovens que se autodeclararam como pardas/os poderiam ser facilmente identificados como negras/os, essa discussão não nos cabia no momento. Afinal, a identificação étnico-racial é uma construção social e para muitos desses jovens se reconhecerem como pardos era uma maneira de se sentir menos excluídos em uma sociedade em que o racismo ainda prevalece. Esse pensamento de autoproteção ficou ainda mais nítido com a entrada das/os outras/os estudantes e as falas de uma aluna em específico.

O outro grupo que dialogou conosco foram os encarregados pela elaboração dos dois fanzines que melhor abordaram a temática do feminismo negro. O primeiro grupo realizou o projeto "Lágrimas negras", e era formado por quatro garotas. Neste conjunto, as jovens se autodeclararam pardas, citando as razões que justificaram essa autodeclaração. Na fala de Laís (15 anos) encontramos uma explicação interessante: "Eu me vejo como parda, uma mistura genética do negro e o branco". A fala de Laís traz a ideia genética da construção do que é denominado como pardo. Para essa jovem o pardo seria então um híbrido, e apesar de ter um viés pejorativo nessa palavra para ela é encarado de forma natural e aceita.

Essa noção de um misto por parte desses jovens era algo muito mais aceitável do que se considerar uma pessoa negra, mas em um país no qual o tom de pele e as características físicas são os fatores mais proeminentes e considerados os principais meios de identificação, não podemos ficar surpresas com o grande número de jovens que vivem nessa situação intermediária. Eles preferem se autodeclarar como pardos não apenas por não gostarem do termo negro, mas devido a uma falta de conhecimento e reconhecimento étnico-racial.

Nessa última conversa com a turma, não somente tivemos o cuidado de questionar a elas/es sobre a autodeclaração étnica, mas sobre o processo de produção da revista, ou seja, os fanzines, no caso essa pergunta foi direcionada de forma exclusiva aos dois grupos que produziram os fanzines que segundo nossas análises melhor traziam à tona a temática que tinha sido abordada na sala de aula. Iniciaremos a partir daqui, as respostas que foram obtidas com base na pergunta: Como foi o processo de produção dos fanzines e como as aulas contribuíram para ele? As respostas que seguiram foram dadas pelas/os estudantes que realizaram o fanzine: *Lágrimas negras*.

O grupo compartilhou como foi o processo de produção, como realizaram a divisão de cada fase e a importância de abordar esse tema em sala de aula. Sobre isso, destacamos as palavras de Camila (14 anos) que afirmou: “Esse trabalho aqui foi algo muito interessante pra conscientizar pessoas sobre pele negra, sobre o que elas sofrem, o que elas já passaram e o que acontece nos dias de hoje”. A estudante destacou a conscientização como algo necessário para que as pessoas possam compreender os processos dolorosos pelos quais a população negra atravessa. Sem dúvidas ouvir isso foi algo que nos trouxe esperança e nos fez acreditar na possibilidade de mudanças sociais por intermédio de uma educação libertadora, assim como defendeu Paulo Freire.

Ainda sobre a fala de Camila destacamos a sua menção “conscientizar pessoas sobre pele negra”, ao realizar essa fala a estudante coloca que existem determinadas pessoas que precisam aprender sobre as questões étnico-raciais e esse pensamento é confirmado quando mais a seguir ela menciona “sobre o que elas sofrem, o que elas já passaram e o que acontece nos dias de hoje”, ao ouvir essa frase a sensação que nos causa é que não existem informações suficientes sobre as problemáticas que são enfrentadas pela população negra devido ao racismo. Infelizmente esse pensamento é um tanto quanto equivocado, o que percebemos em nossa sociedade, na qual os meios de comunicação e informações estão disponíveis de forma rápida é o desinteresse por parte da branquitude em querer participar dos processos de mudança, isso não é de estranhar, pois para eles essa ação significa a perda de privilégios.

Todos os dias os jornais retratam a forma que as pessoas negras são tratadas, vídeos que viralizam em redes sociais trazendo a temática do privilégio branco possuem milhões de visualizações, mas isso não impede que o mesmo comportamento se repita. No entanto, é conveniente frisar que o fato dessas informações estarem nas redes sociais não impede que a temática seja discutida em sala de aula, pelo contrário, esse deve ser o ponto, trazer para o ambiente escolar essas informações e realizar um processo de reflexão junto das/os estudantes como forma de criar uma geração que não repete esses mesmos erros.

Falando sobre a relevância desse trabalho trazemos a fala de Raquel (14 anos).

Esse trabalho eu achei muito interessante porque eu nunca tinha feito uma revista igual a essa e eu realmente gostei muito de participar porque cada um teve um papel muito importante pra produzir. Realmente foi um trabalho bem em grupo e deu pra entender melhor sobre esse conteúdo e eu achei também interessante, não achei que o nosso seria um dos melhores, realmente fiquei impressionada porque ficou um trabalho realmente muito bom e teve cada uma de nós nesse trabalho, cada uma fez o seu melhor pra produzir.

Apesar da resposta de Raquel não ter abordado sobre os conteúdos que foram trabalhados sua resposta nos mostrou que o ato de produzir fanzines com estudantes é proveitoso por diversas razões. Possibilita interação, reflexão sobre o tema, e permite que eles entendam melhor o conteúdo com a ajuda um dos outros, existe dessa forma uma troca de informações e saberes, uma maior absorção dos conhecimentos que foram debatidos.

A Raquel possui os fenótipos de uma pessoa branca, mas também se declarou parda, e isso aconteceu por ela não se considerar “tão branca assim”, de acordo com suas justificativas encontramos como motivação a questão genética, segundo ela seus pais são branco e pardo e outro fator crucial para sua escolha é a certidão de nascimento, pois nela consta a cor parda. Essa resposta de Raquel reforça a compreensão de que as questões étnico-raciais fazem parte de uma construção social, essa identidade, portanto, é construída e o ambiente familiar é um dos pilares para esse processo. Assim como Raquel, diversas outras/os estudantes apontaram sua cor baseada no que está disponível em suas certidões de nascimento.

Sem dúvidas que a produção dos fanzines foi recebida de forma positiva por parte das/os estudantes como podemos observar por intermédio da fala de Vanessa (15 anos) “É, sobre esse trabalho eu achei tipo, muito interessante trabalhar nele porque deu pra ver sobre a realidade das pessoas negras que muita gente, às vezes, fecha os olhos para isso e não entende”.

A resposta de Vanessa é composta por dois momentos, o primeiro em que ela menciona a validade desse trabalho, segundo ela foi “muito interessante trabalhar nele”, a seguir ela aponta o que consideramos o segundo ponto o porquê, “porque deu para ver sobre a realidade das pessoas negras”, ela menciona então que o processo de pesquisa possibilitou um olhar para a realidade social na qual estão inseridas as pessoas negras e ao dizer “que muita gente, às vezes, fecha os olhos para isso e não entende”, traz outros pontos ainda mais necessários. Ao dizer que as pessoas fecham os olhos, compreendemos então que o que acontece é visível para todas/os, mas que muitos simplesmente preferem ignorar, ou seja, fechar os olhos. Um ditado popular diz, “o que os olhos não veem o coração não sente” e nesse aspecto podemos parafrasear como “o que fingimos não existir, não somos obrigadas/os a combater”, é válido pensar no último trecho “e não entendem” esse não entender pode ser interpretado como não entender por não querer ou até mesmo por não considerar necessário.

Vale ressaltar que Vanessa se autodeclara uma jovem parda, e aponta como características sua cor de pele, assim como outras/os colegas de turma se enxerga em um meio termo, nem tão clara para ser branca e nem tão escura para se considerar negra. A seguir destacamos a fala de Laís acerca do processo de produção dos fanzines e as rodas de conversa.

Em relação a esse projeto que foi fornecido pela professora Suzana eu achei muito legal da parte dela, gostei bastante. Ah amei interagir com as meninas que eu trabalhei aqui nesse projeto, e em relação a revista que a gente fez, a gente realmente se esforçou bastante para fazer, a gente se dedicou, a gente fez algumas coisas, a gente aprendeu bastante também. Em relação às aulas que a gente teve com a professora Suzana a gente conseguiu entender e se familiarizar melhor com relação ao conteúdo que ela está querendo passar pra nós e a gente criou um tema baseado em tudo que ela falou. A gente falou sobre as lágrimas negras o quanto a sociedade negra sofre entre a sociedade branca em relação a tudo isso e a gente realmente gostou de estar trabalhando com isso porque a gente conseguiu se familiarizar e entender e contribuir para tudo isso.

A fala de Laís trouxe alguns pontos acerca do processo de construção do fanzine, segundo ela “em relação a revista que a gente fez, a gente realmente se esforçou bastante para fazer, a gente se dedicou, a gente fez algumas coisas, a gente aprendeu bastante também”, o processo de produção do fanzines não é uma tarefa rápida e como mencionado pela estudante requer esforço e dedicação, mas um dos pontos colocados por ela é o processo de aprendizagem que é alcançado. A realização do projeto tinha esse objetivo e ao observar nas falas das/os estudantes que isso aconteceu sentimos que ele tenha sido alcançado.

Além disso, a aluna destaca que “a gente conseguiu entender e se familiarizar melhor com relação ao conteúdo que ela está querendo passar pra nós e a gente criou um tema baseado em tudo que ela falou.” Quando a estudante menciona que o grupo teve a preocupação em usar tudo que tinha sido abordado durante as aulas isso traz a valorização das rodas de conversa que foram realizadas, por mais que em diversos momentos como pesquisadoras tivéssemos a sensação de que não estávamos sendo ouvidas ao receber o material e ouvir os relatos notamos que uma semente foi plantada.

Cabe uma análise mais atenta acerca da última parte de sua resposta, segundo Laís “A gente falou sobre as lágrimas negras o quanto a sociedade negra sofre entre a sociedade branca em relação a tudo isso e a gente realmente gostou de estar trabalhando com isso porque a gente conseguiu se familiarizar e entender e contribuir para tudo isso.” Na fala de Laís ela aponta que existe um sofrimento que só é sentido por parte da população, as pessoas negras, para isso ela aponta a necessidade que foi se familiarizar e entender a temática para que o processo pudesse acontecer de forma que gerasse contribuições na produção do material.

É interessante, no entanto, notar que Laís menciona “a gente falou sobre as lágrimas negras, o quanto a sociedade negra sofre entre a sociedade branca.” Quando observamos essa frase e refletimos com cuidado percebemos sua profundidade. Primeiro que a frase remete a existência de duas sociedades distintas, nas quais uma está formada por pessoas negras e a outra por pessoas brancas, sendo que, a sociedade negra estaria sob o domínio da branca. A população negra está inserida em locais distintos em relação a população branca, além disso, vivemos com

base nas regras e padrões que são estabelecidos pela classe dominante que é majoritariamente branca. A ideia de duas sociedades com grupos étnicos distintos é facilmente pensada quando observamos uma cidade grande, a exemplo de capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, na qual a sensação de dois mundos é criada quando notamos e comparamos os espaços nos quais estão a maior parcela da população negra (favelas) e as que estão as pessoas brancas (bairros nobres). A sensação que esses espaços causam é a da existência de dois mundos, duas sociedades e que em determinados pontos elas se misturam, mas as diferenças se mantêm.

Outro ponto crucial é a escolha do título “Lágrimas Negras”, a escolha desse tema remete ao sofrimento que a população negra enfrenta, os problemas físicos e emocionais que causam adoecimento na população. As causas são diversas, mas o plano de fundo é o mesmo, o racismo. Em sua obra *Memórias da plantação*, Kilomba (2019) traz o relato de mulheres afro-aleãs e diversos momentos que elas vivenciaram nos quais o racismo esteve presente. Não importa o tempo que passe, as memórias deixadas pelo racismo são avassaladoras, causam dores e traumas, medo da rejeição, receio da não aceitação de seus traços, a vergonha do cabelo natural, tudo faz parte de um processo de racismo que acontece desde a infância e não importa em qual sociedade (colonizada) a pessoa negra esteja ela sempre irá se deparar com o estranhamento do outro para com seu corpo, seu jeito e sua afro ancestralidade.

Quando se fala acerca de *Lágrimas Negras* somos todas/os de forma natural levadas/os a um processo de empatia, a dor do outro nos cabe, ela é sentida em nós, pois tudo que uma pessoa negra passa por causa do racismo é viável de acontecer com qualquer pessoa que compartilha os mesmos traços, dessa forma a dor é sentida de forma coletiva.

Conversamos também com o outro grupo que esteve à frente do desenvolvimento do fanzine *Peles negras*. Um aspecto que nos despertou interesse nessa criação foram as verbalizações que, diferentemente da maioria dos demais materiais publicados, não se originavam apenas da internet. Ao ler essa obra, era possível perceber uma conexão pessoal com o tema, e essa percepção foi confirmada durante a conversa com as autoras.

A equipe era formada por quatro integrantes: três meninas e um menino. Quando iniciamos as perguntas, uma informação surgiu e nos pareceu relevante. Uma das alunas declarou ter tirado muitas das falas usadas na revista da própria mente, o que causou curiosidade acerca de suas motivações e inspirações para essa escrita, o que foi confirmado na fala de colegas da equipe.

Foi uma experiência bem, tipo, meio que do nada, mas tipo eu gostei muito de fazer, porque assim eu conheci um pouco da cultura negra, e algumas frases como a Rosa

disse, ela tirou da cabeça, mas a gente foi ali auxiliando ela a gente foi fazendo, cada um fez um pouquinho para a gente conseguir fazer isso e foi. (Juliana, 15 anos)

A fala de Juliana (15 anos) informa a surpresa de ter tido a oportunidade de participar de um projeto como esse, por ter sido algo que não havia sido planejado diretamente pela escola as/os estudantes somente souberam no dia que fomos na sala já iniciando a pesquisa. Com o auxílio da pesquisa a aluna aponta que foi possível conhecer um pouco da cultura negra, para além disso, a resposta de Juliana confirma o que havia sido dito por Rosa (14 anos) “como a Rosa disse, ela tirou da cabeça”, apesar de uma das colegas ter sido a líder da equipe e responsável pela criação de várias frases o trabalho não se limitou a ela, “mas a gente foi ali auxiliando ela a gente foi fazendo, cada um fez um pouquinho para a gente conseguir fazer isso e foi.” O ato de produzir o fanzine foi pensado e executado em grupo o que sem dúvidas correspondeu a proposta do trabalho.

Em um país como o Brasil o processo de autodeclaração parte principalmente dos fenótipos, porém, esse método pode ser considerado confuso quando se tem uma compreensão acerca do significado e categorias nas quais se encaixam cada um deles. Um verdadeiro exemplo disso foi uma estudante que no processo de autodeclaração se definiu como amarela. Segundo ela “Eu me sinto amarela” Dany, (15 anos), é interessante pensar que a sua escolha se deu por meio da identificação pessoal com algo, no caso o amarelo, porém, é válido mencionar que o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) definiu como sendo amarelo é diferente do que essa jovem associa.

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) declara acerca de quem compõe o grupo denominado como amarelo pelo IBGE. “Amarelo se refere à pessoa que se declara de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana (TJDFT, 2023).” Tendo em vista esses grupos aos quais pertencem a categoria amarelo, fica nítido que a escolha da jovem Dany (15 anos) não correspondia ao que é considerado legítimo pelo IBGE, sua escolha pela cor amarela se deu por ela se ver literalmente como uma pessoa amarela, o que pode estar relacionado em seu caso a problemas de saúde, estilo de vida, ausência de vitaminas ou outros fatores, mas não a sua nacionalidade ou ancestralidade, pois não possui nenhum traço físico que remeta a povos orientais.

No entanto, essa fala confusa de Dany nos serve para perceber o quanto que os jovens são literais acerca dos fenótipos, o fato de sua cor de pele ter o tom amarelo fez essa jovem se declarar amarela, o que demonstra a dificuldade encontrada para um reconhecimento étnico racial. A ausência de estudos, de conversas e interesse para as questões raciais cria uma sociedade que não entende a diferença de ter a pele amarelada e ser oriental.

Acerca da produção dos fanzines Dany menciona, que “Eu fiquei bem surpresa porque, eu já tinha faltado um dia que você veio aqui e isso foi uma experiência boa, porque as peles negras não tem assim muito reconhecimento e achei legal, fui ajudando também bastante.” (Dany, 15 anos). Dany menciona a surpresa de ver a pesquisa sendo realizada em sua sala, em especial o dia da produção dos fanzines, pois não tinha ido na aula anterior na qual tínhamos conversado sobre a produção dos fanzines.

Segundo a mesma a experiência foi positiva pois “as peles negras não tem assim, muito reconhecimento”, é interesse notar o uso da palavra reconhecimento por Dany, afinal, o Brasil foi construído com base na dor e trabalho exaustivo de milhares de pessoas negras e ainda hoje a população negra corresponde a base da pirâmide econômica, somos responsáveis pela maior parte dos trabalhos de cunho braçal, mas os reconhecimentos acerca disso são ignorados e descartados dos livros e histórias. Todas as contribuições das pessoas negras durante os longos séculos passam por um processo de esquecimento o que reduz a população negra a descendentes de pessoas que foram escravizadas, quando na verdade somos muito mais que isso, somos uma população descendente de mulheres e homens que lutaram, trabalharam, viveram e moraram em um processo de construção do que hoje conhecemos como Brasil.

Representando o único menino do grupo, Théo (17 anos) nos contou como foi esse processo de produção dos fanzines. “Eu gostei de fazer, gostei muito das aulas, porque foi uma coisa nova, nunca teve assim, esse tipo de aqui na coisa escola, raramente, eu só foquei mais em cortar as coisas, não foquei nas frases, mas gostei muito de fazer parte.” Théo, assim como outros/as colegas nos trouxe que esse tipo de atividade nunca tinha sido realizada com a turma, o que para ele foi bom, Acerca do processo, ele menciona não ter focado nas frases, mas ajudado nos recortes, o que para ele foi proveitoso “gostei muito de fazer parte”.

Quando questionamos acerca da sua autodeclaração étnica Théo diz ser pardo, e justifica isso assim como outras/os colegas com a premissa de que se encontra em um meio-termo, “nem branco e nem negro”, cabendo a ele o pardo. Por fim, trazemos o relato de Rosa sobre a construção do material. A princípio ela respondeu à pergunta: Como foi o processo de produção do fanzine e como as aulas contribuíram para ele?

É então, o processo foi assim meio corrido? Porque a gente tipo não tinha muito tempo para poder fazer. Era pouquíssimo tempo. Só que como eu, a Dany, Juliana e Théo a gente se juntou ali? E formou, algumas coisas eu tirei da minha mente, aí a gente um foi cortando as coisas e a outra foi escrevendo e cada um fez um pouquinho e fez com que tivesse essa revista aqui, Mas foi um processo muito bom fez com que a gente aprendesse algumas coisas sobre? Como o nosso título fala “Peles negras”? Sobre o reconhecimento negro, porque hoje em dia não tem muito reconhecimento e é isso.

Apesar da correria mencionada por Rosa durante a produção dos fanzines, foi notória a colaboração em equipe para que o processo acontecesse da melhor forma possível. Como já havia sido mencionado por outras/os colegas, a contribuição de Rosa tinha sido diferente, pois “algumas coisas eu tirei da minha mente”, ao realizar esse ato de escrita de mensagens de cunho pessoal o trabalho acabou ganhando uma maior autenticidade em relação ao de outros grupos. Durante a produção Rosa menciona que “foi um processo muito bom, fez com que a gente aprendesse algumas coisas sobre? Como o nosso título fala “Peles Negras”?”. A escolha do título foi possível notar que dizia respeito a um sentimento de não reconhecimento, como a própria estudante menciona “Sobre o reconhecimento negro, porque hoje em dia não tem muito reconhecimento e é isso.” A ausência dos feitos, das contribuições da população negra, e para além disso, a aceitação de que as pessoas negras existem, que não somos todas/os iguais, mas merecemos respeito e equidade.

A conversa com Rosa nos despertou grande curiosidade, então fizemos outras perguntas para entendermos quais foram as inspirações para a criação, de onde surgiram as ideias. A resposta foi um momento emocionante para todo o grupo, especialmente para Rosa. Quando questionada acerca das inspirações que a fizeram escrever de forma pessoal, terem origem de algum momento que presenciou ou se havia trazido essas reflexões com base em filmes, novelas, séries, entre outros Rosa nos relatou.

O que me inspirou foi coisas que eu já vivi no meu cotidiano e coisas que eu já presenciei. Então tipo, isso fez com que eu pensasse aquelas frases sabe, porque é um pouco dolorido falar isso, entende? E é mais ou menos isso, aí isso fez com que eu me inspirasse em cada frase que eu coloquei, mais ou menos isso. (Rosa, 14 anos)

Acreditamos que seja quase impossível passar pelas fases de infância, adolescência e vida adulta sem presenciar e vivenciar atos de racismo, o relato de Rosa demonstra isso. Ao dizer “O que me inspirou foi coisas que eu já vivi no meu cotidiano”, ela aponta a uma realidade, a de que o racismo é vivido diariamente, ele é cotidiano e afeta de forma física e principalmente emocional as pessoas negras. Quando Rosa diz “isso fez com que eu pensasse aquelas frases sabe, porque é um pouco dolorido falar isso, entende?” Nesse ponto ela trouxe à tona que as coisas que ela vivenciou a fez escrever as frases no fanzine e que isso foi a forma dela se expressar, pois falar de forma verbal para ela ainda é dolorido. Por fim ela expõe, “E é mais ou menos isso, aí isso fez com que eu me inspirasse em cada frase que eu coloquei, mais ou menos isso.” Enxergamos nesse momento uma jovem que sofreu e que usou sua dor para criar, o

fanzine para Rosa foi uma forma de pôr para fora uma dor que estava/está sendo sentida dentro. Por mais que ela não se sinta confortável para falar ela conseguiu escrever.

Vendo o relato de Rosa somos levadas a pensar sobre o “racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada” (Kilomba, 2019, p. 29). O racismo cotidiano é o mesmo que ridiculariza meninas e meninos negros/os, os tachando como fedidos e desleixados devido os aspectos da sua pele e cabelo. A dor mencionada por Rosa é sentida por milhares de jovens negros/os que se questionam acerca de seu lugar no mundo, que por vezes tem vergonha de seus traços e imploram a Deus para que após dormirem acordem com outro tom de pele.

Considero que seja importante trazer a seguir o diálogo que aconteceu durante esse momento da pesquisa.

Pesquisadora: Eu entendo quando fala que é dolorido, acredito que só quem é uma pessoa negra entende quando se passa por certas coisas o quanto dói falar sobre, mas se você se sentir à vontade para contar o que aconteceu, pode falar.

Rosa: Eu prefiro não falar porque foi uma sensação muito ruim que machuca.

Pesquisadora: Foi em casa, na escola?

Rosa: Na escola, de amigos próximos inclusive.

Pesquisadora: Então, tu acha que é necessário essa discussão que eu trouxe?

Rosa: Com certeza, porque faz com que a gente veja, sabe? Esse mundo que hoje em dia não é muito visto pelas pessoas.

O relato de Rosa requer um pouco mais de cuidado. Primeiro é nítido quanto que o sentimento de dor era muito presente, para essa jovem o que aconteceu estava vívido em sua mente de forma que não se sentia capaz de relatar, o ato de falar sobre um momento doloroso pode causar a mesma sensação da experiência sendo vivida pela primeira vez. Apesar de não ter dado muito detalhes não é difícil imaginar pelo que Rosa passou, o que ela presenciou no ambiente escolar por meio de pessoas que ela considerava suas amigas/os pessoas próximas foi um ato de racismo.

Quando questionada sobre a necessidade dessa discussão em sala de aula ela responde com firmeza “Com certeza!” e em seguida mostra que esse conteúdo “faz com que a gente veja sabe?” ou seja, é possível que as pessoas tenham uma visão além das que estão tendo a partir do momento que conteúdos como esse são inseridos no ambiente escolar. É interessante notar que Rosa), assim como outra colega também realiza uma divisão social, ao dizer “esse mundo que hoje em dia não é muito visto pelas pessoas,” Rosa está trazendo à tona a ideia de que as questões das pessoas negras, os seus desafios e problemas não são vistos, não são abordados, que o Feminismo Negro é necessário para a construção de uma sociedade que respeite o outro e o trate de forma equânime.

Todo o diálogo com a Rosa foi marcado por emoção, em alguns momentos as lágrimas se fizeram presente, mas o que mais nos causou aflição foi sua resposta acerca da sua autodeclaração étnico-racial. Vale salientar que Rosa é uma jovem com fenótipos negroides, não obstante a isso ela relatou de forma superficial, mas com muitos sentimentos envolvidos ter passado por racismo, na hora de sua resposta ela disse. “Eu me autodeclaro parda, porque tenho medo da forma de tratamento dos outros”. A sua declaração como parda não partia de uma falta de consciência sobre si, mas o medo do outro. Ela é uma jovem negra, e seu inconsciente sabe disso, porém, está cercada de outras/os jovens que possuem menos fenótipos negroides que ela e que se autodeclararam em sua maioria pardos, a escolha por essa categoria é uma forma de proteção, uma forma de enganar a si mesma.

Infelizmente o que podemos perceber por intermédio do relato de Rosa é que o racismo pouco se importa com o que você diz, com o que você declara, se seus traços, se seus marcadores são de uma pessoa negra você irá ser tratada/o como uma pessoa negra independente de olhar e dizer que é parda ou até mesmo branca. Em um país onde as características físicas são os fatores mais utilizados para classificação Rosa não passa despercebida pelo racismo e prova disso é o sofrimento e dor que por ela é carregada diante do racismo sofrido por parte de seus colegas.

Durante o processo de pesquisa, em diversos momentos nos sentimos desanimadas e questionamos se o que estávamos fazendo teria algum impacto, se ao menos estávamos sendo ouvidas. Ao ter essa conversa com Rosa, percebemos que a tarefa tinha sido concluída, tínhamos conseguido fazer com que aquela estudante refletisse sobre si mesma, seu ambiente, sua existência, suas particularidades. Sem dúvida, foi um momento extremamente gratificante e comovente, Rosa chorava ao falar sobre esse tema e mais uma vez nos veio a dor como algo que verdadeiramente une as mulheres negras.

A dor que aquela estudante estava experimentando não nos era indiferente; ouvir palavras que a magoaram de indivíduos que ela considerava suas amigas era algo bastante frequente para as jovens negras. Somos constantemente julgadas e comparadas. Vivemos em uma sociedade que cultua como padrão de beleza corpos e cabelos que não correspondem à realidade de uma pessoa negra.

Embora tenha abordado no fanzine questões marcantes sobre a aceitação da comunidade negra, das mulheres negras, a resposta de Rosa veio como uma validação da enorme necessidade de abordar os aspectos raciais na sala de aula e possibilitar que os estudantes se identifiquem como indivíduos negros sem receios, constrangimentos e os estigmas frequentemente associados a essa autodeclaração.

Rosa é uma garota de pele escura, uma jovem preta, isso de acordo com a nossa percepção, que é baseada em nossos relacionamentos pessoais, estudos e um processo de amadurecimento de longos anos. Apesar de a vermos como uma pessoa negra, Rosa não se autodeclarou dessa maneira, porque ela acredita que ser identificada como negra pode resultar em maus-tratos.

Sem dúvidas esse diálogo com Rosa nos deixou contemplativas, ao longo de diversas ocasiões nos identificamos com ela, uma jovem negra que dissimulava sua identidade para se adaptar aos padrões e ser aceita pelos colegas. Reconhecemos que a autodeclaração é um grande processo, que requer maturidade, apoio, conhecimento e que o que realizamos na sala de aula durante essa investigação foi apenas um pequeno estímulo para esses jovens.

Assim sendo, ainda há um longo percurso a percorrer, várias brechas para serem preenchidas e saberes a serem adquiridos para que possam evoluir de indivíduos que reconhecem a existência da etnia negra, que compreendem que todos merecem respeito, até atingirem o ponto de se identificar como uma pessoa negra. Não é uma tarefa fácil e apenas quatro dias não são suficientes para alterar uma realidade e pensamentos que foram enraizados ao longo de muitas décadas.

De maneira geral, diante da realidade revelada pela pesquisa, enfatizamos a urgência da efetivação da Lei 10.639/03 que torna obrigatória o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana na escola, pois mesmo a Lei tendo completado 20 anos em 2023, ainda nos deparamos com o fato de os estudantes ainda se sentirem coibidos e desmotivados em relação à consciência étnico-racial. Isto pode estar diretamente relacionado à ausência de trabalhos em sala de aula que abordem essa temática. Fato confirmado pelas palavras das/os estudantes que mencionaram durante o último encontro que apreciaram a oportunidade de aprender mais sobre a população negra e os diversos processos envolvidos e que tal atividade tinha sido uma novidade.

Na realidade educacional, o assunto do racismo, preconceito, questões étnico-raciais e a valorização da cultura afro-brasileira nas escolas em sua maioria é abordado apenas de forma esporádica em datas como o dia 13 de maio, quando se discute a Lei Áurea, e no dia 20 de novembro, em que se celebra o dia da Consciência Negra. Durante os demais dias letivos, as conversas sobre essas temáticas são silenciadas, o que não está de acordo com o que é estabelecido pela Lei 10.639/2003. Apenas em escolas em que alguns professores se interessam pelo assunto é que também há momentos dedicados a essa questão (Tolentino, 2018).

Por causa disso, fica cada vez mais difícil que as alunas e os alunos vivenciem um processo de reconhecimento étnico, que se sintam incentivados a se autodeclararem indivíduos negros. Em lugar disso, observamos o que é evidente em nossa pesquisa de campo. Um

considerável número de estudantes que se afirmam pardos com o medo da maneira como serão tratados. O que essas alunas e alunos infelizmente não compreendem é que os traços físicos estão presentes em seus corpos e, portanto, mesmo que queiram se encaixar em uma categoria de "neutralidade", a sociedade os vê e os trata como indivíduos negros.

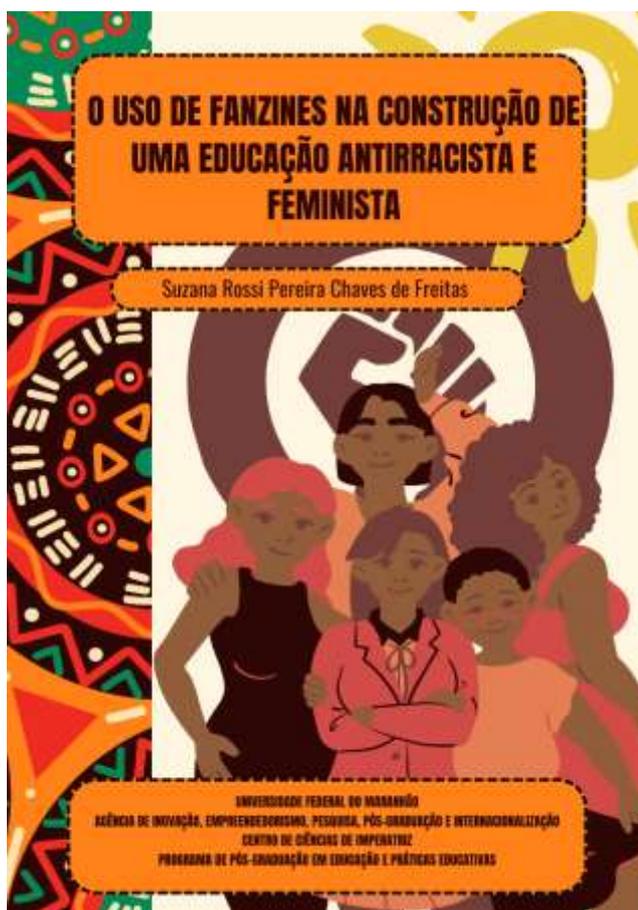
Ao refletirmos sobre essa jovem e sua aspiração de se adequar aos padrões, nos deparamos com uma situação desafiadora. Por muitos anos, a questão étnico-racial não fazia parte da nossa vivência cotidiana. No entanto, assim como a aluna Rosa o fato de não nos vermos como uma pessoa negra não impediu que os demais nos percebessem e, como consequência, nos tratasse de forma hostil, desrespeitosa, nos apelidassem e até mesmo nos excluíssem das amizades. O problema de não se ter uma educação pautada em uma práxis pedagógica que trabalhe as diferenças e as dicotomias existentes na sociedade é a permanência de um modelo de ensino que apenas reproduz todas as mazelas que a sociedade deveria se livrar. Nesse aspecto o racismo, machismo, sexismo, entre outros problemas sociais, acabam sendo reproduzidos. Não existe, portanto, um rompimento, mas apenas uma modificação na forma de sua reprodução.

Pensar acerca de tudo isso nos fez refletir sobre questões cotidianas que vivenciamos e o quanto que desejamos que o futuro de meu filho Oliver Ricardo, um menino negro, seja diferente. Realizamos uma pesquisa que mexe com tantas dores e nos faz lembrar o passado, falar para jovens da periferia acerca do feminismo negro, sobre um futuro de possibilidades que eles podem e devem almejar e sobre a necessidade de mudanças constantes para uma vida melhor causa diversos sentimentos, mas sem dúvidas que o de que o sentimento de que uma sementinha foi plantada fica instaurado.

Tendo essas questões sido postas fica evidenciada a necessidade de ter uma educação voltada para pautas que englobem o Feminismo Negro, ou seja, que tragam para o campo escolar desde a base teóricas que abordem os conceitos de raça, classe e gênero de forma a propiciar uma reflexão nas/os estudantes e com isso possibilitar uma ruptura com paradigmas que estão enraizados na sociedade. A utilização da Pedagogia Feminista Negra possibilita a desnaturalização de crenças, costumes e culturas que não trabalham em busca da equidade, mas reforçam comportamentos machistas, sexistas, misóginos, racistas e classista.

Diante das discussões realizadas ao longo da pesquisa e das produções dos fanzines, trago no momento uma breve apresentação acerca do produto final, exigência do mestrado profissional.

Foto 1: Capa do produto final do mestrado



Fonte: Elaboração da autora

A pesquisa de mestrado culminou na produção de Fanzines como produto pedagógico que foi desenvolvida em uma escola pública municipal de Imperatriz com estudantes do 9o ano do Ensino Fundamental. Os Fanzines representam a consolidação do que foi aprendido ao longo de quatro dias de rodas de conversas com a turma, nos quais foram abordados temas como identidade racial, equidade de gênero e combate ao preconceito, dentro das temáticas: Gênero, raça e classe. A produção dos Fanzines foi realizada por meio de uma oficina na qual todas\os tiveram a liberdade de se expressar por intermédio de textos, imagens e desenhos autorais que colaboraram para a concretização do produto. A forma de produção e a linguagem dos Fanzines por ser acessível e criativa possibilita aos jovens um engajamento em temáticas complexas como Feminismo Negro, de modo que permite uma compreensão simples e direta acerca do tema o que realiza o desenvolvimento do pensamento crítico e a transformação social.

Os Fanzines produzidos pela turma do 9o ano não são apenas registros de suas perspectivas sobre o tema Feminismo Negro, mas uma ferramenta pedagógica de baixo custo que pode ser replicada abordando diversos temas que outrora podem ser encarados como

complexos, mas que por intermédio de um processo de estudos poderá ser simplificado e transformado em um produto com potencial para a educação de jovens de diversas faixas etárias. A análise dos conteúdos dos Fanzines revela a apropriação de conceitos, e a sua colocação prática no cotidiano, o que demonstra o quão valioso é o processo de produção desse tipo de material. Desta forma, este produto de mestrado oferece um modelo prático e inspirador para educadores interessados em incorporar abordagens pedagógicas que valorizem a criticidade, o pensamento crítico dos estudantes e promovam uma educação equânime, para assim construir uma sociedade comprometida com o Antirracismo e o Feminismo.

## INCONCLUSÕES

Diante do exposto durante o processo de pesquisa, por vezes pareceu não ser capaz de apontar novidades, porém, essa apesar de uma verdade não deixa de cumprir com sua função de criticar a sociedade racista, machista, sexista e elitista existente, na qual sujeitas/os que não compartilham os fenótipos considerados padrões se encontram direcionados a espaços de vulnerabilidade. Portanto, não trouxe a criação da roda, mas a forma que a roda pode ser utilizada como recurso para que as pessoas negras politizem sua resistência.

Em diversos momentos pensei sobre a frase dita por autores/pensadores acerca da felicidade está na ignorância, afinal ter conhecimentos nem sempre é sinônimo de felicidade, especialmente quando esses conhecimentos fazem você perceber o quanto sua vida poderia ter sido diferente se não fossem as questões raciais, sexuais existentes e que muitas dores e traumas poderiam ter sido evitados. O conhecimento é libertador, pois possibilita que as amarras e vendas sejam retiradas, mas ao mesmo tempo ele é doloroso, pois faz com que as desigualdades sejam compreendidas.

Hoje, tornou-se impossível lembrar de processos de exclusão, solidão, piadas e críticas sem considerar a existência do racismo nesses momentos. Creio, que essa seja uma grande diferença na vida de jovens que estão crescendo com a possibilidade de letramento racial, elas(es) entendem o porquê de estarem sofrendo com determinadas atitudes e passam a se proteger, a ter o bom senso e cuidado em se alinhar com seus pares, entender e valorizar sua história diaspórica, não permitir que seus traços e estilos sejam encarados como piadas, mas reforçam a cultura africana, utilizam de seus corpos como resistência por intermédio de seus cabelos, vestimentas, músicas, danças. Sem dúvidas, uma conquista diante de tantos processos que ainda estão longe de serem ideais.

Quando penso em toda essa pesquisa, o que mais me alegra é verificar que uma jovem foi capaz de falar de sua dor, colocar seus sentimentos em um fanzine, usar essa dor como combustível para a produção de um material que poderá ser lido por outras jovens como ela. E principalmente, que por mais que ela ainda não seja capaz de reconhecer de forma pública que é uma jovem negra, sabe que o racismo é o responsável por isso.

Pode parecer que não trouxe nada novo, só constatee o que todas/os nós já sabemos, mas a verdade é que não tinha a intenção de criar a roda, mas sei que é preciso muitas ações dentro e fora das escolas para que jovens como a Rosa não se sintam envergonhadas por seus traços, para que não sejam motivo de piadas racistas e mais que isso, para que jovens negras sejam

capazes de lutar por seus direitos, usar seus cabelos de forma natural, que não sintam vergonha de levantar a mão em uma sala e autodeclarar negra/o.

Talvez surja o questionamento: mas afinal, como o Feminismo Negro contribui para a educação? E a resposta é simples, auxiliando aquelas/es que procuram entender as interseccionalidades que estruturam nossas vivências, de forma a arrancar as vendas que tampam seus olhos e impedem que percebam que o sistema capitalista é o principal beneficiário em uma sociedade que não está comprometida com a equidade, na qual as mulheres negras pobres estão em um local de subalternidade na escala social. Quando enxergamos o Feminismo Negro e suas práxis pedagógicas, somos convidadas a evidenciar as diferenças não como meio de ridicularizar/diminuir, mas como mecanismo de apoio para encontrar estratégias que permitam que todas aquelas pessoas que não se encontram em um local de privilegio sejam respeitadas.

Desse modo, a escolha que deve ser feita é a da prática de uma educação antirracista que considera a pedagogia Feminista Negra, de modo a propiciar uma maior oportunidade para as mulheres negras saírem do local de subalternidade que tanto é imposto diante de uma sociedade fundada no racismo, machismo, sexismo e classicismo.

Para além disso, reconheço que pode parecer estranho que em nenhum momento do texto tenha sido utilizados conceitos que abordem de forma direta a Educação antirracista, diante disso, afirmar que esse texto funciona de forma efetiva para um processo politizador pode parecer confuso, porém, o que fiz foi trazer para o contexto do cotidiano escolar a temática do Feminismo Negro de forma dividida, o que para alguns pode ser encarado como um erro, visto que impossibilitei que as/os próprios estudantes refletissem sobre esse quebra-cabeça o qual é composto por Gênero, Raça e Classe. Devo, no entanto, constatar que o processo de ir e vir, o qual parto do vivido rumo ao teórico é por vezes um grande laboratório de pesquisa, especialmente quando se trata de mulheres negras, afinal, os nossos textos têm como característica falar acerca do vivido.

O retomar ao passado nesse contexto não aconteceu somente no capítulo acerca de minha história de vida, por mais que nele esse tenha sido o objeto, todos os momentos dessa pesquisa falam sobre minha história, mas não somente da minha, mas de minhas pares. Esse inclusive, talvez tenha sido um dos motivos que me deixaram tão angustiada diante das falas de alunas como Rosa, já fui essa menina, a que chorou por conta de falas de pessoas que eram pelo menos em sua mente suas amigas.

Diante do que foi exposto, concluo que o objetivo da pesquisa foi contemplado de forma satisfatória tendo em vista que, podemos constatar que o Feminismo Negro pode contribuir para

a construção de uma educação com ênfase nas questões raciais por proporcionar um processo de reflexão crítica que agrupa gênero, raça e classe de forma que não somente as mulheres consigam ter consciência e obter mecanismos de defesa diante de uma sociedade opressora, Trata-se não somente de uma causa de gênero, mas a construção de uma nova realidade pautada no respeito e equidade, na qual as demandas são pensadas levando em consideração as interseccionalidades existentes. Com isso, não apenas mulheres negras que sofrem uma dupla, tripla ou mais opressões são beneficiadas, mas toda a sociedade que passa a se desenvolver com base em uma educação que não determina espaços, posições e modos de agir de acordo com o gênero e classe, que não impede a liberdade religiosa, cultural e não oprime corpos negros.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- AZEVEDO, Thales de; WAGLEY, Charles. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. Companhia Editora Nacional, 1955.
- BRASIL. *Lei nº 10.639/2003*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996. Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil, DF, 9 jan. 2003.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro, 2015.
- COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: COSTA, Juaze Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSGOUEL, Ramon (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2º ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020.
- CRENSHAW, kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Estudos Feministas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino *et al.* Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal*, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. *Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e político da exploração da mulher*; Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. Anais [...].[S.I.], 1979. Reproduzida pela Universidade Católica do Rio de Janeiro-BR.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. (in) Circulo Palmarino: Fortalecer a Resistência Negra ao Neo Liberalismo. *Caderno de Formação Política*, nº1. BRASIL, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. São Paulo, ANPOCS, *Ciências Sociais Hoje*, n. 2, p. 223-244. 1983.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JACCOUD, L. (org.). *A construção de uma política de promoção da Igualdade Racial: uma análise dos últimos 20 anos*. Brasília: Ipea, 2009. 238p. Disponível em: <https://bit.ly/2kmban7>. Acesso em: 10 março. 2021.

MORAES, Eunice Léa de. *Educação libertadora e feminismo negro: uma teia de resistência á interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe*. Curitiba: CRV, 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “*Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar*”: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 324f. Tese (Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHO, Carolina *et al.* *Pedagogia Feminista Negra*. Veneta, 2022.

PINHO, Carolina; AMARAL, Elisa Amanda Santos. As contribuições do pensamento feminista negro para uma educação infantil antirracista. (in) PINHO, Carolina *et al.* *Pedagogia Feminista Negra*. São Paulo: Veneta, 2022.

Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.

REGAZOLI, Juliana. *O ensino de educação para as relações étnico-raciais em uma perspectiva decolonial: Educação e produção do conhecimento no processo pedagógico*. II Seminário de educação, conhecimento e processos educativos: Educação e formação humana. 2019.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p. 97-114.

SANTOS, Rivia de Jesus. Curso de extensão pedagogia feminista negra/UEFS: Espaço de fortalecimento das vozes de mulheres negras. (in) PINHO, Carolina *et al.* *Pedagogia Feminista Negra*. São Paulo: Veneta, 2022.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa social em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas, 2012.

TRUTH, Sojourner. *Ain't I a Woman?. Feminist theory: A reader*, p. 79, 1851.